



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E CONTABILIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E CONTROLADORIA
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO E CONTROLADORIA

ALINE RIBEIRO GOMES

PRÁTICAS EMERGENTES NO ENFRENTAMENTO DOMICILIAR À PANDEMIA
DA COVID-19

FORTALEZA

2021

ALINE RIBEIRO GOMES

PRÁTICAS EMERGENTES NO ENFRENTAMENTO DOMICILIAR À PANDEMIA DA
COVID-19

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Administração e Controladoria. Área de concentração: Gestão Organizacional. Linha de pesquisa: Organizações, Estratégia e Sustentabilidade.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G612p Gomes, Aline Ribeiro.
PRÁTICAS EMERGENTES NO ENFRENTAMENTO DOMICILIAR À PANDEMIA DA COVID-19 /
Aline Ribeiro Gomes. – 2021.
109 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração,
Atuária e Contabilidade, Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho.

1. Consumo. 2. Teorias da prática. 3. COVID-19. I. Título.

CDD 658

ALINE RIBEIRO GOMES

PRÁTICAS EMERGENTES NO ENFRENTAMENTO DOMICILIAR À PANDEMIA DA
COVID-19

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Administração e Controladoria. Área de concentração: Gestão Organizacional. Linha de pesquisa: Organizações, Estratégia e Sustentabilidade.

Aprovada em: 03 / 03 / 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Áurio Lúcio Leocádio da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Marina Dantas de Figueiredo
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Aos meus informantes,
que mesmo enfrentando um momento tão
delicado, gentilmente compartilharam suas
experiências.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Ceará (UFC) por todas as oportunidades de aprendizado e suporte que tive, seja nas graduações, nas casas de cultura, nos projetos de extensão, pesquisa e ensino, e atualmente através do Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria (PPAC).

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pelo apoio financeiro.

Ao Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho, pela excelente orientação, contribuição, incentivo, apoio nos momentos difíceis e celebração nas conquistas acadêmicas. Seu acompanhamento fez a diferença na minha jornada acadêmica.

Ao Prof. Dr. Áurio Lúcio Leocádio da Silva, membro da minha banca, o qual para mim é sempre um prazer assistir suas aulas e ouvir suas reflexões. Agradeço as sugestões e contribuições.

À Profa. Dra. Marina Dantas de Figueiredo, também membro da minha banca, que virou meu “objeto de desejo” para participação na minha banca desde que a vi em uma banca na UNIFOR. Da mesma forma também sou grata pelas colaborações e sugestões.

Aos meus informantes, pelo tempo e dedicação concedidos nas entrevistas.

Aos colegas da turma de mestrado, que tornaram a realização dessa etapa mais leve.

Aos funcionários e professores da UFC.

Aos amigos que me acompanharam nessa jornada e me deram força para continuar.

À minha família e ao meu companheiro cujo apoio foi fundamental.

RESUMO

A pandemia da COVID-19 e as consequentes implicações de seu enfrentamento tiveram um impacto socioeconômico global e, à vista disso, influenciaram substancialmente o consumo. Novos hábitos emergem desse impacto e, por conseguinte, abrem-se novas oportunidades de pesquisa. Dessa forma, os comportamentos de consumo em contexto de crise sanitária envolvem diversas questões e um entendimento de como esses pontos podem afetar esse comportamento exigem também uma consideração da natureza social, assim, propõe-se as lentes das teorias da prática para o estudo das práticas domésticas de consumo. Este estudo objetiva examinar as mudanças decorrentes da pandemia da COVID-19 nas práticas domésticas de consumo de brasileiros por meio das lentes das práticas. Nesse intuito, foi utilizada uma abordagem qualitativa baseada nas teorias da prática cuja coleta de dados se deu mediante registros em ‘diários solicitados’ por via digital aliados a entrevistas, além das anotações em diário de campo. A análise se baseou nos elementos constituintes das práticas, seguindo preceitos de análise categorial. A partir das experiências de 34 informantes brasileiros residentes no Brasil e na Alemanha, buscou-se desvelar as materialidades, os significados e as competências em processo de incorporação das práticas de consumo em período de enfrentamento à COVID-19. Frente aos seus achados, percebeu-se diferentes impactos nos comportamentos de consumo, muitas vezes direcionados ao consumo insustentável. Esses novos padrões envolvem o aumento no consumo de produtos de limpeza, como a água sanitária e o sabão, acréscimo do álcool nessa rotina de desinfecção e elevação do consumo de água. As alterações sofridas nas performances invariavelmente culminam em impactos ambientais em diferentes ocasiões, apontando que a pandemia da COVID-19 está contribuindo para a poluição mundial e escassez de água. Estes resultados alertam para os desafios os quais governos, instituições e indivíduos terão de enfrentar na tentativa de reverter os efeitos danosos da pandemia nas metas de sustentabilidade. Assim, esta pesquisa busca contribuir com a literatura referente ao consumo em contexto de crise e à aplicação das teorias da prática em situação de ruptura do cotidiano.

Palavras-chave: Consumo. Teorias da prática. COVID-19.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic and its consequent implications had a global socioeconomic impact and, given this, substantially influenced consumption. New habits emerge from this impact, and new research opportunities are opening up. Thus, consumer behaviors in the context of a health crisis involve several issues, and an understanding of how these points can affect this behavior also requires a consideration of the social nature. We propose the practice theory lenses for the study of practices consumption-related household. This study aims to examine the changes resulting from the COVID-19 pandemic in domestic consumption practices related to Brazilians through the lens of the practices. For this purpose, we used a qualitative approach based on practice theory whose data collection took place through records in 'solicited diaries' digitally combined with interviews, in addition to notes in the field diary. We based the analysis on the constituent elements of the practices, following the precepts of categorical analysis. Based on the experiences of 34 Brazilian informants living in Brazil and Germany, we sought to unveil the materialities, meanings, and skills in the process of incorporating practices related to consumption in a period of confrontation with COVID-19. We noticed different impacts on consumption behaviors, often directed at unsustainable consumption. These new standards involve the increase in the consumption of cleaning products, such as bleach and soap, an increase in alcohol in this disinfection routine, and an increase in water consumption. The changes suffered in the performances invariably culminate in environmental impacts on different occasions, pointing out that the COVID-19 pandemic is contributing to global pollution and water scarcity. These results alert to the challenges that governments, institutions, and individuals will have to face in an attempt to reverse the damaging effects of the pandemic on sustainability goals. Thus, this research seeks to contribute to the literature referring to consumption in a crisis context and the application of theories of practice in a situation of disruption in daily life.

Keywords: Consumption. Practice theory. COVID-19.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Três elementos constituintes da prática	30
Figura 2	– Proto-práticas, práticas e ex-práticas	32
Figura 3	– Elementos entre práticas	33
Figura 4	– Convergência dos dados da pesquisa	51
Figura 5	– Um modelo simplificado de ‘códigos para a teoria’ para investigação qualitativa	52
Figura 6	– Fotos dos principais elementos materiais utilizados na limpeza e desinfecção do chão	55
Figura 7	– Fotos de algumas atividades constituintes das práticas de limpeza das máscaras e sua materialidade	58
Figura 8	– Fotos de alguns momentos das práticas de limpeza das mãos e a materialidade envolvida	60
Figura 9	– Fotos do manejo das embalagens que transportam e/ou acondicionam os produtos comprados pelos residentes no Brasil	62
Figura 10	– Fotos dos elementos materiais utilizados na limpeza de produtos hortifrúti	64
Figura 11	– Fotos dos diferentes procedimentos adotados na limpeza de produtos não hortifrúti e seus elementos materiais	65
Figura 12	– Fotos de diferentes tipos e marcas de álcool utilizados pelos informantes	66
Figura 13	– Fotos de diferentes tipos de elementos materiais e utilização referentes às práticas de uso das máscaras	70
Figura 14	– Fotos de alguns momentos das práticas de compra em estabelecimentos físicos supermercadistas e seus elementos materiais	73
Figura 15	– Fotos de elementos materiais que viabilizam a prática de compra via <i>delivery</i>	74
Figura 16	– Fotos dos espaços nos quais os produtos dispostos nas sacolas plásticas de supermercado são deixados	77

Figura 17 – Fotos dos elementos materiais dos descartes de sacolas plásticas de supermercado	78
Figura 18 – Fotos dos diferentes procedimentos adotados no manejo de sacolas plásticas de supermercado	79
Figura 19 – Elementos entre as práticas de limpeza das compras e as práticas de reuso das sacolas de supermercado	81
Figura 20 – Elementos entre as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de limpeza das mãos	82
Figura 21 – Elementos entre as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de reuso das sacolas de supermercado	83
Figura 22 – Elementos entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza e desinfecção de superfícies, as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de limpeza das compras	84
Figura 23 – Elementos entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza das mãos, as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de limpeza das compras	85
Figura 24 – Elementos entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza e desinfecção de superfícies, as práticas de supermercado (físico), as práticas de limpeza das compras e as práticas de limpeza das mãos	86
Figura 25 – Elementos entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza e desinfecção de superfícies, as práticas de compras de supermercado (físico), as práticas de limpeza das compras e as práticas de limpeza das mãos	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil demográfico dos entrevistados	46
Quadro 2 – Etapas da pesquisa de campo	47
Quadro 3 – Tópicos referentes às práticas domésticas de consumo investigadas	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDC	Centers for Disease Control and Prevection
INF	Intervenções Não Farmacológicas
TdP	Teorias da Prática
UNEP	United Nations Environment Programme
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Contextualização	15
1.2	Problema	18
1.3	Objetivos	18
<i>1.3.1</i>	<i>Objetivo geral</i>	18
<i>1.3.2</i>	<i>Objetivos específicos</i>	18
1.4	Justificativa	18
1.5	Estrutura da dissertação	21
2	VISÃO GERAL TEÓRICA: PRÁTICAS DOMÉSTICAS DE CONSUMO EM CONTEXTO DE PANDEMIA	22
2.1	Consumo: cotidiano e (in)sustentabilidade em contexto de pandemia	22
2.2	Teorias da prática: elementos e nexos	27
2.3	Práticas de limpeza	34
<i>2.3.1</i>	<i>Práticas de limpeza e desinfecção de superfícies</i>	35
<i>2.3.2</i>	<i>Práticas de limpeza das máscaras</i>	36
<i>2.3.3</i>	<i>Práticas de limpeza das mãos</i>	37
<i>2.3.4</i>	<i>Práticas de limpeza das compras</i>	38
2.4	Práticas de uso das máscaras	39
2.5	Práticas de compras de supermercado	41
2.6	Práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado	42
3	PERCURSO METODOLÓGICO	44
3.1	Classificação do estudo	44
3.2	Sujeitos e campo de pesquisa	45
3.3	Técnicas de coleta dos dados	48
3.4	Análise dos dados	51
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	54
4.1	Práticas de limpeza e desinfecção de superfícies	54
4.2	Práticas de limpeza das máscaras	56
4.3	Práticas de limpeza das mãos	58
4.4	Práticas de limpeza das compras	61

4.5	Práticas de uso das máscaras	69
4.6	Práticas de compras de supermercado	71
4.6.1	<i>Práticas de compras nos estabelecimentos físicos</i>	71
4.6.2	<i>Práticas de compras via delivery</i>	74
4.7	Práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado	76
4.8	Nexos das práticas domésticas de consumo	81
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REFERÊNCIAS	91
	APÊNDICE A – ETAPAS DE ORIENTAÇÕES AOS INFORMANTES	105
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA	109

1 INTRODUÇÃO

Esta seção apresenta em linhas gerais o contexto teórico no qual o problema de pesquisa se encontra inserido. Após a identificação de seus objetivos, é realizada a justificativa do estudo. A forma como a dissertação se encontra estruturada é apresentada ao final desta seção.

1.1 Contextualização

Em dezembro de 2019 foi registrado na China o primeiro caso de COVID-19 (TAO *et al.*, 2020). Trata-se de uma doença do trato respiratório causada pelo vírus SARS-CoV-2 com alto potencial de propagação (HUANG *et al.*, 2020) onde a mudança de comportamento dos indivíduos tem se mostrado como fator preponderante na redução da sua transmissão (WEST *et al.*, 2020). Apesar de representar uma necessidade emergente na atualidade, a importância da necessidade dessa mudança já foi retratada historicamente em epidemias anteriores, cuja redução significativa na taxa de mortalidade é o principal resultado da adoção de medidas (TOMES, 2010) de prevenção e controle de doenças respiratórias (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2014).

A impossibilidade de imunização e vacinação neste momento tem impulsionado a busca de alternativas paliativas para dificultar a sua transmissão (GARCIA; DUARTE, 2020), haja vista que a sobrevivência e persistência do SARS-CoV-2 em questão de horas ou dias em superfícies inanimadas revelam a potencialidade de transmissão do coronavírus através destas (KAMPF *et al.*, 2020), dado que demonstra a essencialidade das práticas de limpeza no enfrentamento à COVID-19.

O papel a ser desempenhado pelos governos para contenção dessa transmissão é de fundamental importância, no entanto, a forma como os indivíduos lidam com as recomendações de combate à propagação do vírus serão preponderantes no seu impacto (ANDERSON *et al.*, 2020). Como medidas paliativas no enfrentamento à doença, são indicadas as intervenções não farmacológicas [INF] (CHU *et al.*, 2020; GARCIA; DUARTE, 2020), que nada mais são do que condutas às quais indivíduos e comunidades podem aderir com o intuito de colaborar na desaceleração de infecções por vírus respiratórios (QUALLS *et al.*, 2017). No âmbito individual, Qualls *et al.* (2017) afirmam que essas precauções incluem medidas como higiene das mãos, etiqueta respiratória e uso de máscaras faciais.

Por ocasião da pandemia da COVID-19, a *World Health Organization* [WHO] (2020a, b, c) aconselha como medidas de enfrentamento e inibição da propagação do vírus a higienização das mãos, distância social de um metro, evitar aglomerações, se auto isolar em caso de surgimento de qualquer sintoma relacionado à doença, limpeza e desinfecção de superfícies, uso de máscaras, informar-se a respeito da COVID-19 em fontes atuais e confiáveis, além de disponibilizar orientações no tocante à utilização de produtos de limpeza e desinfecção, protocolos de segurança em caso de compras em supermercados, entre outras.

A incorporação dessas medidas individuais de prevenção por parte da população aliadas às ações do poder público influenciam diretamente na forma como a doença irá evoluir e, conseqüentemente, na taxa mundial de óbitos (OLIVEIRA; LUCAS; IQUIAPAZA, 2020). A WHO (2020b) frequentemente tem realizado publicações que orientam quanto às medidas que devem ser seguidas para que se combata as possibilidades de infecção pelo vírus. E, em vista disso, as rotinas de consumidores (CHAUHAN; SHAH, 2020) e empresas têm sofrido bruscas e intensas mudanças (DONTHU; GUSTAFSSON, 2020; PANTANO *et al.*, 2020), uma vez que o mundo todo teve de aderir às determinações de quarentena (CHINAZZI *et al.*, 2020), sobretudo o isolamento social (WEST *et al.*, 2020), o uso de máscaras (BETSCH *et al.*, 2020; FENG *et al.*, 2020) e a limpeza de superfícies inanimadas como plástico, papel, metal, vidro, entre outros (KAMPF *et al.*, 2020). Como efeito dessas fortes mudanças, as práticas sociais na esfera do consumo tiveram seus padrões e hábitos modificados.

Shove (2003a, p. 82) elucida que o surgimento de novas práticas de limpeza implicam no reajuste de “ideais e ordens sociais dentro, mas talvez também entre e através das sociedades”. E, por mais que a pandemia da COVID-19 esteja impactando o mundo todo, este reajuste social sobre o qual a autora discorre pode ocorrer de diferentes maneiras, haja vista as diferenças culturais de consumo entre os países (DE MOOIJ; HOFSTEDE, 2011), as diversas estratégias de enfrentamento adotadas pelos governos (HUYNH, 2020) e as variações de comportamentos que podem ser adotados pelos indivíduos (BALLANTINE; ZAFAR; PARSONS, 2014; CHAUHAN; SHAH, 2020; DONTHU; GUSTAFSSON, 2020; MARTIN-NEUNINGER; RUBY, 2020; PANTANO *et al.*, 2020).

Além da possibilidade de rearranjos sociais, há de se considerar os impactos dessas transformações, que pode se dar em diferentes ordens, incluindo no que tange ao consumo sustentável. Práticas associadas ao consumo sustentável, conforme a *United Nations Environment Programme* [UNEP] (2015) demandam uma consciência das opções de consumo possíveis, seu impacto em diferentes momentos de seu processo, bem como a noção do que

pode ser feito para o aprendizado e evolução do sistema de consumo. Essa abordagem holística de todo o ciclo de consumo para o entendimento do comportamento do consumidor na aderência a práticas mais sustentáveis também é ressaltado no estudo de Prothero *et al.* (2011).

A lente teórica das Teorias da Prática [TdP] nos estudos de consumo descobre fenômenos usualmente ocultos na sua análise cultural por destacar aspectos distintos do comportamento (WARDE, 2015). Nessa teoria, “as práticas emergem, persistem, se alteram e desaparecem quando as conexões entre seus três elementos são realizadas, mantidas ou rompidas” (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012, pp. 14-15, tradução nossa). Apesar de não existir uma abordagem única para o seu estudo (RECKWITZ, 2002; SCHATZKI, 2005a), as práticas enquanto rotinas não racionalizadas têm sua interpretação viabilizada por meio de conjuntos de elementos constituintes (RECKWITZ, 2002).

A cada vez que uma prática é executada, seus elementos são integrados de formas flexíveis, no entanto, o fato dessa integração ocorrer de modo flexível não descaracteriza o reconhecimento desses elementos (SPURLING *et al.*, 2013). Assim, independente da prática desempenhada, é possível reconhecer seus elementos materiais, significado e competências (SCHÄFER *et al.*, 2018; SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012; SPURLING *et al.*, 2013; SÜSSBAUER; SCHÄFER, 2018).

Existem diferentes visões acerca da forma como esses elementos constituintes das práticas são estruturados e a utilizada neste estudo segue a proposta de Shove, Pantzar e Watson (2012), que trata os elementos das práticas como sendo o material, significado e competência. Neste sentido, este estudo propõe desenvolver uma compreensão dos hábitos do consumidor em contexto de isolamento social decorrente de crise sanitária através de uma pesquisa baseada nas teorias da prática. O entendimento das experiências retratadas perpassa por questões como aumento do consumo de produtos de higiene, maior preferência por produtos com embalagens plásticas, protocolo de higienização de produtos pós-compra e das sacolas plásticas de supermercado para seu posterior reuso, bem como isso é encarado como o ‘novo normal’ de suas rotinas.

A partir das experiências de 34 informantes brasileiros residentes no Brasil e na Alemanha, buscou-se desvelar as materialidades, os significados e as competências em processo de incorporação das práticas de consumo em período de enfrentamento à COVID-19. Assim, esta pesquisa busca contribuir com a literatura referente ao consumo em contexto de crise e à aplicação das teorias da prática em situação de ruptura do cotidiano por meio do

aprofundamento de uma experiência emergente que está impactando em diferentes níveis os processos de aquisição e uso de bens e serviços, bem como o descarte.

1.2 Problema

Tendo em vista a incipiência de estudos envolvendo as teorias da prática e o consumo num contexto de pandemia e a sua relevância em se tratando de uma pesquisa que retrata um fenômeno em tempo real, buscou-se neste estudo atender a seguinte pergunta de pesquisa: **como a pandemia da COVID-19 tem alterado as práticas domésticas de consumo?**

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Com o intuito de responder o questionamento proposto pela pesquisa, tem-se como objetivo geral **examinar as mudanças decorrentes da pandemia da COVID-19 nas práticas domésticas de consumo de brasileiros.**

1.3.2 Objetivos específicos

Para o cumprimento do objetivo geral proposto, tem-se como objetivos específicos:

- a) identificar as práticas domésticas de consumo emergentes no combate à propagação da COVID-19;
- b) descrever os elementos materiais, significado e competência das práticas identificadas;
- c) compreender a dinâmica das práticas identificadas por meio do surgimento e fixação dos elementos.

1.4 Justificativa

Situações de crise apresentam inúmeros impactos sociais, sejam eles psicossociais, sociodemográficos, socioeconômicos ou sociopolíticos (LINDELL; PRATER, 2003). Shove,

Trentmann e Wilk (2009) enfatizam que situações de rupturas do padrão rítmico do cotidiano se constituem como oportunidades singulares de observação do desencadeamento desse padrão em condições de estresse, o que por si só já justifica a investigação desse fenômeno. Pandemias provocam perda de vidas, derrubam economias e proporcionam o caos social e cada vez mais, conforme estudos científicos, elas representarão um risco constante (DONTHU; GUSTAFSSON, 2020; GLOBAL PREPAREDNESS MONITORING BOARD, 2019).

O atual cenário pandêmico já se mostrou com graves consequências socioeconômicas no mundo todo (DONTHU; GUSTAFSSON, 2020) onde mais de 100 milhões de vidas foram afetadas diretamente e o número de mortos já ultrapassou a ordem de dois milhões (EUROPEAN CENTRE FOR DISEASE PREVENTION AND CONTROL, 2021; JOHNS HOPKINS UNIVERSITY, 2021; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021). E mesmo não sendo a primeira pandemia a qual o mundo enfrenta, encontram-se dificuldades na estimativa de seus impactos econômicos, comportamentais ou sociais em um futuro distante, já que não existem muitos estudos desses aspectos em contexto de crise sanitária (DONTHU; GUSTAFSSON, 2020).

Mais escassos ainda são os registros científicos no tocante à forma como os indivíduos têm seus hábitos de consumo transformados em decorrência de uma pandemia (BAKER *et al.*, 2020). Por conseguinte, a pesquisa social se faz necessária e importante para a documentação das experiências cotidianas dos indivíduos frente a essa circunstância e consequentes mudanças socioeconômicas, pois, como ressalta Warde (2015), a análise sociológica do consumo apresenta inúmeras contribuições, quer seja para as sociedades, quer seja para a teoria do consumo. Em se tratando de consumo sustentável, a compreensão de culturas de consumo, valores, visões de mundo e narrativas colaboram para que gestores públicos e empresários possam desenvolver estratégias com foco na sustentabilidade que sejam mais eficazes (JACKSON; MICHAELIS, 2003).

Em contextos de crise, participantes de uma prática mostram-se mais propensos a discutir como “novas situações podem ser acomodadas a práticas existentes, além dos novos ajustes e introdução de novas práticas” (BUEGER, 2014, p. 396, tradução nossa). Nesse sentido, a relevância deste estudo se manifesta em diferentes frentes, seja no seu registro de valor histórico, seja no recorte social explorado, seja na investigação de aspectos ligados ao consumo, ou ainda nas implicações teóricas e práticas as quais ele possa apresentar.

Frente ao impacto socioeconômico da pandemia da COVID-19, a contribuição científica deste estudo se volta para a compreensão de hábitos de consumo em um cenário

disruptivo, para o registro de um fenômeno global em tempo real e para a aplicação empírica da lente teórica das práticas. Assim, esta dissertação busca avançar no campo teórico do consumo em contexto de crise com foco específico na aplicação das teorias da prática em situação de ruptura do cotidiano. Outra contribuição científica deste estudo reside no campo da metodologia qualitativa, fornecendo uma estrutura de investigação que permite uma pesquisa de forma sanitariamente segura por meio de infraestrutura online.

Ao expor como os consumidores estão lidando com as transformações que a pandemia da COVID-19 está ocasionando em seus hábitos, quais recursos estão sendo demandados e mobilizados na execução das práticas emergentes neste contexto, que sentimentos estão se perpetuando na sua experiência de consumo e quais impactos essas mudanças nos hábitos estão provocando no planeta, espera-se que esta dissertação contribua, em termos gerenciais, para a perspectiva de desenvolvimento de produtos, serviços e estratégias que possam amenizar os possíveis sentimentos negativos decorrentes das práticas emergentes, além de chamar a atenção de agentes públicos para a necessidade de medidas que minimizem os impactos no meio ambiente em vista do aumento da pegada ambiental.

Ademais, as alterações no consumo advindas de um contexto que implica em perturbação do bem-estar, tanto no âmbito individual quanto no coletivo e em diferentes campos, sejam eles social, econômico e ambiental (SEVERO; DE GUIMARÃES; DELLARMELIN, 2021), apontam para a necessidade de pesquisadores, inclusive na esfera do consumo, que busquem identificar as adversidades e desafios enfrentados pelos consumidores no contexto pandêmico com o intuito de mapear, compreender e propor soluções de restabelecimento desse bem-estar. Ao se desenvolver um melhor entendimento da função do consumo em diferentes contextos, o que inclui a conjuntura da pandemia, também pode-se contribuir para a geração de padrões de consumo mais sustentáveis (SESINI; CASTIGLIONI; LOZZA, 2020).

Desta forma, a compreensão do comportamento de consumo em contexto pandêmico, além do seu valor histórico e caráter de excepcionalidade, representa um fator de grande importância nos estudos sociais e de marketing, com implicações e possíveis aplicações na esfera organizacional. A investigação de um conjunto de práticas no âmbito doméstico viabiliza uma visão mais abrangente de sua dinâmica (BREADSELL; MORRISON, 2020; GREENE; RAU, 2018), bem como dos impactos da COVID-19 no consumo nesse domínio.

Esta dissertação avança o conhecimento sobre comportamentos (in)sustentáveis de consumo em contexto de crise utilizando-se das teorias das práticas, contribuindo, dessa forma,

para a literatura de marketing social e ambiental ao investigar as mudanças comportamentais em um contexto de ruptura e, de forma mais específica, contribui para a compreensão dos processos de consumo doméstico insustentáveis por meio das teorias da prática permitindo que se tome conhecimento de mecanismos que possam atenuar barreiras ao consumo sustentável.

1.5 Estrutura da dissertação

Este estudo encontra-se estruturado em sete seções. Assim, ele se inicia introduzindo as temáticas que serão aprofundadas posteriormente e apresenta a contextualização, a problemática acompanhada de seus objetivos que auxiliarão na sua operacionalização e encerra apontando a justificativa do estudo, bem como sua estrutura.

Na segunda seção é abordada a fundamentação teórica, que se inicia apresentando conceitos ligados ao consumo e como a pandemia tem impactado neste. Em seguida se aprofunda na literatura referente às Teorias da prática para enfim apresentar discussões teóricas sobre as práticas domésticas de consumo emergentes no contexto da pandemia da COVID-19.

A terceira seção apresenta o percurso metodológico adotado pelo estudo, tratando de sua classificação, sujeitos da pesquisa e campo de pesquisa, além das técnicas de coleta de dados seguidas do seu método de análise dos dados. Já a quarta seção conta com a análise e discussão das sete práticas exploradas nesta dissertação. A quinta seção, de considerações finais, aponta para as contribuições do estudo e apresenta suas limitações e perspectivas de estudos futuros. Por fim, esta dissertação se encerra com as referências bibliográficas e apresentação de seus apêndices.

2 VISÃO GERAL TEÓRICA: PRÁTICAS DOMÉSTICAS DE CONSUMO EM CONTEXTO DE PANDEMIA

Esta seção apresenta as bases teóricas nas quais o presente estudo se fundamentou, mediante revisão da literatura. Dessa forma, o referencial teórico se divide em duas partes: a primeira, investiga o consumo e explora os possíveis impactos neste fenômeno mediante o contexto de pandemia. Já a segunda parte se dedica às Teorias da Prática e às mudanças decorrentes da pandemia da COVID-19 nas práticas domésticas de consumo, quais sejam: limpeza e desinfecção de superfícies, limpeza das máscaras, limpeza das mãos, limpeza das compras, uso das máscaras, compras de supermercado e reuso das sacolas plásticas de supermercado. Tais práticas foram selecionadas em vista das instruções da *World Health Organization* para o enfrentamento da pandemia e algumas emergiram no campo estudado.

2.1 Consumo: cotidiano e sustentabilidade em contexto de pandemia

O termo consumo assume significações ambíguas que oscilam entre positividade e negatividade, podendo, por exemplo, ser compreendido como uso e manipulação e/ou como experiência; também está ligado à compra e ainda denotar exaustão, esgotamento e realização (BARBOSA; CAMPBELL, 2006). Etimologicamente a palavra consumo é derivada do latim *consumere*, cujo significado remete ao uso de tudo, esgotamento, desperdício e destruição (BARBOSA; CAMPBELL, 2006; GRAEBER, 2011); no francês essa palavra se origina de uma raiz diferente da latina e é exprimida como *consummation*, que se traduz em somar, tomar posse (GRAEBER, 2011).

Usualmente a definição de consumo reportava a um ato isolado de compra, mas nas últimas décadas essa visão foi ampliada para processos culturais mais abrangentes (MANSVELT, 2017; PATERSON, 2006). Goodman e Cohen (2004, p. 2, tradução nossa) conceituam o consumo como “um conjunto de práticas por meio das quais as mercadorias se tornam parte de um determinado indivíduo”. Segundo os autores, o consumo não se limita à obtenção dos significados inerentes ao produto, ele vai além e se comporta como uma via de interação social na qual o indivíduo também pode criar ou destruir significados frente ao produto.

Academicamente, a definição mais usual para o termo consumo é alusiva a “qualquer atividade que envolva compra, uso ou desfrute de qualquer produto manufaturado ou

agrícola para qualquer propósito que não seja a produção ou troca por novas mercadorias” (GRAEBER, 2011, p. 491). Mansvelt (2017) chama atenção para o acréscimo da atividade de descarte a essa definição, assim, a autora salienta que o consumo consiste num conjunto de relações sociais, discursos e práticas que compreendem a venda, aquisição, uso e descarte de mercadorias. A autora também frisa que as sucessões de práticas associadas ao consumo possuem um caráter material e simbólico, podendo assumir tanto espaços de trocas mercadológicas quanto locais de desperdício. O ato de consumir, de acordo com Barbosa (2004), é parte constituinte de toda e qualquer sociedade. A autora explana que desde os anos 80, período em que a sociologia se voltou para o consumo, houve um reconhecimento da sua centralidade no desenrolar da reprodução social das sociedades.

Enquanto campo investigativo das ciências sociais, o consumo se transformou em uma área complexa, abrangendo uma diversidade de “atividades, atores e um conjunto de bens e serviços que não se restringem necessariamente aos providos sob a forma de mercadorias”. (BARBOSA; CAMPBELL, 2006, p. 25). Nessa alçada, o consumo possui um papel significativo para o desenvolvimento de ambientes construídos e cultura material, além de se constituir como componente necessário à manutenção e expressão da vida humana (MANSVELT, 2017). E, dessa forma, ele se insere na “reprodução cultural de relações sociais”, que se dá por meio das práticas sociais na vida cotidiana (SLATER, 2002, p. 146).

A vida cotidiana, seja em situação de interrupção ou não, se constrói no campo do consumo (SHOVE; TRENTMANN; WILK, 2009) e é nele que nossas práticas do dia a dia se encontram estruturadas (GOODMAN; COHEN, 2004). O processo de consumo, sob a perspectiva das teorias da prática, compreende a aquisição e uso de bens e serviços e, enquanto objeto de estudo científico, o consumo tem como enfoque a “organização social das atividades por meio das quais itens são incorporados, utilizados e descartados” (WARDE, 2015, p. 118, tradução nossa). Em um contexto de pandemia, esses processos encontram-se sujeitos a impactos, já que, segundo Sheth (2020), as experiências passadas frente a epidemias globais reportam a repercussões substanciais no consumo.

Crises provocam a interrupção dos acontecimentos circunstanciais e perturbam a concretização de projetos, planos e linhas de ação pretendidas, sejam individuais ou coletivos (SCHATZKI, 2016), além de se comportarem como processos nos quais as estruturas ou rotinas falham (BUEGER, 2014). Historicamente tem-se o registro de vastas transformações sociais resultantes de contextos de crise (DONTHU; GUSTAFSSON, 2020; KIRK; RIFKIN, 2020) e

é nítido o impacto dos desastres nos comportamentos de consumo (BALLANTINE; ZAFAR; PARSONS, 2014; PANTANO *et al.*, 2020).

“As interrupções revelam a elasticidade da vida cotidiana” (TRENTMANN, 2009, p. 71, tradução nossa), pois é através delas que o habitual entra na condição de paralisia e impulsiona uma modificação de “condição de consciência e prática”, provocando nos indivíduos a reflexão acerca da situação na qual se encontram e as resoluções do que fazer em vista dessa interrupção (SCHATZKI, 2016, p. 21). A pandemia da COVID-19 tem se mostrado como um fenômeno desencadeador de uma grave crise de saúde global na qual o comportamento humano vem enfrentando situações desafiadoras no combate à propagação do vírus (HUYNH, 2020).

Diante da inexistência de tratamento farmacêutico ou vacina efetiva para a cura ou prevenção de sua infecção (COTRIN *et al.*, 2020), tem-se observado diferentes intervenções não farmacológicas (GARCIA; DUARTE, 2020) no comportamento humano para que os indivíduos incorporem em seus hábitos medidas de proteção que minimizem o risco de transmissão do vírus (WEST *et al.*, 2020), dentre elas, a lavagem das mãos, o distanciamento social, evitar tocar nas outras pessoas e no próprio rosto (principalmente na região dos olhos, nariz e boca), o uso de máscaras faciais, bem como a desinfecção de objetos e superfícies (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020b), medidas estas que implicam em impactos socioeconômicos e ambientais.

Esses novos hábitos em prol da atenuação dos riscos provenientes da pandemia, em muitos casos realizados diariamente (COTRIN *et al.*, 2020), vêm marcando presença em diferentes níveis nos processos inerentes ao consumo. Em vista dessas novas condições, os processos de consumo podem implicar em maiores gastos em determinados itens que em um contexto anterior à pandemia os consumidores não tinham o costume de consumir (MARTIN-NEUNINGER; RUBY, 2020), acumulação de alguns itens, em especial os de limpeza (KIRK; RIFKIN, 2020; SHETH, 2020), preferência por produtos com embalagens plásticas e aumento no descarte destas (PATRÍCIO SILVA *et al.*, 2020), além da aquisição de novos hábitos permeando todos os processos do comportamento de consumo (SHETH, 2020), como, por exemplo, a aderência ou ampliação da utilização de serviços de entrega em domicílio (BHATTACHARYA; MAHBUB HOSSAIN; SINGH, 2020).

Ao se considerar os diferentes impactos que a pandemia da COVID-19 pode proporcionar no consumo e o conseqüente reflexo deste nas ordens socioeconômicas e ambientais, novas questões emergem, sobretudo no tocante ao consumo sustentável. Muitas

vezes enfrentando críticas quanto aos significados opostos que os dois termos dessa expressão representam (GORDON; CARRIGAN; HASTINGS, 2011; LIM, 2017; QUOQUAB; MOHAMMAD, 2020), o consumo sustentável é ainda um construto sem consenso quanto à sua definição (JACKSON; MICHAELIS, 2003; LIM, 2017). Lim (2017, p. 78) explana que se trata de um conceito de complexidade que implica numa “abordagem adaptativa, equilibrada e contextualizada”. Genericamente, “o consumo sustentável exige a adoção de hábitos de consumo sensatos, adequados às necessidades básicas e não ao consumo excessivo” (QUOQUAB; MOHAMMAD, 2020, p. 7). A definição proposta pelo Simpósio de Oslo em 1994 considera que o consumo sustentável se trata do:

uso de bens e serviços que respondam às necessidades básicas e tragam uma melhor qualidade de vida, enquanto minimizam o uso de recursos naturais, materiais tóxicos e emissões de resíduos e poluentes ao longo do ciclo de vida, de forma a não comprometer as necessidades das gerações futuras (MINISTRY OF ENVIRONMENT NORWAY, 1994).

O consumo sustentável, em conjunto com a produção sustentável, se configura como um dos elementos chave para o alcance do desenvolvimento sustentável (UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME, 2015) e sua consecução exige esforço em diferentes frentes da sociedade, seja através de instauração de políticas governamentais, seja por meio de processos educativos, ou ainda mediante ações do setor privado e também através do envolvimento dos consumidores (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 1999; UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME, 2015), uma vez que estes, através de seus hábitos de consumo tanto individuais como parte pertencente a núcleos sociais, como a família, contribuem consideravelmente para que o meio ambiente seja devastado (BISWAS; ROY, 2015).

Ademais, o consumo sustentável não envolve apenas dar preferência a opções de produtos mais sustentáveis, ele também considera a não aquisição de produtos e serviços ou ainda lançar mão de alternativas substitutivas à compra com o menor impacto negativo ambiental, econômico e social possíveis no processo de satisfação das necessidades dos consumidores. Somado a esses fatores, no que tange ao consumidor, também são consideradas a infraestrutura social e física na qual os comportamentos voltados ao consumo sustentável podem se dar (UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME, 2015). Da mesma forma, abrange o combate ao consumo insustentável, proveniente da inconsistência de atitudes e comportamentos do consumidor (PROTHERO *et al.*, 2011).

Lim (2017) enfatiza que as práticas de consumo sustentável são concretizadas a partir do êxito de ações sustentáveis provenientes da exteriorização das crenças internas e responsabilidades do consumidor aliadas à sua aversão e repulsa por práticas de consumo insustentáveis. Assim, o alcance do consumo sustentável demanda do consumidor conscientização e ação que se traduzem em práticas com vistas à minimização de seu impacto (ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 1999) e redução ou até mesmo abandono das práticas tidas como insustentáveis (LIM, 2017; PROTHERO *et al.*, 2011).

No âmbito das práticas, Shove, Trentmann e Wilk (2009, p. 4) salientam que o consumo tem sua definição dada de forma abrangente como um “feixe de várias práticas e o uso das coisas”. Posteriormente, Warde (2015) corrobora essa afirmação explanando que a lógica do consumo não reside no processo de escolha dos itens, mas nas práticas em que eles são utilizados, o que demanda foco em um vasto conjunto de relações, interações e processos sociais. Evans (2018, p. 4, tradução nossa) da mesma forma reforça essa ideia explicando a necessidade de ‘momentos’ de consumo para a “realização de práticas conforme os padrões vigentes de normalidade e conduta apropriada”. Assim sendo, o consumo apresenta uma vasta variabilidade que se dá conforme as práticas as quais ele se encontra atrelado (HUI, 2012).

O consumo e a prática doméstica se vinculam intimamente na reprodução do que é considerado normal pelos indivíduos e, igualmente, modos de vida comuns (SHOVE, 2003b). Esses processos sociais comuns encontram nas teorias da prática um suporte analítico para a compreensão do consumo (WARDE, 2014) de grande valor (HUI, 2012). E quando aliadas a um cenário de crise, as lentes das práticas encontram oportunidades de investigação de modos de vida comuns tendo a sua dinâmica bruscamente interrompida pela introdução de uma nova prática, um encontro crítico entre práticas ou um novo participante de uma prática (BUEGER, 2014).

Dessa forma, o comportamento de consumo em contexto de crise sanitária envolve diversas questões e um entendimento de como esses pontos podem afetar esse comportamento exigem também uma consideração da natureza social, isto posto, propõe-se as lentes das práticas para o estudo das práticas domésticas de consumo no cenário da pandemia da COVID-19.

2.2 Teorias da prática: elementos e nexos

O termo ‘*practice theory*’ é destacado em seus primórdios por Sherry Ortner (1984) e outros poucos autores (BUEGER, 2014; HUI; SCHATZKI; SHOVE, 2017), a partir dos quais a expressão passou a representar uma escola de pensamento (HUI; SCHATZKI; SHOVE, 2017) na qual a ‘prática’ é tida como um aspecto fundamental para a vida social (EVANS, 2018; RECKWITZ, 2002; SCHATZKI, 2005a, 1996, 2015) porque é o “local onde a compreensão é realizada e a inteligibilidade articulada” (SCHATZKI, 1996, p. 210, tradução nossa) e o ato de fazer alguma coisa sempre se configura como o desempenho de uma prática (WATSON, 2012).

Há que se ressaltar que, para o entendimento das práticas, um primeiro aspecto a ser considerado é a diferença entre os termos ‘práticas’ e ‘prática’. Enquanto a ‘prática’ (práxis) se refere ao conjunto das ações humanas em contraposição à teoria e à reflexão, as ‘práticas’ (*praktik*) na condição das práticas sociais (RECKWITZ, 2002) diz respeito a um comportamento rotineiro que se constitui de diversos elementos que se interligam (EVANS, 2018; RECKWITZ, 2002). Uma prática, ou seja, “uma forma de cozinhar, de consumir, de trabalhar, de investigar, de cuidar de si e dos outros, etc.” constitui uma espécie de ‘bloco’ que só permanece erguido enquanto os seus elementos constituintes existem e se interconectam e, ademais, essa prática não pode se reduzir a somente um de seus elementos. É condição essencial a existência de todos esses elementos em processo de conexão (RECKWITZ, 2002, pp. 249-250, tradução nossa).

O vocábulo ‘práticas’ remete às atividades humanas organizadas (SCHATZKI, 2015), nas quais qualquer prática abriga um misto de ações espaciais e temporais organizadas e amplas (SCHATZKI, 2005b, 2015). Essa ordenação das práticas sociais no espaço e no tempo se constitui como um campo de estudo elementar das ciências sociais (GIDDENS, 1984). O reconhecimento das práticas existentes em um intervalo de espaço-tempo requer um entendimento dos elementos organizacionais das práticas, pois é essa apreensão que permite identificar as variedades organizadas de ações existentes nesse intervalo (SCHATZKI, 2016).

A palavra ‘prática’ nessa teoria é dotada de uma polissemia de significados, que remete não somente a ações organizadas, ela também insere essas atividades humanas sequenciadas em contextos sociais e materiais (HUI; SCHATZKI; SHOVE, 2017). As teorias da prática permitem, de uma forma peculiar e distinta, a investigação das ações dos indivíduos, bem como sua relação com a ordem e mudança social (WATSON, 2012). Ademais, as práticas

paulatinamente vêm concebendo seus espaços de reprodução na vida social (SCHATZKI, 2015).

Dizer que as práticas são sociais, na visão de Reckwitz (2002, p. 250, tradução nossa), é redundante, uma vez que a prática é “um ‘tipo’ de comportamento e compreensão que aparece em diferentes locais e em diferentes pontos do tempo e é realizado por diferentes corpos/mentes”. Evans (2018, p. 4) explica que essa visão ontológica das ‘práticas’ enquanto *locus* primário do social as admite como “entidades reconhecíveis e discerníveis” que comportam tanto as atividades práticas como a sua representação, e seu exercício cotidiano se dá de uma forma não muito consciente pelos indivíduos. No momento em que estes indivíduos desempenham uma prática, “a organização desta é parcialmente responsável pelo que fazem e, portanto, pelas ordens realizadas” (SCHATZKI, 2005c, p. 62, tradução nossa).

A compreensão dos conjuntos de ações constituintes das práticas se dá pelo conjunto de ‘dizeres’ e ‘fazeres’ referentes a essas ações (SCHATZKI, 2005b, 1996, 2002) e o entendimento desse nexo não pertence somente ao universo do agente ou agentes que participam das práticas: da mesma forma também pode ser inteligível a quem desempenha o papel de observador (RECKWITZ, 2002). No entanto, a carreira de praticante só é desenvolvida com a construção da experiência e do aprendizado na participação das práticas. Esses dois fatores é que proporcionarão a formação de habilidades e, conforme o seu desenvolvimento, serão inculcados novos significados à atividade e que, porventura, acionarão equipamentos mais avançados ou complementares (RØPKE, 2009).

Por ser aplicada e estudada em diferentes áreas, ela apresenta abordagens distintas, destacando-se como um dos poucos consensos o caráter de diversidade ao qual a abordagem das práticas se encontra (SCHATZKI, 2005a): desde a última década do século passado até o presente momento seu arcabouço teórico tem se desenvolvido em inúmeras áreas como a educação, geografia, história, arte, sociologia, ciência política e estudos organizacionais (HUI; SCHATZKI; SHOVE, 2017) contando com obras de autores como Giddens (1984), Bourdieu (2011), Schatzki (1996, 2002), Reckwitz (2002), Nicolini (2012, 2017), Gherardi (2019) e Shove, Pantzar e Watson (2012).

Múltiplos são também os fenômenos aos quais os estudos dessa abordagem se debruça, como o consumo, o aprendizado, o ensino, as profissões, a migração, as organizações, as relações internacionais, a sustentabilidade e o uso de energia (HUI; SCHATZKI; SHOVE, 2017). Warde *et al.* (2017) destacam a importância do papel que essa teoria tem desempenhado na evolução das discussões na área do consumo. Em obra anterior, Warde (2015) explica que:

A virada da prática perturba especialmente o estudo do consumo, fornecendo um apelo para investigações que reequilibrem a ênfase anteriormente predominante na cultura. Para tanto ela tem explorado a ideia de que o consumo é um processo primariamente de apropriação e apreciação de bens e serviços, para uso multifacetado e frequentemente mundano, e não meramente aquisição por meio de troca de mercado e exibição comunicativa. (WARDE, 2015, p. 129, tradução nossa).

No consumo, a análise das práticas muitas vezes é operacionalizada baseando-se em seus elementos constituintes, cuja estruturação é trabalhada de diversas maneiras por diferentes autores. Para Schatzki (2005b, 1996), a prática se encontra estruturada em três elementos fundamentais: os **entendimentos** de como dizer e fazer as coisas; as **regras**, que são os princípios, preceitos e instruções explícitas; e as **estruturas ‘teleoafetivas’**, que se referem aos fins, projetos, tarefas, propósitos, crenças, emoções e estados de espírito. Esses elementos, segundo o autor, é que organizam o conjunto de ‘dizeres’ e ‘fazerem’ constituintes das práticas (SCHATZKI, 2005b, 1996).

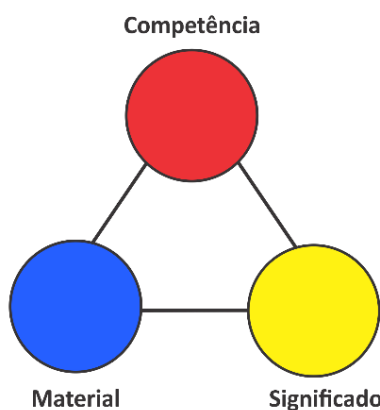
Reckwitz (2002) destaca os elementos constituintes das práticas como formas de atividades, tanto corporais quanto mentais, “coisas” e seu uso, conhecimento preliminar sob a forma de entendimento, *know-how*, estados de emoção e conhecimento motivacional (RECKWITZ, 2002). Já Warde (2005) se baseia nos elementos mencionados por Schatzki (1996) e considera como componentes das práticas os **entendimentos**, ou seja, entendimento do que dizer e fazer; **procedimentos**, que segue a definição de regras dada por Schatzki (1996); e **engajamentos**, com a mesma definição das estruturas teleoafetivas. Warde também acrescenta de forma implícita o elemento **itens de consumo** (GRAM-HANSSSEN, 2011).

Seguindo essa linha, Gram-Hanssen (2011) menciona como elementos das práticas trabalhados em seu estudo **hábito corporal e know-how**, que considera a forma como o corpo absorve as coisas aprendidas e socializadas no fazer, dizer e apreciar, que inconscientemente perduram; **regras**, que também se apropria da definição de Schatzki (1996), no entanto, acrescenta os conhecimentos técnicos nesse conceito; **engajamento**, onde os indivíduos querem algo ou querem dizer algo com o que dizem e fazem, dando espaço para a refletividade; e, por fim, a novidade trazida pelo autor é a **tecnologia**, a qual conduz os ‘dizeres’ e ‘fazerem’ para determinadas direções.

Neste estudo será utilizada a abordagem de Shove, Pantzar e Watson (2012), onde os elementos constituintes das práticas são formados por três conjuntos: os **materiais** (i.e. a “materialidade” que permite a prática, objetos, infraestrutura, ferramentas, parte física dos equipamentos e o próprio corpo), **significado** (i.e. atividades mentais, emoções e o conhecimento motivacional, teleafetividade) e **competência** (i.e. entendimentos

compartilhados socialmente sobre um bom e adequado desempenho, e as competências necessárias a esse desempenho). Adiante, uma representação ilustrativa da disposição desses elementos com base na obra de Shove, Pantzar e Watson (2012), cuja versão traduzida segue apresentada:

Figura 1 – Três elementos constituintes da prática



Fonte: Adaptado da obra de Shove, Pantzar e Watson (2012, p.29).

Os elementos materiais transitam por meio de sua realocação física, o que ressalta o papel dos meios de transporte na sua disponibilidade. Outros fatores importantes para a difusão desses elementos são a sua localização e acesso. Já os elementos competência e significado apresentam uma via diferente de circulação, eles se valem da codificação e decodificação (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012).

No caso da competência, Shove, Pantzar e Watson (2012) salientam que sua decodificação depende do saber necessário, que é resultante de uma experiência anterior e sua codificação advém da abstração do conhecimento. Seu canal de difusão encontra-se no compartilhamento e na padronização, no entanto, a eficácia de sua transferência depende da capacidade de decodificação do indivíduo.

Voltando-se para o significado, sua construção e desgaste resultam de processos dinâmicos de associação. Tais processos envolvem a apropriação e muitas vezes movimentos de expansão e contração dos significados e também, assim como a competência, dependem da existência de padrões e distribuições de significados existentes. Sozinhos, os elementos são estáveis e capazes de circular entre lugares e durar no tempo. Em arranjos, eles se encontram em permanente estado de formação, reformação e deformação (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012).

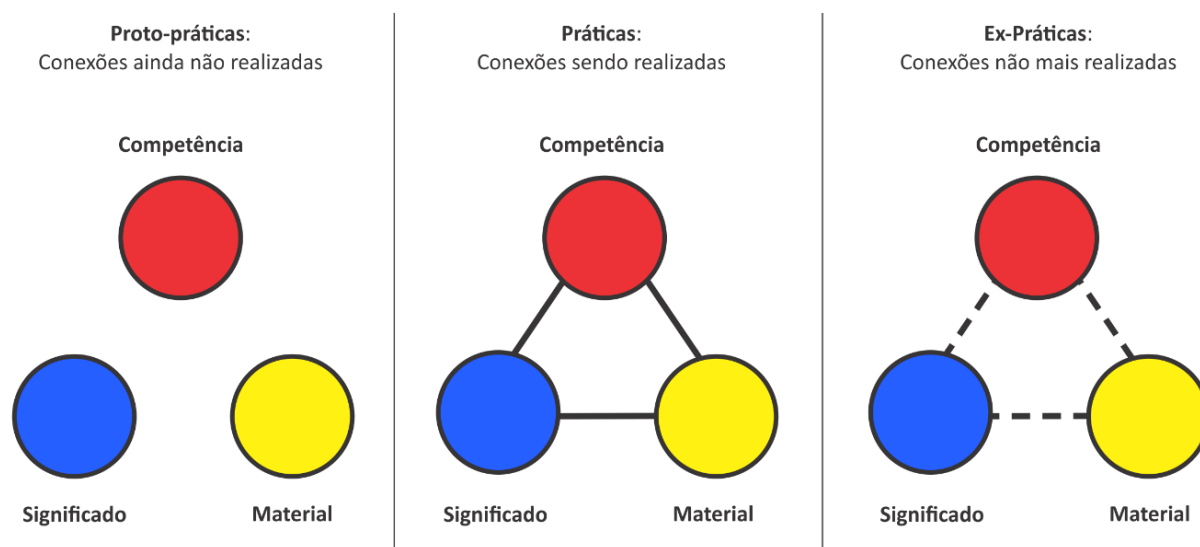
O que permite a existência das práticas é a integração entre seus elementos: eles não representam nada, a menos que sua conexão seja estabelecida (HUI; SCHATZKI; SHOVE, 2017; SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012). Ademais, novas combinações de elementos novos ou existentes é que darão origem a novas práticas e, para que as práticas se mantenham e perseverem, elas necessitam do recrutamento de praticantes que estejam dispostos e apresentem capacidade de manutenção da vida das práticas, uma vez que os indivíduos continuamente adotam e abandonam práticas no desenrolar de sua existência (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012).

Esse processo de adesão e deserção ocorre continuamente, o que acrescenta à dinâmica dos elementos das práticas não somente o caráter integrativo, ela vai além e se comporta de forma transformadora onde os elementos material, significado e competência não só se portam de maneira interdependente, mas também se moldam mutuamente (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012) conforme a força de suas conexões e grau de dependência entre si (MYLAN, 2015).

Apesar da conexão entre os elementos constituintes das práticas se dar de maneira flexibilizada, ainda assim, estes elementos podem ser identificados todas as vezes que as práticas ocorrem (SPURLING *et al.*, 2013). Práticas emergem cada vez que se sucedem as ligações entre seus elementos por meio de performances, “evoluem à medida que novos elementos e/ou novas interligações são (per) formadas e desaparecem à medida que as ligações são rompidas” (MORLEY, 2017, p. 83, tradução nossa). E “é somente por meio de sucessivos momentos de atuação que a interdependência entre os elementos que constituem a prática como entidade se sustentam no tempo” (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012, p. 7, tradução nossa).

A ruptura dos vínculos culmina no desaparecimento dos elementos, onde estes podem tomar diferentes rumos: deixando pouco ou nenhum vestígio, entrando em um estado de adormecimento ou ainda adquirindo uma nova vida dentro e como parte integrante de novas práticas (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012). A Figura 3 ilustra os cenários de compasso de espera dos elementos para formação de práticas (proto-práticas), integração dos elementos (práticas) e quando não há mais vínculo entre os elementos (ex-práticas):

Figura 2 – Proto-práticas, práticas e ex-práticas

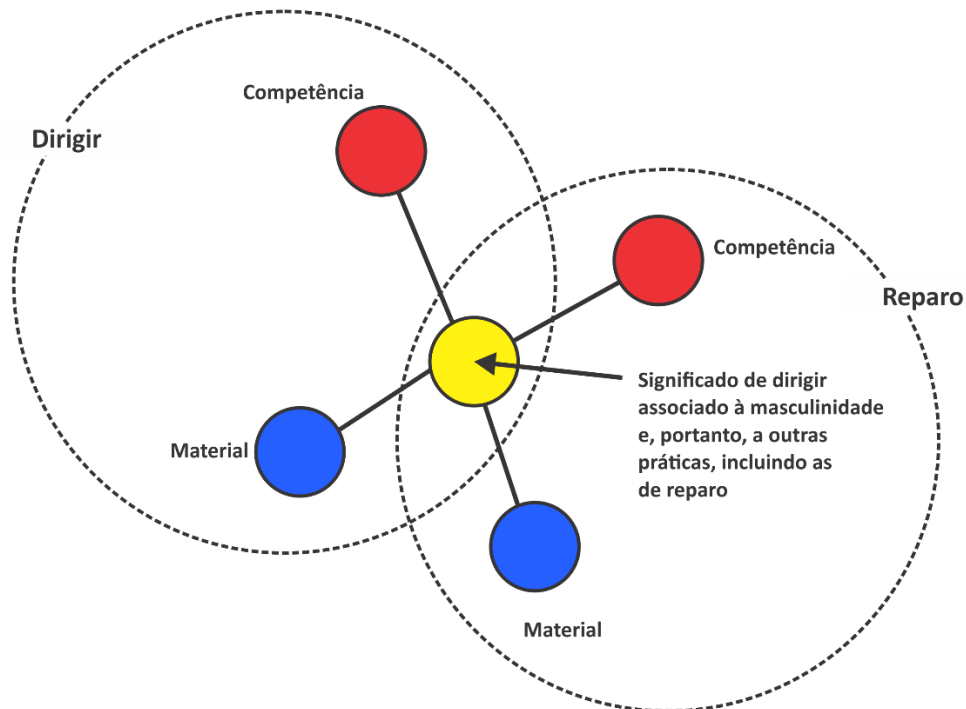


Fonte: Adaptado da obra de Shove, Pantzar e Watson (2012, p.25, tradução nossa).

Um mesmo conjunto de atividades de determinada prática está sujeito a se apresentar de forma ímpar, ou seja, é impossível reproduzi-lo exatamente do mesmo modo, e isso faz com que mesmo as práticas cotidianas representem um território passível de constantes reproduções e mudanças (HUI, 2017). O estabelecimento de novas práticas implica na reestruturação da forma como os elementos se encontram associados, sejam eles novos ou previamente existentes. Já a sua difusão depende da distribuição dos seus elementos e de quem pode acessá-los (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012) e quando ela ocorre, as práticas ainda podem ser reconhecidas, mas também podem se transformar conforme o contexto no qual os praticantes se encontram (RØPKE, 2009).

As conexões e relações se estabelecem não somente entre os elementos de uma prática, mas também se sucedem entre práticas (HUI, 2017; SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012), dessa forma, os elementos atuam como partes constituintes das práticas e concomitantemente podem desempenhar a função de elo entre diferentes práticas. “Diversos elementos circulam dentro e entre muitas práticas diferentes, constituindo uma forma de tecido conjuntivo que mantém arranjos sociais complexos no lugar e potencialmente os separa” (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012, p. 36, tradução nossa). Adiante, a Figura 3 demonstra o movimento duplo entre os elementos das práticas tomando como exemplo o significado de masculinidade que se encontra associado às práticas de dirigir e de reparo que Shove, Pantzar e Watson (2012) ilustraram a partir dos achados sobre masculinidade provenientes dos estudos de Kline e Pinch (1996) e Volti (1996):

Figura 3 – Elementos entre práticas



Fonte: Adaptado da obra de Shove, Pantzar e Watson (2012, p.37, tradução nossa).

Segundo Warde (2014, p. 296, tradução nossa), “intuitivamente, as práticas podem ser imaginadas numa disposição aninhada, como acontece com gêneros e subgêneros, ou espécies e subespécies em outros domínios do conhecimento”. A associação de várias práticas resulta em ‘complexos’ e ‘constelações’ de maior amplitude, os chamados ‘nexo’ (HUI; SCHATZKI; SHOVE, 2017; SCHATZKI, 1996). Além dessas expressões, ao vocabulário das configurações multipráticas também são acrescentados os termos ‘arranjos’, ‘pacotes’ e ‘sistemas’, todos, conforme Blue e Spurling (2017), com o propósito de abordar as questões de escala, invariabilidade, flexibilidade e estruturação no tocante às conexões entre práticas.

Ao passo que as práticas

efetuem, usam, reagem, dão sentido e são inseparáveis dos arranjos, os arranjos induzem, canalizam, prefiguram e são essenciais para as práticas [...]. Dizer que a vida social transpira como parte de conjuntos de arranjos de práticas é dizer que as vidas humanas se unem por meio de características e componentes de práticas e arranjos interconectados. Práticas e arranjos não se relacionam apenas entre si. [...] práticas e arranjos se unem para formar um nexo geral [...]. Esse nexo é um *plenum* no sentido de uma abundância finita que não tem dimensões além de seus elementos. Eu chamo esse *plenum* de “*plenum* de práticas” (SCHATZKI, 2016, pp. 26-27, tradução nossa).

As práticas podem se conectar de diversas maneiras (HUI; SCHATZKI; SHOVE, 2017) como um nexo no qual são encontrados diferentes vínculos e relações que favorecem a

“produção de variação dentro do campo ou plano social” (HUI, 2017, p. 52). Nesse sentido, Alkemeyer e Buschmann (2017, p. 18, tradução nossa) elucidam que os indivíduos, no processo de aprendizado e incorporação de diferentes práticas, também “desenvolvem a capacidade de estabelecer conexões e desconexões nas e entre práticas: aprendem a direcionar e ajustar seus ‘dizeres’ e ‘fazer’, suas atividades corporais e mentais às necessidades de contextos específicos”.

Uma mudança em uma das práticas integrantes de um nexo de práticas pode afetar todo este nexo (SHOVE; TRENTMANN; WILK, 2009) e essa mudança no nexo de práticas encontra-se em fluxo contínuo: quer seja constantemente e continuamente em pequenas proporções, quer seja de forma ocasional quando toma grandes proporções (HUI; SCHATZKI; SHOVE, 2017).

Por ocasião do surto mundial da COVID-19, abre-se a possibilidade de investigação de mudança no nexo de práticas e/ou elementos constituintes de práticas em grandes proporções. Este estudo adotará como recorte investigativo as práticas domésticas de consumo no enfrentamento à pandemia da COVID-19, que representa a lacuna a ser explorada nesta pesquisa. Dessa maneira, serão discutidas nas seções adiante quatro práticas de limpeza, a saber: limpeza e desinfecção de superfícies, limpeza das máscaras, limpeza das mãos e limpeza das compras; bem como práticas de uso das máscaras, práticas de compras de supermercado e práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado.

2.3 Práticas de limpeza

Diversos elementos da prática são acionados quando se realizam ações de limpeza, tais como os dispositivos, produtos e recursos ambientais, e todos eles são partes constituintes de sistemas de produção e consumo (JACK, 2020). Shove (2003a) ressalta que a reflexão sobre a formação e rotinização de práticas de limpeza perpassam inevitavelmente pelos conceitos do que é certo e apropriado, daí o seu caráter simbólico e moralista. Ademais, ela também assume significado social e, por frequentemente ser concebida como uma forma de trabalho, a limpeza pode ser organizada e realizada de diferentes maneiras, o que pode levar ao entendimento no modo como os ‘padrões’ evoluem.

Na realidade brasileira, as práticas de consumo doméstico, onde aí se incluem as práticas de limpeza, comer, cozinhar, higiene pessoal e outras, se apresentam como extremamente contributivas para a degradação ambiental, uma vez que se utilizam de recursos

como água, energia, sabão, entre outros produtos possivelmente não sustentáveis, e colaboram para a produção de resíduos, constituindo-se, dessa forma, como práticas insustentáveis (BARBOSA; VELOSO, 2014).

Práticas relacionadas à higiene e limpeza no espaço residencial já foram exploradas no âmbito das teorias da prática através de trabalhos como o de Pink (2005), que se debruça nas práticas de lavagem de roupa; Higgison *et al.* (2015) exploram tanto a lavagem de roupas como a lavagem das mãos; Hand, Shove e Southerton (2005), Kuijer, Jong e Eijk (2013), Pickerill (2015) e Westrom (2018), que pesquisam a temática do banho; Martens (2012) aborda a lavagem de louças; já Barbosa e Veloso (2014) investigam as implicações sustentáveis das práticas de limpar, lavar e comer no Brasil. No entanto, a crise da COVID-19 gera lacunas a serem estudadas.

Neste estudo, as práticas de limpeza a serem analisadas são: (i) limpeza e desinfecção de superfícies; (ii) limpeza das máscaras; (iii) limpeza das mãos; e (iv) limpeza das compras, a serem explanadas nas subseções apresentadas adiante.

2.3.1 Práticas de limpeza e desinfecção de superfícies

Superfícies contaminadas se comportam como transmissores potenciais de infecções e já foi comprovado em estudos que o vírus SARS-CoV pode sobreviver e persistir em superfícies por pelo menos duas semanas em ambientes com temperatura e umidade favoráveis (CHAN *et al.*, 2011). Essa constatação a respeito de outro coronavírus alerta para a possibilidade de difusão do SARS-CoV-2 por meio do contato direto ou indireto com superfícies contaminadas (CHENG *et al.*, 2020; XUE *et al.*, 2020).

As superfícies de ambientes não relacionados à área da saúde passíveis de contaminação incluem “pias e banheiros, eletrônicos (telas de toque e controles), móveis e outros itens fixos, como balcões, corrimão de escadas, pisos e paredes” e necessitam da adoção de práticas de limpeza e desinfecção adequadas de forma a impedir a propagação da COVID-19 (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020a, p. 1), já que o SARS-CoV-2, por ser um vírus envolvido por uma camada de gordura (XUE *et al.*, 2020), é mais suscetível a produtos de limpeza e higiene (DUARTE; SANTANA, 2020).

A rotina de limpeza de superfícies no ambiente residencial como o propósito de combate à propagação da COVID-19 pode ser realizada com produtos de limpeza domésticos e uma maior ênfase deve ser dada aos locais de maior regularidade de contato, como mesas,

maçanetas, interruptores de luz, escrivaninhas, banheiros, torneiras, pias e eletrônicos (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2020a).

As práticas de limpeza de superfícies residenciais no enfrentamento à COVID-19 devem ser efetuadas com o auxílio de água e sabão ou detergente para a remoção da sujeira e em seguida deve ser realizada a desinfecção com hipoclorito de sódio (alvejante) diluído em água (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020a), de forma que ele chegue à concentração de 0,1% (KAMPF *et al.*, 2020), ou seja, para chegar a essa solução, é necessário diluir uma parte de água sanitária em 99 partes de água da torneira (GÜNER; HASANOĞLU; AKTAŞ, 2020; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2014). Outra alternativa de produto de desinfecção de superfícies apontada pela *World Health Organization* (2020a) é o álcool na concentração de 70% a 90%.

2.3.2 Práticas de limpeza das máscaras

A disseminação do uso de máscaras pela população levou a uma grande transformação do seu cotidiano (COTRIN *et al.*, 2020) e uma dessas mudanças foi a necessidade de adesão às práticas de limpeza das máscaras (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). As máscaras de pano devem ser lavadas antes da primeira vez de uso (VARALLYAY *et al.*, 2020), regularmente com água e sabão após cada vez que for utilizada (STUTT *et al.*, 2020) e, quando sujas ou úmidas, devem passar imediatamente por esse procedimento para que não acelere seu processo de deterioração (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2020c). Já as máscaras descartáveis devem ser jogadas fora após o seu uso único (RUBIO-ROMERO *et al.*, 2020).

Em estudo realizado com 1277 brasileiros, Cotrin *et al.* (2020) identificaram diferentes comportamentos na frequência de lavagem de máscaras reutilizáveis de tecido na pandemia da COVID-19, onde quase metade dos respondentes relatou lavá-las logo após a sua utilização, ao chegar em casa, em torno de 29% declararam lavar as máscaras todos os dias, percentuais menores de respondentes variaram entre frequência de realização da lavagem de uma a três vezes por semana e um pequeno percentual, 4,1%, afirmaram nunca lavarem as máscaras. Esses achados demonstram que entre os brasileiros ainda há um caminho a ser percorrido para a execução ideal dessa prática, cuja recomendação dada pelo *Centers for Disease Control and Prevention* [CDC] (2020c) e pela WHO (2020c) indica a lavagem diária e/ou imediatamente após o uso.

A práticas de limpeza de máscaras no âmbito doméstico podem ser realizadas por meio da máquina de lavar ou pela lavagem à mão (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020c). Na lavagem através do artefato máquina de lavar, as máscaras de tecido podem ser incluídas com as roupas de uso normal e devem ser utilizados os produtos de limpeza indicados para a lavagem doméstica de roupas. Já no caso de lavagem à mão, os procedimentos aconselhados são o uso da água de torneira e sabão em pó ou barra, com enxague abundante em água limpa para a remoção dos produtos saponáceos utilizados. O processo de secagem pode se dar através da secadora morna ou quente, ou ainda sob a luz solar direta (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2020c).

2.3.3 Práticas de limpeza das mãos

O surto da doença coronavírus 2019 [COVID-19] colocou em evidência uma prática de higiene simples, de baixo custo e básica, no entanto, muito negligenciada (DANIELS; REES, 1999; ROOKE, 2020). As práticas de limpeza das mãos, com o uso de água e sabão ou produto antisséptico à base de álcool, se constituem como uma intervenção não farmacológica de extrema importância no enfrentamento à pandemia (GLOBAL HANDWASHING PARTNERSHIP, 2020; GÜNER; HASANOĞLU; AKTAŞ, 2020; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020d).

Segundo Mathur (2011, p. 616), “a higiene das mãos reflete atitudes, comportamento e crenças” e, ainda que essa prática remeta a um conceito antigo (HAQUE, 2020; HAQUE *et al.*, 2020) na prevenção de infecções associadas aos cuidados da saúde (HAQUE *et al.*, 2020; TRAMPUZ; WIDMER, 2004), ela representa uma habilidade primordial nesses cuidados (GLOBAL HANDWASHING PARTNERSHIP, 2020).

Apesar da consciência quanto a importância dessa prática na prevenção da COVID-19 ser amplamente de conhecimento geral (RUNDLE *et al.*, 2020), “o acesso a instalações de higiene das mãos que incluem produtos para esfregar as mãos à base de álcool, bem como água e sabão, muitas vezes não é o ideal na comunidade e em estabelecimentos de saúde, especialmente em países de baixa e média renda”. No momento em que o aparato material que propicia a higiene das mãos é disponibilizado e as autoridades de saúde pública estabelecem sua obrigatoriedade, o índice de aceitabilidade e adesão às práticas de limpeza das mãos se estabelecem consideravelmente (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020d, p. 1).

Diferentes produtos podem ser utilizados para a realização dessa prática: “sabonetes líquidos ou em barra, detergentes sintéticos, antissépticos para as mãos e desinfetantes para as mãos à base de álcool” (RUNDLE *et al.*, 2020, p. 1730) e até mesmo cinzas, que são restos sólidos de fogões e fogueiras (PALUDAN-MÜLLER AS, BOESEN K, KLERINGS I, JØRGENSEN KJ, 2020), em casos de comunidades com restrições quanto ao acesso ao sabão e/ou à água (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020f).

O CDC (2020b) orienta que uma lavagem eficaz das mãos envolve os seguintes passos: i) molhar as mãos com água corrente limpa em temperatura ambiente ou morna, fechar a torneira e aplicar o sabão; ii) ensaboar e esfregar as mãos com sabonete, incluindo as costas das mãos, entre os dedos e sob as unhas; iii) esfregar as mãos pelo menos por 20 segundos; iv) enxaguar bem as mãos em água corrente limpa; v) secar as mãos com uma toalha limpa.

Em caso de uso de antisséptico para a higiene das mãos, a orientação prática é de que se manuseie uma quantidade adequada do produto e esfregue em todas as superfícies das mãos pelo tempo recomendado pelo fabricante e em seguida deixar o álcool em gel evaporar sozinho (MATHUR, 2011; TRAMPUZ; WIDMER, 2004). Em ambas orientações, deve-se atentar para que todas as regiões das mãos sejam atingidas pelos produtos utilizados nessas práticas (RUNDLE *et al.*, 2020) e a execução de uma delas descarta a necessidade da outra logo em seguida (RUNDLE *et al.*, 2020; TRAMPUZ; WIDMER, 2004).

2.3.4 Práticas de limpeza das compras

O receio de trazer o vírus SARS-CoV-2 para dentro de casa pode desencadear hábitos que antes não faziam parte da rotina. Apesar da limpeza das compras, em especial no que se refere aos alimentos como frutas e vegetais, já terem suas recomendações amplamente divulgadas (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2006), a pandemia da COVID-19 despertou uma maior atenção aos procedimentos de higiene e limpeza, inclusive dos produtos adquiridos ao chegarem do ambiente externo às residências, prática que não era comum em período anterior.

Ambrósio *et al.* (2020, p. 13) elaboraram orientações no tocante à limpeza das compras, cujos procedimentos envolvem a (i) retirada dos produtos das sacolas ao chegar em casa, (ii) separá-los conforme as seguintes categorias: a) enlatados e alimentos com embalagens plásticas; b) produtos de limpeza; c) embalagens de carnes; d) vegetais, e (iii) higienizá-los. A limpeza de produtos referentes às categorias a, b e c pode ser realizada de diferentes formas,

quais sejam, aplicação de álcool 70% ou solução de água sanitária (duas colheres de sopa) diluída em um litro de água, por meio de um borrifador ou através de um pano limpo; também existe a possibilidade de lavagem desses produtos com água e sabão ou detergente, onde se recomenda a utilização de uma esponja somente com esse fim.

Já a limpeza dos vegetais (categoria d) deve ser realizada conforme instruções adotadas em qualquer circunstância (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020b), ou seja, por meio de lavagem em água corrente para a retirada de sujeiras, seguida de imersão por 15 minutos em uma solução de água sanitária (uma colher de sopa) diluída em um litro de água e posterior enxague em água limpa (AMBRÓSIO *et al.*, 2020).

Shove (2003a) explica que, apesar da existência de diferentes formas de reprodução de uma prática, ela não perde o seu caráter de convenções compartilhadas. Quanto à emergência de novas práticas de limpeza, a autora esclarece que esse fenômeno aponta para o estabelecimento de uma nova configuração dos ideais e ordens sociais. Configurações essas que no contexto em estudo também perpassam pela associação a elementos de outras práticas de consumo, como as de (i) uso das máscaras, (ii) compras de supermercado e (iii) reuso de sacolas de supermercado que serão discutidas nas subseções que se encontram adiante.

2.4 Práticas de uso das máscaras

Uma maior adesão ao uso de máscaras pode contribuir para a redução do risco de transmissão de doenças respiratórias (COTRIN *et al.*, 2020; MACLNTYRE *et al.*, 2009) por meio da inibição da circulação de gotículas contaminadas no ambiente além da interferência do contato das mãos com o nariz (HUYNH, 2020; MACLNTYRE *et al.*, 2009). Com a pandemia da COVID-19, as máscaras faciais entraram na lista de intervenções não farmacológicas (GARCIA; DUARTE, 2020) recomendadas pela WHO, o que elevou consideravelmente a procura por esse produto (FISCHER *et al.*, 2020), mas com ressalvas quanto a sua eficácia, pois mesmo quando o seu uso é realizado de forma correta, ela apresenta limitações quanto a uma adequada proteção (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020c).

Diferentes políticas de uso de máscaras foram adotadas entre os países (FENG *et al.*, 2020), variando, por exemplo, quanto aos locais adequados (lugares públicos ou ambientes fechados), quanto a necessidade de quem deveria usar (somente em casos de suspeita ou diagnóstico da doença ou pelo público em geral) ou ainda quanto a obrigatoriedade (uso opcional ou imposto por lei) (HUYNH, 2020).

Em vista de indicativos de estudos científicos apontando para a possibilidade de transmissão do vírus SARS-CoV-2 mesmo por pessoas assintomáticas, o uso das máscaras faciais por todos reduz drasticamente essa possibilidade (FENG *et al.*, 2020), no entanto, seu uso generalizado implica em escassez em vista do aumento de sua demanda, compra de pânico, acúmulo e uso indevido (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020e). Em decorrência da escassez desse equipamento, as máscaras caseiras de tecido e o improvisado com lenços e outros materiais similares tornaram-se opções difundidas entre a população (COTRIN *et al.*, 2020), apesar de não terem nenhuma garantia de certificação ou homologação (RUBIO-ROMERO *et al.*, 2020).

Práticas de uso das máscaras exigem habilidades específicas, pois seu uso indevido implica em ineficácia de seu efeito protetor e aumento dos riscos de transmissão da COVID-19 (FENG *et al.*, 2020). O uso adequado das máscaras faciais envolve conhecimentos práticos como a escolha do material ideal, ajuste correto no rosto, tempo de uso e situações nas quais sua necessidade se apresenta (FISCHER *et al.*, 2020). A sua correta utilização requer dos praticantes familiarização com atividades de colocação, ajuste e retirada (LIU *et al.*, 2020). A WHO (2020b) instrui que antes de se utilizar máscaras faciais deve-se efetuar a limpeza das mãos. Ao colocar a máscara no rosto, deve ser assegurado se a mesma está cobrindo o nariz, a boca e o queixo. Quando for retirada, deve ser guardada em um saco plástico limpo e lavada ao chegar em casa.

A motivação para as práticas de uso das máscaras é encontrada na literatura e indicada através da percepção do grau de risco frente ao contágio (SIM; MOEY; TAN, 2014), dessa forma, somente quando os indivíduos “estimam um risco maior sobre a COVID-19, eles tendem a sentir medo” e em função desse sentimento é que eles passam a se preocupar com o uso de máscaras (HUYNH, 2020, p. 148), no entanto, é possível também encontrar comportamentos inadequados quanto ao seu uso, até mesmo entre profissionais da saúde, os quais se supõe terem um maior conhecimento quanto à importância do seu uso (KUMAR *et al.*, 2020). Sensações de incômodo, desconforto, sufocamento e constrangimento são fatores que levam a restrições quanto ao seu uso (COTRIN *et al.*, 2020). Ademais, o uso de máscaras é “um contrato social em que as pessoas complacentes se percebem mais positivamente e o descumprimento é punido socialmente” (BETSCH *et al.*, 2020, p. 21852).

2.5 Práticas de compras de supermercado

As compras enquanto práticas sociais devem ser compreendidas como uma “atividade socialmente transmitida, aprendida e habitualizada que consiste numa variedade de ações únicas e altamente rotineiras” (EVERTS; JACKSON, 2009, p. 922, tradução nossa). No varejo supermercadista já existem estudos que se debruçam sobre a dinâmica dessas práticas no ambiente físico e virtual (ELMS; KERVENOAEEL; HALLSWORTH, 2016) ou ainda exclusivamente voltado somente para a compra virtual de alimentos (BERG; HENRIKSSON, 2020) e compras de supermercado em lojas físicas (BULMER; ELMS; MOORE, 2018), mas a crise da COVID-19 gera uma lacuna a ser estudada.

As medidas de contenção adotadas por muitos governos por ocasião da COVID-19 se refletiram explicitamente tanto nas estratégias adotadas pelos varejistas quanto no comportamento de compra dos consumidores (DONTHU; GUSTAFSSON, 2020; PANTANO *et al.*, 2020). Como em diversos países um dos poucos pontos de venda em funcionamento nesse período foram os supermercados, estes tiveram de estabelecer medidas para combater a compra de pânico (HAO; WANG; ZHOU, 2020; SHETH, 2020; YUEN *et al.*, 2020) e a disseminação do coronavírus SARS-CoV-2 (MARTIN-NEUNINGER; RUBY, 2020). Já os consumidores, por sua vez, se viram obrigados a mudar seus hábitos de compra e consumo (DONTHU; GUSTAFSSON, 2020) de forma a minimizar o seu contágio.

Sheth (2020) afirma que o consumo é tanto habitual quanto contextual, e o contexto pandêmico no qual o mundo se encontra, em vista das experiências do passado, impactam substancialmente o consumo. Com o surto da COVID-19 foram percebidos comportamentos de compras díspares ao que era habitual (PANTANO *et al.*, 2020). Na iminência de contaminação em locais de possível aglomeração, como shoppings e supermercados, os indivíduos buscam comprar somente itens essenciais e passam a se preocupar cada vez mais com os riscos que esses locais podem representar (CHAUHAN; SHAH, 2020).

As percepções e os hábitos dos consumidores no varejo encontram-se numa condição desafiadora perante as transformações provocadas pela pandemia e os varejistas também se encontram em situação de enfrentamento de desafios, cujas reações nesse período se traduzem em um profundo impacto nos seus negócios (DONTHU; GUSTAFSSON, 2020; PANTANO *et al.*, 2020), já que mudanças ocorridas de forma inesperada e catastrófica nos aspectos estruturais, tanto do varejo, quanto das circunstâncias nas quais o consumidor se encontra, sinalizam para um “impacto local sem precedentes no comportamento de compra, nas

motivações do comprador e em outras influências de compra” (BALLANTINE; ZAFAR; PARSONS, 2014, p. 9, tradução nossa).

2.6 Práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado

Dunn, Caplan e Bosworth (2014) salientam que as sacolas plásticas de supermercado encontram-se presentes em todos os lugares. Elas, dentre outros tipos de produtos plásticos descartáveis, são produzidas com o intuito de manuseio único antes do descarte ou reciclagem (WIT *et al.*, 2019) gerando montantes elevados de resíduos, além de provocarem problemas a longo prazo no meio ambiente quando seu descarte é realizado inadequadamente (THOMAS *et al.*, 2019). No entanto, em alguns lares elas são reutilizadas e essa reutilização se constitui como uma forma de redução do seu impacto ambiental (AHAMED *et al.*, 2021), social e econômico (RITCH; BRENNAN; MACLEOD, 2009).

A reutilização é uma das ações integrantes da política dos 5 R's, que visa contribuir na minimização dos danos gerados pelos resíduos provenientes do consumo através da conscientização dos indivíduos e é composta pelas seguintes ações (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2017): a) repensar a necessidade de consumo e padrões de produção e descarte adotados; b) recusar possibilidades de consumo desnecessário e produtos que gerem impactos significativos; c) reduzir de forma a evitar desperdícios, consumir menos produtos, dando prioridade aos que ofereçam menor potencial de geração de resíduos e tenham maior durabilidade; d) reutilizar para que tudo o que estiver em bom estado seja reaproveitado; e) reciclar para proporcionar a transformação de materiais usados em matérias-primas para outros produtos.

Em um contexto pandêmico, além do uso das sacolas plásticas se deparar com a possibilidade de aumento do seu uso, já que em decorrência da pandemia da COVID-19, estima-se que as taxas de produção de resíduos domiciliares se elevem de 15 a 25% em comparação ao ano anterior devido às medidas de quarentena, isolamento e distanciamento social (ABRELPE, 2020), e as sacolas plásticas de supermercado se incluem nesses resíduos, as práticas de seu reuso também enfrentam o desafio de ficarem comprometidas, uma vez que diante dessa conjuntura os processos inerentes ao consumo estão sujeitos a perturbações substanciais (SHETH, 2020). Essa condição inédita pode incutir em elevação de gastos em itens (MARTIN-NEUNINGER; RUBY, 2020), maior geração de resíduos domiciliares (OUHSINE *et al.*, 2020) e aumento do descarte de embalagens plásticas (PATRÍCIO SILVA *et al.*, 2020).

Além de Patrício Silva *et al.* (2020), que investiga a necessidade de reajuste das políticas de gestão de resíduos plásticos nesse período, essa preocupação com o volume de resíduos plásticos gerados em decorrência da pandemia da COVID-19 é trabalhada por autores como Klemeš *et al.* (2020), que se debruça nas possibilidades que a pandemia pode apontar como catalisador no gerenciamento de resíduos plásticos pelo mundo; Vanapalli *et al.* (2021) exploram os desafios e estratégias na sua gestão eficaz; enquanto que no campo dos resíduos domésticos, Ikiz *et al.* (2021) examinam o impacto da COVID-19 no tratamento dado a esse tipo de resíduo em edifícios residenciais; e Ouhsine *et al.* (2020) avalia esse impacto na geração desses resíduos e nos hábitos de consumo.

Shove (2003b) ressalta que tanto o consumo como a prática doméstica estabelecem uma estreita relação no circuito reprodutivo do que os sujeitos consideram dentro da normalidade e, da mesma forma, modos de vida comuns. Assim, o comportamento do consumidor em um cenário pandêmico encontra-se atrelado a diferentes questões, cuja compreensão exige considerações em diferentes naturezas, inclusive a social. Adiante, serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados na execução do estudo.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A discussão das teorias da prática, apesar de se comportar como uma abordagem que considera teoria e método, não culmina com um ‘manual’ ou ‘modelo’ pronto de método a ser seguido (BUEGER, 2014), tampouco apresenta um estilo único de produção escrita (NICOLINI, 2009). Trata-se de uma estratégia singular, portanto, cabe ao investigador decidir como conduzirá sua pesquisa conforme os problemas e práticas a serem abordadas (BUEGER, 2014). Dessa forma, esta seção detalhará as etapas metodológicas trilhadas pela presente dissertação, quais sejam: classificação do estudo, sujeitos e campo de pesquisa, técnicas de coleta de dados empregadas, bem como o processo de análise de dados adotado.

3.1 Classificação do estudo

Com o intuito de atender o objetivo de examinar as mudanças decorrentes da pandemia da COVID-19 nas práticas domésticas de consumo de brasileiros, adotei uma abordagem qualitativa baseada nas teorias da prática. A pesquisa qualitativa “investiga, documenta e interpreta o processo de construção de significado” (PATTON, 2015, p. 39, tradução nossa), se revelando como uma forma de compreensão, descrição e explicação de fenômenos sociais (FLICK, 2018). Essa natureza de pesquisa comumente se empenha na investigação de narrativas de sujeitos com o propósito de registro e compreensão dos pontos de vista de seu alvo de estudo (PATTON, 2015).

Ao me basear na abordagem ontológica e epistemológica das teorias da prática, essa decisão implicou na realização de adaptações ao contexto estudado para a condução da pesquisa, uma vez que estudos voltados para essa abordagem não obedecem a uma estratégia única: exige misturas e combinações de diferentes estratégias ou até mesmo inovações destas conforme o material ao qual se tem acesso (BUEGER, 2014). Esta pesquisa se fixou nas práticas sociais domésticas no tocante aos processos de consumo voltados ao combate da propagação da COVID-19 por meio da exploração dos relatos e registros dos sujeitos em relação às suas práticas de consumo e mudanças num cotidiano de ruptura.

Como se trata de um estudo orientado para o levantamento de informações e a compreensão de uma situação-problema, ele é classificado, conforme Malhotra, Nunan e Birks (2017), como uma pesquisa exploratória. Ademais, também se enquadra como descritiva, pois descreve características sociais situacionais do fenômeno investigado (POUPART *et al.*, 2008).

Em relação aos métodos específicos de coleta de dados, utilizei-me de dados multifocais e múltiplos métodos (FLICK, 2018), contando com o uso de diário de campo, aplicação de ‘diários solicitados’ via plataforma digital com uso de dados visuais (vídeos, fotos, áudios e registros escritos), bem como uso de entrevistas semiestruturadas online no período da execução dos ‘diários solicitados’ e após o encerramento destes. Essa diversidade de métodos e enfoques múltiplos, além de satisfazerem as demandas metodológicas das teorias da prática (HARGREAVES, 2011), também se constituem como um recurso-chave para a realização de pesquisas de abordagens contemporâneas nas ciências sociais (FLICK, 2018).

3.2 Sujeitos e campo de pesquisa

Assim como concentra esforços nas histórias relatadas pelos sujeitos, a investigação qualitativa também prioriza a documentação das nuances advindas do contexto onde os dados são coletados (PATTON, 2015). Dado que esta pesquisa tem como enfoque as preocupações as quais atores sociais estão vivenciando no seu dia a dia (POUPART *et al.*, 2008) em um contexto de crise sanitária, optei por estudar os sujeitos brasileiros adultos residentes no Brasil e na Alemanha num período em que ambos os países já estavam adotando medidas de enfrentamento à propagação da COVID-19.

O grupo de participantes da pesquisa foi composto por 48 brasileiros habitantes de cinco estados brasileiros (Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Sul) e três residentes na Alemanha, com dois em Berlim e um no estado da Baviera, captados através da técnica de “bola de neve” (NOY, 2008). Deste universo, 34 participaram da pesquisa até a etapa final do período proposto. Os informantes foram codificados com a letra “I” e enumerados de um a 34, que corresponde ao quantitativo de participantes até a fase de entrevista de encerramento, de forma a preservar seu anonimato e sua confidencialidade. Seus perfis demográficos, bem como a quantidade de pessoas que estão morando com os entrevistados no período da pandemia, podem ser observados no Quadro 1:

Quadro 1 – Perfil demográfico dos entrevistados

Código	Idade	Sexo	Cidade / Estado / País	Nº de moradores
I01	20	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	3
I02	20	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	2
I03	21	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	3
I04	21	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	3
I05	24	Masculino	Quixeramobim / Ceará/ Brasil	2
I06	25	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	2
I07	25	Feminino	Belo Horizonte/ Minas Gerais/ Brasil	4
I08	26	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	3
I09	27	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	4
I10	27	Masculino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	1
I11	27	Feminino	Recife/ Pernambuco/ Brasil	1
I12	28	Masculino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	0
I13	28	Masculino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	1
I14	29	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	1
I15	30	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	4
I16	30	Masculino	Viçosa/ Minas Gerais/ Brasil	1
I17	32	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	0
I18	33	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	0
I19	33	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	3
I20	33	Masculino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	4
I21	33	Feminino	Grafing / Baviera/ Alemanha	2
I22	35	Masculino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	3
I23	35	Masculino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	3
I24	35	Feminino	Teresina/Piauí/Brasil	5
I25	35	Feminino	Porto Alegre/ Rio Grande do Sul/ Brasil	0
I26	35	Masculino	Vespasiano/ Minas Gerais/ Brasil	3
I27	36	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	3
I28	37	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	2
I29	37	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	2
I30	37	Masculino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	0
I31	41	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	1
I32	44	Feminino	Berlim/ Berlim/ Alemanha	1
I33	48	Feminino	Fortaleza /Ceará/ Brasil	2
I34	62	Feminino	Santa Maria/ Rio Grande do Sul/ Brasil	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Nesta dissertação, o trabalho de campo teve início em março de 2020, período de ocorrência do primeiro *lockdown* em Fortaleza, cidade na qual resido, quando dei início às anotações em diário de campo referentes ao que fui vivenciando no tocante às medidas de prevenção à propagação do vírus SARS-Cov-2, aliadas ao acompanhamento da evolução da epidemia através dos canais de comunicação da WHO e por meio das publicações acadêmicas quanto ao assunto. Dessa forma, a imersão no campo e na literatura ocorreu concomitantemente e permitiu o levantamento de questões iniciais que ajudaram a vislumbrar possibilidades investigativas.

O início do diário de campo foi motivado antes mesmo da decisão pelo estudo do consumo no contexto da pandemia. Logo na primeira semana de decreto de situação de

emergência em Fortaleza pelo governo do estado do Ceará (CEARÁ, 2020), que teve início no dia 16 de março de 2020, apresentei alguns dos sintomas da doença e, como na época a orientação dada pelas autoridades de saúde era de somente ir ao hospital para a realização do teste quando estivesse apresentando os sintomas graves, resolvi fazer uma espécie de ‘diário dos sintomas’ para acompanhar a evolução da doença no meu corpo, já que não tinha como confirmar se estava ou não com COVID-19.

Após duas semanas de anotações sobre os sintomas, quando o estado febril passou, dei início ao registro de algumas observações acerca desse contexto mediante o acompanhamento de notícias, publicações e experiências vividas e ouvidas em conversas online com outras pessoas. Esses fatores possibilitaram uma entrada no campo de pesquisa já familiarizada com muitos pontos a serem observados e explorados. Até o encerramento da pesquisa de campo, que se deu no mês de agosto de 2020, foram realizadas diferentes atividades, as quais se encontram dispostas no Quadro 2 e organizadas em três etapas:

Quadro 2 – Etapas da pesquisa de campo

Etapa	Período	Atividades
1	Março a abril de 2020	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento de informações sobre a pandemia da COVID-19; - Conversas informais sobre as mudanças de rotina decorrentes do enfrentamento à COVID-19; - Levantamento de questionamentos iniciais; - Observação das mudanças no tocante ao consumo frente ao contexto vivenciado; - Início da construção do arcabouço teórico; - Início do diário de campo; - Elaboração do protótipo dos ‘diários solicitados’; - Elaboração do roteiro de entrevistas; - Estruturação das plataformas seguras de aplicação dos ‘diários solicitados’ e entrevistas; - Estruturação das etapas de orientação aos informantes da pesquisa (APÊNDICE A).
2	Abril de 2020	<ul style="list-style-type: none"> - Realização de pré-teste dos ‘diários solicitados’; - Observação de práticas domésticas emergentes de consumo; - Entrevistas com os voluntários do grupo de pré-teste; - Reajuste do roteiro de entrevistas; - Reajuste dos tópicos dos ‘diários solicitados’;
3	Abril a agosto de 2020	<ul style="list-style-type: none"> - Captação de informantes para a pesquisa; - Aplicação dos ‘diários solicitados’; - Realização de entrevistas no período da execução dos ‘diários solicitados’; - Análise dos ‘diários solicitados’ finalizados; - Aplicação de entrevista final junto aos informantes que encerraram os ‘diários solicitados’.

Fonte: Elaboração própria.

Na etapa 1 foi possível explorar as possibilidades que o campo poderia oferecer mediante a execução de diferentes atividades, o que me permitiu estruturar como a pesquisa seria desenvolvida, elaborar as questões iniciais a serem investigadas, bem como desenvolver os esboços das ferramentas de coleta de dados. Nessa fase foram delimitadas as práticas a serem

investigadas com base nas atualizações referente à pandemia da COVID-19 publicadas no site da WHO.

Na etapa 2 dei início às interações via plataformas online (*Whatsapp, Telegram e Google meet*) com um grupo composto por quatro voluntários junto aos quais experimentei as possíveis abordagens de aplicação dos ‘diários solicitados’ e das entrevistas. A partir dos testes realizados nessa etapa observei os erros e acertos quanto à condução dos instrumentos de coleta de dados. Também verifiquei práticas emergentes que poderiam ser exploradas em conjunto com as práticas elencadas *a priori*. As ações realizadas nessa etapa culminaram com correções e ajustes tanto dos instrumentos de coleta de dados, quanto da abordagem de aplicação desses instrumentos.

Por fim, na etapa 3 fui em busca de informantes para participação no estudo através de redes sociais e indicações de pessoas que tomaram conhecimento da pesquisa. Os ‘diários solicitados’ foram iniciados à medida que os interessados se manifestavam e assinavam o termo de anuência (APÊNDICE B), ou seja, os diários não tiveram início na mesma data. Após a finalização do período proposto para a execução dos diários, fui analisando o conteúdo destes e marcando entrevistas baseadas nos dados coletados. As últimas entrevistas se deram no mês de agosto de 2020, período de encerramento da última etapa da pesquisa de campo.

3.3 Técnicas de coleta dos dados

Nesta pesquisa a coleta de dados se deu mediante registros em ‘diários solicitados’ por via digital aliados a entrevistas aplicadas durante e após o encerramento dos diários, além das anotações de diários de campo. Entrevistar diariamente o informante permite que se construa uma relação e possível aprofundamento do diário (ALASZEWSKI, 2006), além de gerar, através da combinação dos dois, uma aproximação ao método de observação participante (ZIMMERMAN; WIEDER, 1977) e a possibilidade de evidenciação de diferenças importantes (ELLIOTT; JANKEL-ELLIOTT, 2003).

Ocorrida entre os meses de abril e julho de 2020, a realização dos ‘diários solicitados’ teve como norte a abordagem de Zimmerman e Wieder (1977) na qual inicialmente orientei os informantes a respeito da pesquisa (APÊNDICE A). Os que aceitaram participar, preencheram um formulário digital na plataforma *Google forms* com seus dados pessoais e termo de consentimento (APÊNDICE B). Após a execução dessas duas etapas, os informantes foram orientados sobre a forma como os diários devem ser executados através de uma conversa.

Posteriormente, eles foram efetuando os registros num período de 15 dias e, no encerramento desse prazo, os diários foram analisados, para então ser realizada uma entrevista final com base no que foi coletado. As últimas entrevistas finais foram aplicadas no mês de agosto de 2020. O uso dos ‘diários solicitados’ nas ciências sociais com o propósito de uma melhor compreensão de experiências pessoais no dia a dia tem cada vez mais se difundido (FILEP *et al.*, 2018).

Os tópicos do diário foram elaborados com o propósito de capturar as mudanças decorrentes da pandemia da COVID-19 nas práticas domésticas de consumo. Para a definição desses tópicos, inicialmente fiz o acompanhamento das atualizações referentes à COVID-19 no site da *World Health Organization* (who.int), autoridade no assunto, bem como através de artigos acadêmicos e das agências de notícias. Além disso, foi dado início a diários de campo realizados por mim e pelo meu orientador entre os meses de março e abril nos quais foram registradas anotações sobre como fomos vivenciando o contexto da pandemia e observações referentes às práticas domésticas de consumo no enfrentamento ao coronavírus.

Com o apoio desses dados, realizei um pré-teste com um grupo composto por quatro indivíduos, a partir dos quais tive um aprofundamento dos tópicos a serem abordados e de como os ‘diários solicitados’ deveriam ser aplicados. O Quadro 3 apresentado adiante demonstra os tópicos trabalhados nos ‘diários solicitados’, tanto os extraídos *a priori* da investigação documental quanto os obtidos *posteriori* na aplicação dos diários:

Quadro 3 – Tópicos referentes às práticas domésticas de consumo investigadas

Práticas observadas <i>a priori</i>	Limpeza e desinfecção de superfícies
	Limpeza das mãos
	Uso das máscaras
	Compras de supermercado
Práticas identificadas <i>a posteriori</i>	Limpeza das máscaras
	Limpeza das compras
	Reuso das sacolas plásticas de supermercado

Fonte: Elaboração própria.

Realizados os ajustes para uma maior clareza de sua aplicação, dei início aos ‘diários solicitados’ junto a 48 participantes após sua concordância com termo de consentimento e participação em pesquisa esclarecido (APÊNDICE B). Os informantes foram convidados a relatar e registrar imagens dos procedimentos adotados em relação às práticas mencionadas no Quadro 3, se haviam estabelecido ou não algum protocolo de combate à disseminação do vírus SARS-CoV-2 no cotidiano, que mudanças ocorreram em relação ao

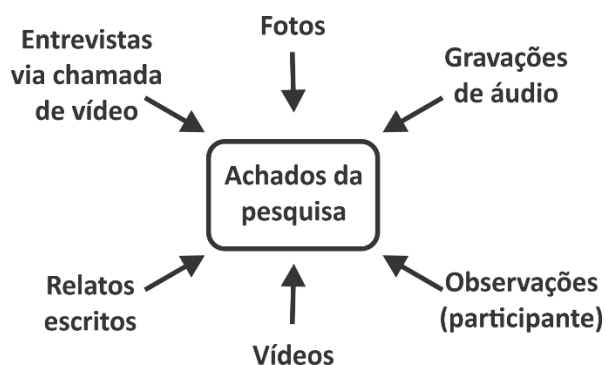
período anterior à pandemia, suas reflexões, sentimentos, conhecimentos e artefatos utilizados na execução de suas práticas.

Em face de um fenômeno incomum como uma pandemia, coletar dados é uma atividade que se torna bem mais desafiadora. Nessa etapa, um dos desafios que enfrentei foi a observação *in loco* da atuação dos participantes nas práticas alvo deste estudo, já que o momento exige o distanciamento social e reclusão de cada um em seus lares. Um segundo desafio foi a perseverança dos entrevistados na elaboração dos diários. Alguns dos informantes, no decorrer da fase de coleta de dados, relataram apresentar sintomas que os configurava na lista de suspeitos ou até mesmo de confirmados com COVID-19, o que impediu a continuação de uma parte destes na pesquisa.

Dessa maneira, busquei aplicar diversas estratégias de coletas de dados para superar esses desafios e, da mesma forma, para corresponder às demandas metodológicas exigidas pelas Teorias da prática, de observação do que acontece de fato quando as práticas são desempenhadas (HARGREAVES, 2011). Além dos relatos escritos e gravados em áudio enviados pelos participantes através de *Whatsapp* e *Telegram*, também fiz uso de fotos e vídeos, o que permitiu a observação do desempenho corporal das práticas, bem como dos artefatos utilizados. Somando-se a essas técnicas, conjuntamente realizei chamadas de vídeo via *Google Meet*. Nas chamadas de vídeo foram aplicadas entrevistas que duraram de 20 a 90 minutos, com cada um nas suas residências. Nessas chamadas discutimos as práticas de consumo abordadas pela pesquisa conforme os registros disponibilizados pelos informantes em seus ‘diários solicitados’. Flick (2009) ressalta que, conforme a evolução tecnológica, novas técnicas como as gravações de áudio, vídeo e fotografia foram sendo utilizadas na captura e comunicação de descobertas nas pesquisas qualitativas.

A triangulação dessas diferentes fontes de dados, que Yin (2014) propõe como meio de validação de um mesmo fato ou fenômeno, viabilizou a investigação das competências, materialidade e significados intrínsecos aos “fazeres” e “dizeres” das práticas domésticas de consumo no enfrentamento à pandemia da COVID-19. A convergência de fonte de dados desta pesquisa encontra-se ilustrada adiante:

Figura 4 – Convergência dos dados da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa baseado em Yin (2014, p.191).

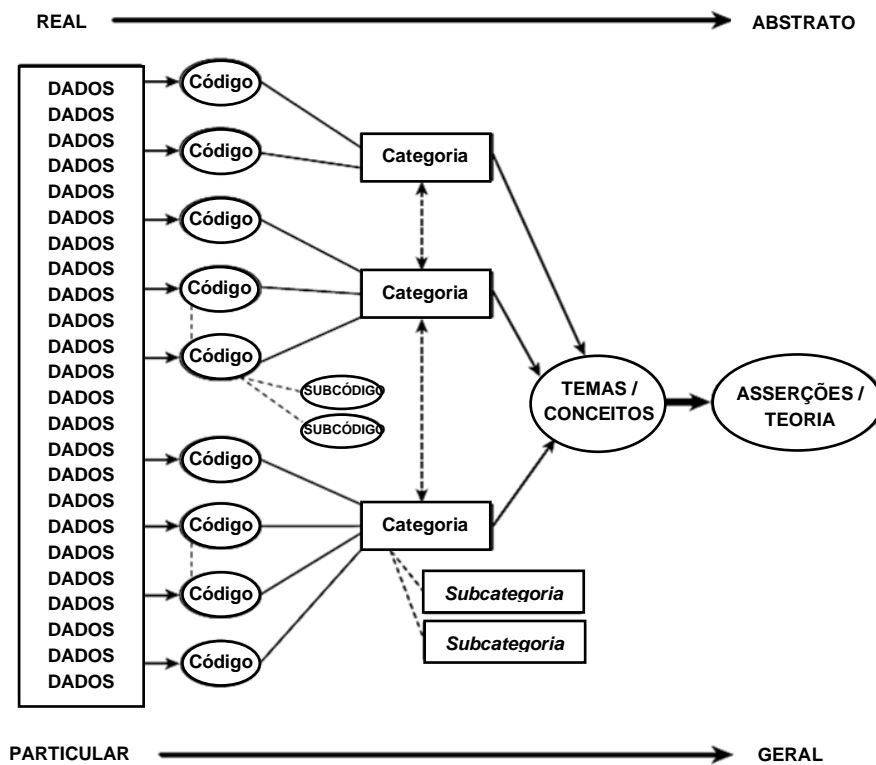
3.4 Análise dos dados

O processo de análise dos dados coletados se deu por meio de análise de conteúdo conforme proposição de Krippendorff (2004) de ‘análise de conteúdo orientada ao problema’, que parte da pergunta de pesquisa para efetuar análises através da escolha de textos que possam respondê-la mesclado à proposta de codificação e categorização de Saldaña (2016). Segundo o autor (2016, pp. 9-10, tradução nossa),

codificar é organizar as coisas em uma ordem sistemática, fazer algo parte de um sistema ou classificação, categorizar [...] a codificação permite organizar e agrupar dados codificados de forma semelhante em categorias ou ‘famílias’ porque eles compartilham algumas características – o início de um padrão.

O modelo simplificado de Saldaña (2016) (FIGURA 5) permite que o comparativo entre categorias conduza a uma transição a partir dos dados da ‘realidade particular’ em direção ao ‘temático’, ‘conceitual’ e ‘teórico’.

Figura 5 – Um modelo simplificado de ‘códigos para a teoria’ para investigação qualitativa



Fonte: Saldaña (2016, p.14, tradução nossa).

Os passos recomendados por Krippendorff (2004) para ‘análise de conteúdo orientadas ao problema’ são: i) formulação da pergunta de pesquisa; ii) determinação de correlações estáveis; iii) localização de textos relevantes; iv) definição de unidades de análise; v) amostragem dos textos; vi) desenvolvimento de categorias e instruções de gravação; vii) seleção de procedimento analítico; viii) adoção de padrões; ix) alocação de recursos.

Seguindo os passos sugeridos por Krippendorff (2004), a pergunta de pesquisa definida para este estudo foi: como a pandemia da COVID-19 tem alterado as práticas domésticas de consumo? Para o segundo passo da análise de conteúdo, busquei as correlações estáveis através da conexão das transcrições obtidas em campo (via áudio, vídeo, textos e imagens) ao que poderiam ser possíveis respostas da pergunta de pesquisa. A localização dos textos relevantes foi norteada pelos indícios que apontassem para os elementos material, significado e competência constituintes das práticas (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012) emergentes no contexto pandêmico.

Conforme o quarto passo, a partir dos textos relevantes localizados, foram definidas como unidades de análise as palavras e os trechos significativos para a pesquisa. O passo adiante, de amostragem dos textos, contou com a seleção dos trechos representativos para

ilustrar as análises do estudo. A execução do sexto passo lançou mão da categorização dos dados conforme os elementos material, significado e competência constituintes das práticas referentes ao consumo residencial no enfrentamento à COVID-19. Essa etapa e as duas etapas seguintes também foram embasadas pelos procedimentos de Saldaña (2016) no tocante à codificação e categorização.

O procedimento analítico que escolhi para a concretização do sétimo passo obedeceu às seguintes etapas: a) construção de apontamentos referentes às observações efetuadas conforme as categorias de análise; b) investigação das ideias, sentimentos, competências e significados intrínsecos aos “fazer” e “dizer” das práticas exploradas; c) seleção dos principais componentes textuais e imagéticos que permitem o entendimento das práticas, bem como a formação de seus nexos.

O oitavo passo indica que se adote padrões, assim, busquei verificar padrões de validade semântica, estrutural e funcional das práticas em análise. E por fim, cumprindo o último passo, que envolve a decisão de escolhas de recursos humanos e materiais para a organização do processo de análise da pesquisa, foi realizado por mim de forma manual, com apontamentos dos padrões encontrados em um caderno e com o auxílio da planilha Excel para organização e análise desses padrões.

As etapas mencionadas possibilitaram a operacionalização do estudo para o atendimento do objetivo proposto.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em vista do objetivo geral proposto, de **examinar as mudanças decorrentes da pandemia da COVID-19 nas práticas domésticas de consumo de brasileiros**, esta seção apresenta os resultados da pesquisa de campo, bem como sua análise e discussão. Dessa forma, ela se estrutura em oito subseções das quais as sete primeiras se voltam para os elementos constituintes das práticas investigadas, quais sejam: (i) práticas de limpeza e desinfecção de superfícies; (ii) práticas de limpeza das máscaras; (iii) práticas de limpeza das mãos; (iv) práticas de limpeza das compras; (v) práticas de uso das máscaras; (vi) práticas de compras de supermercado; (vii) práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado; e a última subseção trata de mapear as relações e vínculos entre as práticas abordadas, a saber: (viii) nexos das práticas domésticas de consumo.

4.1 Práticas de limpeza e desinfecção de superfícies

‘Queimei meu celular de tanto passar álcool nele.’ Vi essa frase hoje no *stories* de uma amiga e fiquei refletindo sobre as mudanças de comportamento e rotina que estamos vivenciando. Limpeza constante é a palavra de ordem. Se essa pandemia durar muito tempo, coisa que temo muito que aconteça, quantos desenvolverão algum tipo de distúrbio psicológico? Quanto de produtos de limpeza será utilizado de forma desnecessária? (Nota de campo, abril de 2020).

A prática de limpeza e desinfecção de superfícies tem ganhado espaço na rotina dos informantes em decorrência da pandemia da COVID-19 e tem sido motivo de preocupação constante, como exemplifica uma informante: “Estou sempre limpando para que nenhum objeto contamine as superfícies e conseqüentemente a nós.” (I27, Ceará, mulher, 36 anos). Essa preocupação se revela principalmente quando se trata de objetos de uso pessoal ou locais de contato direto com as compras, que são consideradas pelos informantes os principais veículos de contaminação. Cheng *et al.* (2020) e Xue *et al.* (2020) atestam em seus estudos a real possibilidade de infecção via contato com superfícies contaminadas pelo vírus SARS-CoV-2, o que justifica a preocupação e ações relatadas pelos informantes.

Quanto ao chão, notei que os entrevistados, em geral, mantêm o hábito de limpeza ao qual já eram acostumados: “No geral, dentro de casa a rotina [de limpeza] não foi alterada.” (I16, Minas Gerais, homem, 30 anos), principalmente quando não saem de casa: “Me mantive em casa, não fiz nenhuma rotina especial de limpeza.” (I11, Pernambuco, mulher, 27 anos).

Somente nos espaços onde se dão os movimentos de entrada e saída, seja de pessoas, seja de produtos adquiridos nas compras, é que há uma maior atenção e reforço na sua limpeza:

Como esses dias não saímos então foi a limpeza normal, varrer, passar o pano, porém na área da cozinha entrada de casa, reforcei a limpeza com água sanitária e limpeza de balcão, pia, etc. (I01, Ceará, mulher, 20 anos).

Demos especial atenção à área da cozinha por onde recebemos os deliveries. Utilizamos água, água sanitária e desinfetante. (I13, Ceará, homem, 28 anos).

Entre os informantes residentes no Brasil, o rodo e o pano de chão (ou o limpador de chão que integra esses dois componentes, o chamado “MOP”) (FIGURA 6) são artefatos obrigatórios nesse tipo de limpeza, enquanto que as entrevistadas que moram na Alemanha não citaram e nem registraram o uso desses materiais, assim como também não utilizam água sanitária para esse fim, enquanto que todos os outros informantes afirmaram utilizar esse produto na limpeza do chão.

Figura 6 – Fotos dos principais elementos materiais utilizados na limpeza e desinfecção do chão



Fonte: Dados da pesquisa.

As demais superfícies citadas e demonstradas pelos informantes que são alvo de preocupação quanto a limpeza e desinfecção no enfrentamento à COVID-19 são instalações (pias) e móveis (mesas e balcões) nos quais são higienizadas as compras, além dos celulares, bolsas, chaves, maçanetas e interruptores. A água sanitária e o álcool em gel aplicados através de um pano são os principais produtos utilizados nesse processo.

O significado que percebi diante dos depoimentos dos entrevistados quanto a essa prática se manifestou através de palavras como “tranquilidade”, “segurança”, “prevenção” e “proteção” e conforme ilustra o seguinte depoimento: “Para começar o dia, só fico mais tranquila depois que higienizo [sic] todo o chão. Higienizo*” (I06, Ceará, mulher, 25 anos). A declaração de I06 demonstra o caráter de obrigatoriedade que a prática de limpeza e desinfecção

de superfícies passou a abrigar em decorrência da pandemia da COVID-19 para que se vivencie um sentimento positivo na sua rotina.

A limpeza e desinfecção de superfícies requer competências e habilidades que alguns dos informantes ainda não possuem ou estão em fase de aprendizado, conforme os depoimentos a seguir demonstram:

Coloquei 500 ml de água. Adicionei 50 ml de água sanitária. E completei com mais 500ml de água. Com a solução pronta, eu embebi uma toalha. (I12, Ceará, homem, 28 anos).

Na garagem, passei água sanitária praticamente pura, pois por ali é o nosso acesso à rua para colocar o lixo para a coleta. (I34, Rio Grande do Sul, mulher, 62 anos).

Hoje recebi um vídeo sobre a maneira correta de utilizar a água sanitária [...] e pude verificar que temos feito os procedimentos de maneira parcialmente correta. (I13, Ceará, homem, 28 anos).

A WHO (2020c) orienta que, para a desinfecção de superfícies de ambientes não hospitalares, o hipoclorito de sódio (água sanitária/cloro) deve ser usado numa combinação de uma parte deste componente adicionado a 49 partes de água. Caso seja utilizado em grandes concentrações, este produto pode ser corrosivo em superfícies metálicas, além de provocar queimaduras ou irritações na pele (Rutala, & Weber, 2015).

Diante dos resultados obtidos na análise das práticas de limpeza e desinfecção de superfícies no contexto da pandemia da COVID-19, foi possível observar um agravamento da sua condição de práticas insustentáveis, como constatado anteriormente no estudo de Barbosa e Veloso (2014). Esse agravamento é dado tanto pelo maior consumo de produtos e recursos naturais em vista do aumento do quantitativo de execução dessas práticas, quanto em vista da utilização em proporções erradas de produtos. Os significados suscitados na realização dessas práticas estão ligados à sentimentos de recompensa positiva, apesar de ainda se encontrar com performances e competências distantes das condições consideradas ideais no combate à propagação do vírus SARS-CoV-2. Esses achados reforçam a necessidade de disseminação de informações educativas quanto aos procedimentos e performances apropriadas para a correta execução dessa prática e consequente redução do impacto desta no uso de recursos e produção de resíduos.

4.2 Práticas de limpeza das máscaras

Ontem insisti na ideia de passar a ferro a máscara que estava usando... Era uma máscara descartável e de tecido plástico... foi-se uma máscara após 3 semanas de uso...

Sorte que temos uma reserva... e assim se vai a última caixa. (Nota de campo, abril de 2020).

Quanto à prática de limpeza das máscaras, o procedimento predominante nas entrevistas contou com as seguintes atividades: (i) a atividade de deixar de molho as máscaras por um período de tempo num recipiente com água sanitária e/ou sabão em pó diluídos em água; (ii) a atividade de enxaguá-las; (iii) a atividade de esfregar com sabão diluído em água e; (iv) a atividade de pendurá-las num varal para a secagem. O Ministério da Saúde (2020) recomenda que sejam efetuadas todas as atividades pertinentes à higienização das máscaras mencionadas pelos entrevistados e acrescenta as atividades de passar o ferro quente e posteriormente acondicionar em saco plástico.

Somente três informantes relataram que passavam a ferro quente as máscaras de tecido e um outro entrevistado manifestou saber da necessidade dessa atividade, mas não a executa pela ausência da ferramenta que permite a sua execução: “Não vou passar com ferro quente, pois não tenho [u]m ferro de passar.” (I30, Ceará, homem, 37 anos). Eu, enquanto praticante dessa prática, também não costumo utilizar um ferro de passar nessa etapa final do processo de limpeza das máscaras. Após a atividade de enxague das mesmas, coloco-as para ferver durante uns quinze minutos e estendo-as.

Um outro participante da entrevista também destacou que não deixou uma de suas máscaras de molho na água sanitária porque tinha receio de que ela perdesse a cor original. Apenas dois dos entrevistados declarou que ao final do processo de higienização guardava as máscaras em embalagem plástica, o que sugere que quase todos os participantes não dispõem de todos os entendimentos e competências (conhecimento prático) aconselhados pelo Ministério da Saúde (2020) para a execução dessa prática.

Por outro lado, no que refere ao significado, a maioria atrela essa prática a palavras/expressões como “segurança”, “proteção”, “cuidar do outro”. Apenas um dos entrevistados revelou desleixo quanto à prática de higienização de máscaras: “Se vc [sic] quer saber se eu já lavei... ainda não [...] Meu namorado usou uma [máscara na] sexta [-feira] pra ir trabalhar pois ele continua indo e usou ontem tbm [sic] sem lavar de um uso pra outro...” (I14, Ceará, mulher, 29 anos), indo em posição contrária ao que recomenda Stutt *et al.* (2020) e Varallyay *et al.* (2020). Outra atividade mental apreendida no discurso referente a essa prática foi a preocupação em exercê-la de forma urgente:

Minha mãe usou as máscaras reutilizáveis dela, e assim que entra em casa, já coloca na pia dentro da solução de água sanitária.” (I20, Ceará, homem, 33 anos).

Ao chegar em casa tirei a máscara e deixei de molho em sabão.” (I16, Minas Gerais, homem, 30 anos).

A principal infraestrutura material abrangida na prática em análise (FIGURA 7) conta com o uso de bacia, o que sinaliza que as máscaras não são lavadas em máquinas de lavar, ou seja, são lavadas à mão; torneiras, de onde vem a água utilizada para diluição do sabão, água sanitária, varal e prendedor de roupas para a secagem. Em somente duas das entrevistas foi notado o uso de embalagem plástica para o seu acondicionamento.

Figura 7 – Fotos de algumas atividades constituintes das práticas de limpeza das máscaras e sua materialidade



Fonte: Dados da pesquisa.

Como resultado da emergência das práticas de limpeza das máscaras, houve um recrutamento de praticantes para a realização dessas práticas, com aproveitamento de elementos previamente existentes (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012) advindos das práticas de lavagem de roupas, mais especificamente, as competências necessárias para a sua realização.

Ao observar a emergência dessa prática, percebi diferentes performances e sentimentos na sua execução, além de impactos no tocante à sustentabilidade. Como as máscaras caseiras de tecido, apesar de serem reutilizáveis, apresentam um período limitado de uso, elas requerem constantes trocas e conseqüentemente implicam em um grande quantitativo de lavagens, mobilizando, dessa forma grandes quantidades de recursos no consumo a longo prazo, como água, sabão e água sanitária.

4.3 Práticas de limpeza das mãos

A principal recomendação de enfrentamento à COVID-19 propagada pela WHO (2020b) é a prática de limpeza das mãos. Essa prática exige certas competências e habilidades

que desde a infância são ensinadas nas escolas e muitas vezes compartilhadas no ambiente familiar, a ciência até enfatiza a sua importância, mas por questões culturais ou de infraestrutura, muitas vezes ela era ignorada (DANIELS; REES, 1999; ROOKE, 2020). Em seus ‘diários solicitados’ alguns informantes manifestaram suas reflexões acerca da temática, como exemplificam os relatos adiante:

As mesmas medidas de higiene e protocolo de conduta foram recomendados em 1918!! A gente não aprende nada, pois hoje 100 anos depois as pessoas estão aprendendo a lavar as mãos, como se isso fosse uma grande novidade. (I34, Rio Grande do Sul, mulher, 62 anos).

Não passei a lavar as mãos agora só por causa da pandemia, mas, seguindo as orientações que os especialistas têm dado, existe a mudança na forma de como lavar, né? Eu particularmente esquecia de levar essa questão de na ponta dos dedos, né? [...] E não lavava até os pulsos, era mesmo na palma da mão e entre os dedos. [...] É interessante perceber nesse momento, [...] que as pessoas não só estão aderindo a esses atos, que aparentemente eram básicos para uma grande parte da população mundial, né? [...] agora a gente tem tomado esse cuidado de lavar e cuidado em detalhes mínimos de higiene pessoal. Enfim, quem não fazia tais, tais cuidados, tem passado a fazer e quem já fazia tem observado agora o modo como fazer. (I26, Minas Gerais, homem, 35 anos).

Às habilidades preexistentes de limpeza das mãos foram acrescentadas novas competências para que essa prática seja eficaz no combate à contaminação pelo coronavírus, mais especificamente quanto à sua duração (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2020b) e maior atenção para que nenhuma região das mãos seja esquecida nesse processo (RUNDLE *et al.*, 2020). O desenvolvimento e acréscimo desse conjunto de elementos que integram as competências dessa prática nesse contexto implicam também numa maior mobilização de recursos materiais como água, sabão e álcool em gel, o que demonstra como o comportamento das competências dessa prática moldam os elementos materiais (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012) através da forte ligação entre si onde os impactos da mudança de um elemento proporcionou mudanças também no outro elemento.

Os principais elementos materiais que identifiquei nessa prática (FIGURA 8) foram a água, a torneira, a pia, o sabão (líquido ou em barra) e o álcool em gel. Apesar das recomendações da WHO (2020d) indicarem o uso do álcool em gel para higiene das mãos de preferência quando estivessem nos espaços externos e não houvesse a possibilidade de lavagem com água e sabão, muitos relataram utilizá-lo dentro de casa. O uso do álcool em gel após a lavagem com água e sabão foi associado por muitos a um reforço nas práticas de limpeza das mãos, despertando sentimentos de maior proteção e segurança quanto aos efeitos dessas práticas. O elevado uso desse artefato nas práticas de limpeza das mãos, mesmo quando não há

necessidade em vista das orientações oficiais (RUNDLE *et al.*, 2020; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020d), lhe confere o papel, em termos de significado, de ferramenta de grande peso na execução dessas práticas.

Figura 8 – Fotos de alguns momentos das práticas de limpeza das mãos e a materialidade envolvida



Fonte: Dados da pesquisa.

Os significados atribuídos a essa prática são externados por meio de palavras/expressões como “prevenção”, “proteção”, “cuidado”, “Quando higienizo as mãos me sinto tranquila” (I27, Ceará, mulher, 36 anos). O que antes da pandemia era atrelado a hábitos rotineiros muitas vezes esquecidos de cuidados com a saúde (TRAMPUZ; WIDMER, 2004), adquiriu novas motivações e atividades mentais compartilhadas socialmente:

[Lavar as mãos] Sempre teve o sentido de limpeza, higiene. Mas hoje além disso tem o de proteção. Percebi quando minha filha disse; ‘-Vou lavar minhas mãos pq [sic] eu não quero pegar o corona vírus [sic]’. Ela é nosso reflexo em termos de comportamento. (I27, Ceará, mulher, 36 anos).

Nas entrevistas e na minha rotina notei que a prática em análise se encontra em processo de incorporação mais avançado, conforme ilustração de alguns dos relatos que expõem tanto a ênfase no aumento da frequência, como exprimem a sua preocupação e sua consideração como uma prática já integrada aos seus hábitos:

Essa lavagem [das mãos] eu faço várias vezes ao dia” (I34, Rio Grande do Sul, mulher, 62 anos).

Hoje enquanto dobrava as roupas senti uma sensação esquisita na pele das mãos: ao observar as palmas das minhas mãos mais atentamente percebi que elas estavam descascando, coisa que nunca tinha me acontecido, e só então me dei conta do quanto estou lavando absurdamente as mãos nesse período. (Nota de campo, maio de 2020).

Sempre qd [sic] X [nome da filha da entrevistada] chega em casa eu falo para ela lavar as mãos. Ela sempre reclama que e diz que sabe. Que eu nao preciso ficar repetindo! (I32, Berlim, mulher, 44 anos).

Mas eu fico com um álcool em gel na bolsa sempre passando na mão. (I02, Ceará, mulher, 20 anos).

Vamos ao banheiro para lavar as mãos com água e sabonete seguindo as regras de lavagem de mãos que já nos acostumamos. (I20, Ceará, homem, 33 anos).

Um maior foco no conjunto de atividades que integram as práticas de limpeza das mãos (GLOBAL HANDWASHING PARTNERSHIP, 2020) e seu estímulo para que aumente sua frequência (GÜNER; HASANOĞLU; AKTAŞ, 2020) apontam para os reajustes sociais e de padrões pelos quais essas práticas estão passando devido o contexto pandêmico. As narrativas e comportamentos destacados nesta seção apresentam o quanto as demandas por recursos pelos consumidores estão emergindo e/ou aumentando em busca de uma melhor performance em uma prática vital no enfrentamento à pandemia da COVID-19, o que mais amplamente implica em modos de vida cada vez mais intensivos quanto ao consumo de recursos materiais e naturais.

4.4 Práticas de limpeza das compras

A prática de limpeza das compras demanda atividades que anteriormente a esse novo contexto não eram levadas em conta na rotina de consumo dos informantes brasileiros residentes no Brasil e na Alemanha. Os relatos e registros provenientes dos diários e entrevistas também revelam diferentes interpretações na forma como essas práticas devem ser performadas, bem como os uma variedade de produtos utilizados para a sua execução conforme o material de composição das embalagens das compras nos lares entrevistados. Ao discorrerem sobre a forma como suas atividades se organizam, os informantes proporcionaram um panorama de como a pandemia da COVID-19 está impactando no seu comportamento de consumo e na dinâmica de formação e incorporação das práticas de limpeza de compras. Adiante, alguns exemplos ilustrativos da percepção desse novo processo de incorporação de hábito:

Aqui em casa a gente não tinha o hábito de limpar as coisas com o álcool, mas desde que começou tudo isso, virou um hábito pra gente usar o álcool, o álcool em gel e mesmo o álcool líquido 70. (I31, Ceará, mulher, 41 anos).

[...] eu não experimentei as uvas no mercado antes de comprar como sempre fiz. Só fui comer em casa depois de lavadas. (I32, Berlim, mulher, 44 anos).

Observei diferentes procedimentos nas atividades constituintes dessa prática, mas invariavelmente esse processo conta com as etapas de (i) manejo das embalagens que

transportam e/ou acondicionam os produtos e (ii) de limpeza/desinfecção dos produtos em si. Na primeira etapa (Figura 1) percebi, entre os informantes que moram no Brasil, que as embalagens utilizadas no transporte dos produtos, sejam caixas ou sacolas, são imediatamente descartadas por grande parte dos entrevistados, prática que se intensificou, conforme ressalta Patricio Silva *et al.* (2020), no contexto da pandemia: “Geralmente guardávamos as embalagens quando eram reutilizáveis (mesmo de plástico), mas agora jogamos no lixo, bem como os sacos que antes eram reutilizados como sacos para lixo.” (I04, Ceará, mulher, 21 anos), enquanto que outros informantes relataram reaproveitá-las: “Ah... os sacos do supermercado tb ficam de molho para serem reutilizados depois” (I29, Ceará, mulher, 37 anos).

Figura 9 – Fotos do manejo das embalagens que transportam e/ou acondicionam os produtos comprados pelos residentes no Brasil



Fonte: Dados da pesquisa.

Um outro aspecto detectado foi a preferência, no ato da compra, por produtos que estivessem acondicionados em embalagens como forma de redução do risco de contaminação:

Faço a:: higienização, né, desses materiais, eles vêm, desses produtos, eles vêm embalados individualmente, inclusive uma preocupação, essa quantidade de plástico que eles vêm, né, em outras situações, eu não usaria, a não ser pra guardar dentro da geladeira, mas eu não receberia com essa quantidade toda de plástico, é:: mas essa própria empresa, ela tem um protocolo onde ela é:: embala dessa maneira oferecendo a segurança ao usuário. Acabaram me convencendo de que essa medida realmente nesse momento, nesse momento, ela é necessária. (I34, Rio Grande do Sul, mulher, 62 anos).

Dessa forma, o consumo seguro dos produtos no contexto da COVID-19 implica em mudanças na manipulação dos produtos antes da sua utilização para a satisfação das necessidades e desejos dos indivíduos de forma segura. Isso pode resultar em efeitos no momento da escolha de produtos para compra na preferência por itens com embalagens

(PATRÍCIO SILVA *et al.*, 2020) que lhe transmitam a sensação de segurança na sua manipulação.

Para as caixas (FIGURA 9), o procedimento adotado na sua descontaminação é molhar ligeiramente com um borrifador contendo álcool líquido ou uma solução de água sanitária diluída em água. Já as sacolas de plástico, independentemente de serem jogadas ou não no lixo, passam pelo processo de borrifação com álcool antes de se retirar os produtos que elas acondicionam. Quando não são descartadas após esse processo, os informantes relataram lavá-las com sabão e estendê-las para a secagem e posterior reaproveitamento (FIGURA 9). Entre os brasileiros que moram na Alemanha não foi relatado descarte das embalagens utilizadas no transporte dos produtos comprados porque os entrevistados costumam utilizar sacolas retornáveis ou bolsas para carregar as compras. E estes acessórios, quando passavam por um processo de higienização, eram lavados com água e sabão.

A preferência por produtos com mais embalagens e o aumento do hábito de descarte encontrada nos resultados dos brasileiros residentes no Brasil acende um alerta para o aumento do impacto no meio ambiente e reforçam os achados de Barbosa e Veloso (2014), nos quais as lógicas culturais insustentáveis já internalizadas no consumidor brasileiro impedem que práticas mais sustentáveis associadas à limpeza se propaguem facilmente.

Na etapa seguinte, de limpeza/desinfecção dos produtos comprados, foram ilustradas mudanças entre todos os entrevistados nesse período de pandemia. No caso de produtos hortifrúti (frutas, legumes e verduras), a maioria relatou manter os mesmos cuidados de higiene que já tinham antes da pandemia: “Das frutas e legumes: ponho de molho na água com água sanitária durante dez minutos e depois enxaguou. Isso é independente da pandemia” (I11, Pernambuco, mulher, 27 anos), no entanto, outros informantes demonstraram adquirir novos hábitos e se atentar mais a essa questão: “Antes eu não tinha o hábito de lavar as frutas dessa forma. Só lavava em água corrente e já guardava no armário. Todo esse processo eu passei a realizar depois do surgimento do coronavírus” (I12, Ceará, homem, 28 anos).

A higienização do hortifrúti (FIGURA 10) é realizada nos lares dos residentes no Brasil com solução de água sanitária diluída em água, na qual se deixa de molho num período variando entre 10 e 30 minutos e, após esse processo, os produtos são enxaguados em água corrente. Em alguns casos, verificou-se a lavagem com água e sabão, que era esfregado com as próprias mãos. Na rotina dos entrevistados residentes na Alemanha, não detectei o uso de água sanitária. Ao invés desse produto, eles utilizam vinagre de limpeza (*Essig Reiniger*), cuja composição é diferente do vinagre de cozinha conhecido no Brasil:

E óbvio que aqueles alimentos que podem estragar mais rápido, como frutas e legumes, nós colocávamos pra dentro, lavávamos com água e um pouquinho de vinagre, né, uma solução de vinagre com água. (I21, Baviera, mulher, 33 anos).

Água sanitária? Não uso. Para os alimentos uso vinagre. (I32, Berlim, mulher, 44 anos).

Figura 10 – Fotos dos elementos materiais utilizados na limpeza de produtos hortifrúti



Fonte: Dados da pesquisa.

Quando se trata de produtos de mercearia, higiene, limpeza e os demais que não são hortifrúti, observei os seguintes elementos materiais (FIGURA 11) nas práticas dos informantes residentes no Brasil: spray com água sanitária diluída na água, imersão por um período de tempo em bacias com solução de água e água sanitária com ou sem sabão; álcool em gel passado diretamente com a mão ou com o auxílio de um pano (flanela ou pano de prato), álcool líquido 70% borrifado, lavagem com água e sabão ou detergente aplicados por meio de uma esponja (a esponja era utilizada na sua face não abrasiva) ou bucha; e aplicação de limpador multiuso com o auxílio de pano multiuso.

Figura 11 – Fotos dos diferentes procedimentos adotados na limpeza de produtos não hortifrúti e seus elementos materiais



Fonte: Dados da pesquisa.

Para os informantes que moram na Alemanha, ao invés utilizar água sanitária, assim como acontece com os produtos hortifrúti, o tratamento dado aos produtos é de lavar com água e vinagre, higienizar com álcool, ou ainda adotar a estratégia de deixar os produtos em um local reservado durante um certo período de tempo antes de guardá-los: “[...] tudo que era de frigorífico, né, ia pro congelador, etc, nós guardávamos imediatamente, as outras coisas ficavam pelo menos 48h lá fora nessa área externa na frente do nosso apartamento, que é fechada, outras pessoas não têm acesso.” (I21, Baviera, mulher, 33 anos).

Observei nas imagens e relatos obtidos nos ‘diários solicitados’ reflexões e constatações do aumento do consumo de produtos de higiene e limpeza em detrimento de produtos de outros departamentos na busca pela redução do risco de contaminação, o que corrobora com o exposto por Martin-Neuning e Ruby (2020), que frisam a possibilidade de algumas áreas tenderem a ter maior concentração de consumo em vista de outras em um cenário de pandemia.

Um produto cujo uso para limpeza não era frequente nos lares e que no contexto da pandemia vem ganhando muito espaço é o álcool (FIGURA 12), seja no estado líquido ou em gel, muitas vezes utilizado até de forma excessiva ou em vista da sua praticidade, como podem ser observados nos seguintes relatos:

[...] eu passo álcool gel ou líquido, o pano bem úmido mesmo e ou papel bem úmido, tanto é que às vezes só dá pra usar uma vez o papel toalha. (I33, Ceará, mulher, 48 anos)

Ai gente, hoje eu vou usar o álcool mesmo pra higienizar as minhas compras porque eu tô com preguiça de lavar. (I24, Piauí, mulher, 35 anos)

Figura 12 – Fotos de diferentes tipos e marcas de álcool utilizados pelos informantes



Fonte: Dados da pesquisa.

No registro imagético dos produtos de limpeza e dos locais onde eles ficam armazenados, percebi que muitos informantes estão fazendo estoque desse produto (FIGURA 12), ocorrência exposta em outros estudos (KIRK; RIFKIN, 2020; SHETH, 2020). Alguns poucos entrevistados relataram não utilizar por não encontrarem álcool no mercado:

Dentro dessa embalagem spray, fizemos uma solução de água sanitária com água normal, usei para limpar as sacolas da ração [...] fizemos assim por que não temos tanto álcool em gel em casa (I06, Ceará, mulher, 25 anos)

Se eu tivesse álcool 70% líquido, borrifaria em cima das compras depois de lavadas. Como não tenho, higienizo apenas com o sabão (I12, Ceará, homem, 28 anos).

Depreendi que dentre os produtos de limpeza com maior destaque no seu consumo se encontram a água sanitária no Brasil, o vinagre de limpeza entre os informantes da Alemanha e o álcool e sabão em ambas as realidades. Uma vez que somente por meio do uso de maneira consistente e correta de produtos de desinfecção (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2014) como álcool e hipoclorito de sódio é que a carga viral de uma superfície inanimada seguramente decresce (KAMPF *et al.*, 2020), é compreensível que a compra e utilização desses produtos fiquem elevados nesse período. Como consequência, tem-se a necessidade de um novo reajuste do mercado para a oferta desses produtos a fim de suprir a demanda e sanar sua escassez proveniente da ampliação do seu uso.

Verifiquei que na prática de limpeza das compras as competências e habilidades necessárias se encontram em processo de construção, conforme ilustram os relatos adiante:

Na minha primeira semana de isolamento, eu tentei lavar as frutas com água sanitária e eu perdi praticamente todas, porque, para mim ficou indeglutível, não sei nem se a palavra existe, mas eu não conseguia engolir porque tava [sic] um sabor muito forte. (I12, Ceará, homem, 28 anos).

Gente, eu acabei de inventar aqui uma mistura, era preu [sic] colocar só água sanitária, mas eu coloquei água sanitária e sabão líquido. (I24, Piauí, mulher, 35 anos)

A motivação dos entrevistados à adoção deste novo comportamento se traduziu nas palavras / expressões “para reduzir a possibilidade de qualquer contaminação” (I19, Ceará, mulher, 33 anos), “medo”, “proteção”, “eliminação do vírus”, “prevenção”, “preocupação”, “Tornar os produtos mais apropriados para o consumo” (I27, Ceará, mulher, 36 anos), “buscando evitar a presença do vírus na minha casa” (I34, Rio Grande do Sul, mulher, 62 anos).

Apesar da necessidade de adesão à essa prática, alguns informantes externaram que ela ainda se encontra em fase de incorporação, fato que também ocorreu em epidemias anteriores (TOMES, 2010):

Guardei as compras sem limpar. (I32, Berlim, mulher, 44 anos)

[...] ontem quando chegamos esqueci de higienizar as compras do [supermercado X] (I14, Ceará, mulher, 29 anos)

Deveríamos fazer alguma higienização [de produtos que chegaram de um *delivery*], mas não, eu limpo o que vem do supermercado. (I07, Minas Gerais, mulher, 25 anos).

Uma possibilidade de resistência à sua aderência pode estar ligada às questões de significado psicossocial que essa prática possa ter e que foram manifestadas pelos entrevistados: “Mas confesso que não quero ficar neurótica com a questão da limpeza” (I32, Berlim, mulher, 44 anos), “Nunca pensei em fazer esse tipo de ação que beira o exagero” (I27, Ceará, mulher, 36 anos).

As emoções e atividades mentais ligadas às práticas de limpeza das compras se manifestaram através das palavras / expressões: “todo um processo”, “repetitivo”, “exaustivo”, “fadiga”, “o seu psicológico fica abalado” (I05, Ceará, homem, 24 anos), “atenta”, “pressão”, “sufocante”, “irritada”, “sem paciência”, “novela”, “saga”, e sobretudo “ritual” e “chato”, além de alguns exemplos dos relatos adiante:

Eu fico meio fadado de fazer essa limpeza para todos os alimentos que chegam dentro de casa. (I10, Ceará, homem, 27 anos)

É toda uma novela para minha irmã e sobrinha tirarem todos os itens das sacolas e limparem com álcool produto a produto. Às vezes demora até 45 minutos para concluir o ritual. (I22, Ceará, homem, 35 anos)

Hj [sic] foi dia de mercantil. Olhem a quantidade de coisas p lavar ou limpar... A pior parte! Ninguém merece [...] Frutas e folhas de molho e o que não da p ficar é lavado com detergente. Ah... os sacos do supermercado tb [sic] ficam de molho para serem reutilizados depois Chateada! É um saco repetir isso toda hora. (I29, Ceará, mulher, 37 anos).

A possibilidade de incorporação desses novos hábitos mesmo após o final da quarentena ficou muito latente nos discursos e reflexões dos informantes:

[...] eu tinha percebido, achado, que eu tinha ficado mais flexível, né, porque eu tava, tipo em outro ambiente, só que eu me toquei que chegou em um momento que tá, tipo assim, normal, automático. Então eu não penso antes de fazer, entendeu, mais. Eu só faço, tipo, não é, chega até o ritmo melhorou, né? (I09, Ceará, mulher, 27 anos).

Por exemplo um hábito que não é realmente um hábito meu, ninguém aqui, nem do meu companheiro, nem de ninguém lá de casa dos meus pais, dos meus avós, uma coisa que a gente já notou e conversando é algo que a gente pretende manter pós período pandemia é a questão de higienizar o que a gente recebe de supermercado, de fora, porque quando você para pra pensar, faz total sentido [...] E a gente simplesmente recebia e colocava as coisas dentro da nossa geladeira, sabe, então, tipo, é um lugar onde eles vão ficar conservados e aí isso mudou radicalmente, é algo que eu realmente pretendo adotar pra sempre. (I13, Ceará, homem, 28 anos).

Acho que uma hora essas medidas serão automáticas, mas ainda fico pensando: o que vou fazer com essa embalagem? Tem vírus aqui? Melhor passar álcool ou lavar com sabão líquido? (I27, Ceará, mulher, 36 anos).

Consistente com os estudos de Shove (2003a) sobre os reajustes de ideais e ordens sociais que novas práticas de limpeza implicam, esta subseção destaca os sentimentos e significados múltiplos atribuídos pelos informantes à emergência e possibilidade de incorporação das práticas de limpeza das compras. Com esse propósito, foram reveladas narrativas das cargas emocionais envolvidas nessa prática, que variam entre medo, estresse, pressão, cansaço e chateação. Ainda assim, mesmo diante de tantos significados negativos e receio de contaminação, ainda encontrei episódios de resistência na adesão a práticas de limpeza e higiene, esse desafio também foi encontrado em epidemias passadas, como retrata Tomes (2010). Apesar dos momentos de relutância de alguns informantes perante esses hábitos, todos manifestaram reconhecer a importância da prática de limpeza, externando reflexões e posicionamentos que apontam para o desejo de sua incorporação após o período pandêmico.

Os cotidianos de limpeza de compras destacados neste estudo demonstram as performances, emoções e artefatos envolvidos nos processos inerentes ao comportamento do consumidor no contexto da pandemia da COVID-19. Dessa forma, foram relatados diferentes impactos nos processos de escolha, compra, uso e descarte de produtos dos consumidores brasileiros residentes no Brasil e na Alemanha na atual conjuntura.

4.5 Práticas de uso das máscaras

A ocorrência das práticas de uso das máscaras se dá principalmente nos momentos de saída da residência, mas também são utilizadas em casa nas ocasiões de recebimento dos produtos advindos do *delivery* e no período de manifestações de sintomas de gripe ou suspeita de COVID-19 quando se mora com mais alguém. Por exemplo, as informantes a seguir descrevem as situações e circunstâncias nas quais o uso das máscaras é praticado:

Então fui com meu pai na faculdade, meu pai usa sempre máscara, ele é do grupo de risco. Antes de ir coloquei máscara. (I17, Ceará, mulher, 32 anos).

Eu agora que eu tenho essa máscara de pano, toda vez que eu saio do do apartamento pra ir lavar roupa ali no quintal ou pra pegar algum pedido, eu boto a máscara. (I18, Ceará, mulher, 33 anos).

Aqui [na minha família] usamos máscaras quando saímos ou continuamente quando gripei dias atrás. As máscaras que usamos aqui são cirúrgicas e de tecido. As primeiras [foram compradas] nas farmácias e a segunda de uma micro empreendedora que mora próximo a minha casa. (I28, Ceará, mulher, 37 anos).

No período da quarentena os informantes estão desenvolvendo habilidades técnicas como a posição correta da máscara junto ao rosto, circunstâncias ideais para sua utilização, materiais das máscaras recomendados conforme situação (FISCHER *et al.*, 2020) (e.g. máscaras de tecido para a população em geral, modelo N95 e máscaras cirúrgicas para profissionais da área da saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020c)), bem como sua correta higienização. A aquisição dessas novas competências envolve questões adaptativas cercadas de muitos sentimentos negativos, conforme observei nos registros e, mesmo diante desses sentimentos ruins, os informantes registraram narrativas que transpareceram comportamentos de julgamento quanto às habilidades das práticas de uso das máscaras pelas pessoas que os cercam. Os informantes relataram ter observado que nos locais públicos, quando saíam, muitas pessoas não utilizavam a máscara corretamente, posicionando-a no queixo ou deixando o nariz de fora, ou ainda nem faziam uso deste item. Resultados referentes a comportamentos inadequados quanto ao uso das máscaras também foram achados por Kumar *et al.* (2020).

O material de composição das máscaras (FIGURA 13) utilizadas na rotina da grande maioria dos entrevistados é o tecido de algodão, adquirida através de costureiras que produzem em casa. Três deles relataram ter costurado em casa a própria máscara e outros dois chegaram a improvisar a proteção da boca com lenço de pano enquanto não conseguiam adquirir máscaras. Cotrin *et al.* (2020) em seu estudo mencionam que as máscaras caseiras de tecido e o improvisado com lenços se difundiram em vista da dificuldade de oferta das máscaras cirúrgicas e N95 no mercado. Nove informantes possuem máscaras cirúrgicas cuja utilização é alternada com as máscaras de tecido, no entanto, dois dentre os participantes entrevistados mencionaram utilizar exclusivamente máscaras cirúrgicas. A utilização exclusiva de máscaras cirúrgicas pela população em geral é uma preocupação salientada pelos órgãos oficiais, em vista da escassez destas para os profissionais da saúde (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020c) e também sinalizam para a elevação do quantitativo de

descarte desse artefato, já que máscaras descartáveis têm seu uso limitado a uma única vez. Dois outros informantes relataram o uso da N95 para a sua atividade profissional.

Figura 13 – Fotos de diferentes tipos de elementos materiais e utilização referentes às práticas de uso das máscaras



Fonte: Dados da pesquisa.

O significado associado a essa prática remete à proteção de si e do outro com o qual há interação. Já no campo das emoções foi observada uma grande variedade de significados traduzidos nas palavras / expressões: “agoniada”, “incomoda bastante”, “cuidado”, “medo” e também nos seguintes trechos:

À tarde fiquei muito incomodada com o uso contínuo da máscara. A costura ao meio machucou um pouco meu nariz. (I15, Ceará, mulher, 30 anos).

Eu não me acostumei a usar a máscara. Eu me sinto um pouco sufocada. [...] E meu sobrinho menor [...] nos quatro aninhos dele, achando o máximo usar máscara. (I24, Piauí, mulher, 35 anos)

[...] já senti desconforto com a máscara, mas hoje é confortável e me sinto tranquila em não está transmitindo nada para ninguém. (I27, Ceará, mulher, 36 anos).

Fazer compras com máscara [sic] é bem ruim. Além de não podermos experimentar as frutas no mercado, Tb é impossível cheira-las. (I32, Berlim, mulher, 44 anos)

O medo como sentimento motivador do uso de máscaras também foi encontrado no estudo de Huynh (2020), onde o autor salienta que essa emoção aflora quando os indivíduos percebem um risco elevado de contaminação pelo coronavírus. Já Cotrin *et al.* (2020) avaliam que esses sentimentos negativos frente ao uso das máscaras proporcionam limitações nessa prática.

As rotinas de uso de máscaras evidenciadas nessa seção apresentam os elementos materiais, competência e significado (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012) presentes nos comportamentos de consumo de um artefato cada vez mais presente nos processos de consumo em um cenário de crise de saúde pública. A execução dessa prática, em termos ambientais, lida com questões de elevação dos resíduos no seu processo de descarte, o que chama a atenção para a indispensabilidade de desenvolvimento de soluções que agridam menos o meio ambiente.

4.6 Práticas de compras de supermercado

Decidi ir ao supermercado depois de meses sem sair de casa. Foi muito estranho. A cada produto que tocava ou cliente que chegava perto de mim, eu imaginava se estaria contaminado ou não, se o vírus circulou perto de mim e, ao chegar em casa com as compras, me dei conta de que, mesmo com as medidas de higienização tomadas pelos funcionários do supermercado, usei o álcool em gel que levei comigo nas minhas mãos diversas vezes sem pensar. (Diário de campo, junho de 2020).

As práticas de compras de produtos do varejo supermercadista no contexto da pandemia da COVID-19 podem ser descritas como uma situação na qual se enfrentam diferentes discernimentos quanto à segurança percebida entre comprar nos estabelecimentos físicos e comprar via delivery. E, ante às duas opções, identifiquei mudanças distintas em seus conjuntos de elementos constituintes (i.e. materiais, significado competência (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012)). Dessa forma, os resultados apresentados nesta subseção se dividirão entre as práticas de compras nos estabelecimentos físicos e as práticas de compras via delivery.

4.6.1 Práticas de compras nos estabelecimentos físicos

Observei, quanto a competência, que a maioria dos informantes está gradativamente buscando realizar a prática de compra nos estabelecimentos físicos com cada vez menos frequência e em horários que eles consideram de menor fluxo de pessoas. Ainda assim, alguns indivíduos relataram uma certa resistência na redução dessa prática por parte de alguns membros da família:

Meu irmão mais tarde foi ao supermercado. Não gostei, pois uma das pessoas da casa já tinha saído e acho que não há necessidade de sair mais de uma pessoa por dia. (I20, Ceará, homem, 33 anos).

Outras estratégias apontadas foram o uso do cartão de crédito ao invés do dinheiro em espécie para evitar a contaminação, elaborar uma lista de compras para reduzir o tempo de

estada no estabelecimento e se limitar a comprar itens mais essenciais, além da preferência pelos mercadinhos menores e mais próximos da residência para evitar percorrer grandes distâncias e fugir da lotação dos grandes supermercados.

Apesar das tentativas de redução do tempo no supermercado, houve relatos de morosidade nessa prática devido aos maiores cuidados a serem tomados:

Então o ritual das compras ficou bem longo, né, comparado ao que era nossa vida normal antes, agora tá tudo mais demorado e aborrece. (I21, Baviera, mulher, 33 anos).

Outros sentimentos associados à execução dessa prática bastante transpassado pelos entrevistados é o de chateação e consequente estresse. A preocupação com o distanciamento entre as pessoas, uma das recomendações da WHO (2020b), é algo que vem despertando diferentes emoções e reações entre os entrevistados:

Já aconteceu casos de eu pedir para se afastarem de mim. Não gostam, mas não me importo” (I30, Ceará, homem, 37 anos).

[...] para conseguir escutar o que ela tinha a me dizer precisei me aproximar dela... Fiquei com medo de passar o vírus para ela... Não que eu esteja contaminada. Mas vai que estou e não sei? (I32, Berlim, mulher, 44 anos).

Eu me sinto incomodada, quando passo na seção e tem muita gente, eu, mesmo de máscara, paro de respirar. Já estou craque em apnéia.” (I27, Ceará, mulher, 36 anos).

O sentimento de medo é bastante presente na execução dessa experiência, conforme relata I12:

Hoje eu vou falar um pouquinho sobre a minha ida ao supermercado que [...] é o momento mais crítico, assim, pra mim, de toda a::: a quarentena, de todo o isolamento, é justamente esse porque é o momento em que eu me exponho, né, aos riscos maiores de contágio do coronavírus. (I12, Ceará, homem, 28 anos).

Esses achados corroboram com o exposto por Chauhan & Shah (2020), onde o sentimento de medo da infecção pelo coronavírus faz se presente no momento de compra em estabelecimentos físicos.

Observei nos relatos e registros imagéticos que em certos momentos a recomendação de afastamento não era obedecida, seja dentro ou fora do supermercado, alguns contando até com filas de clientes em espera para entrar nas quais o distanciamento mínimo recomendado não era respeitado (FIGURA 14).

Figura 14 – Fotos de alguns momentos das práticas de compra em estabelecimentos físicos supermercadistas e seus elementos materiais



Fonte: Dados da pesquisa.

Para a execução dessa prática, quanto aos elementos materiais, notei o desenvolvimento de um ritual preparatório de separação de frasco de álcool em gel para ser utilizado antes, durante e depois de manusear o cesto ou carrinho de compras, máscaras e, por parte de uma minoria, tem-se também o uso de óculos, luvas e chapéu como artefatos de proteção. Entre as imagens cedidas pelos informantes e seus relatos, percebi que eles estão evitando levar muitos objetos e acessórios para o momento da compra, como, por exemplo, brincos, bolsas, relógios e celular.

Os informantes têm notado sinalizações e algumas medidas de combate à propagação da COVID-19 por parte dos supermercados (FIGURA 14), como, por exemplo, higienização com álcool do kit cabo dos carrinhos e das alças das cestas de compra, oferecimento de álcool para passar nas mãos, designação de pia para lavar as mãos com água e sabão, adesivos no chão indicando a distância a ser tomada pelos clientes e em quais direções devem caminhar, bem como placas instrutivas na entrada do estabelecimento, o que reforça a importância de incorporação dos cuidados que essa prática demanda. Em alguns casos, essas medidas têm funcionado, conforme relato da entrevistada I08:

Percebi q as pessoas tem respeitado mais a distância no momento das filas do q no momento da escolha dos produtos. Acredito q pela própria sinalização (I08, Ceará, mulher, 26 anos).

4.6.2 Práticas de compras via delivery

Em vista da redução da frequência de compras nos estabelecimentos físicos, alguns dos entrevistados relataram a aumento do número de compras via delivery. A prática de compra via delivery é algo que ainda se encontra em fase inicial de incorporação na rotina de muitos

dos entrevistados e se defronta com sentimentos opostos. Dependendo do contexto familiar, ela é encarada com resistência, chance de perigo e desconfiança quanto à possibilidade de contaminação pelo coronavírus, enquanto que em outros lares seu significado perpassa pela sensação de menor risco de contágio, comodidade, além do sentimento de conexão segura com o ambiente fora do lar e senso de colaboração para a sustentabilidade dos negócios. Exemplos dessas diferentes percepções encontram-se nos seguintes relatos:

Penso que a compra por aplicativo me expõe (e por extensão, os outros moradores cada) menos ao vírus. (I23, Ceará, homem, 35 anos).

[...] é uma forma de tentar manter uma lembrança do mundo lá fora, ou seja, uma forma de acessá-lo. Acredito q tb contribui para as empresas continuarem mantendo seus negócios num momento tão difícil (I08, Ceará, mulher, 26 anos).

É ruim não ter certeza dos procedimentos de higienização. (I20, Ceará, homem, 33 anos).

[...] eu não faço pedidos delivery [...] pq acho um risco muito grande (I12, Ceará, homem, 28 anos).

Na investigação da materialidade dessa prática, constatei que os aplicativos mais utilizados foram o *Ifood*, o *Uber Eats* e o *Mercadapp* (Figura 15). Os dois primeiros antes da pandemia eram mais utilizados para pedidos de comidas prontas e agora estão sendo utilizados também para entregas de supermercados. Os entrevistados também têm se utilizado de serviços de tele-entrega, principalmente para a compra de água e de frutas, verduras e legumes de pequenas empresas. Fatores de impedimento associados ao uso dessa ferramenta citados por parte dos entrevistados foram o valor elevado da taxa de entrega e a deficiência na cadeia de suprimentos dos supermercados consultados via aplicativo.

Figura 15 – Fotos de elementos materiais que viabilizam a prática de compra via *delivery*



Fonte: Dados da pesquisa.

O conhecimento prático relacionado à prática de compra via *delivery* requer habilidades e competências que a maioria dos entrevistados relatou possuir. Neste sentido, Berg

e Henriksson (2020) frisam que quanto mais habilidades os praticantes demonstram na realização de compras online, menores são o quantitativo de viagens de carro realizadas para ir ao supermercado.

No entanto, também percebi nos relatos o comportamento de relutância quanto à efetividade da utilização desse recurso em detrimento da compra em estabelecimentos físicos por parte dos familiares de alguns dos entrevistados, segundo ilustra o depoimento adiante:

Durante o café teve uma conversa com minha mãe e de fato, ela: primeiro ela queria ir ao supermercado fazer compras [...] e foi preciso insistir, né, que não precisa ela ir ao supermercado que a gente faz as compras... faz as compras pelo aplicativo e: eu percebo que ela tem uma certa resistência a essa mudança, né, de comprar pelo aplicativo e não comprar indo ao supermercado (I23, Ceará, homem, 35 anos).

Os registros e relatos dos informantes também pontuam mudanças de procedimentos por parte da maioria dos entregadores, que procuram manter o distanciamento social no momento da entrega, uso de máscara e álcool em gel, além de também, por vezes, deixar os produtos na portaria ao invés de se direcionar até a porta dos domicílios. Salienta-se que este é um protocolo que ainda não adotado por todos os entregadores.

Percebo que o cotidiano de compras no varejo supermercadista enfrenta mudanças para que seja performado de forma segura. Assim, a prática de compras via delivery vem ganhando força em detrimento da prática de compras nos estabelecimentos físicos e aponta para a possibilidade de crescimento, apesar das resistências iniciais do seu uso em alguns lares. Resistência essa que pode ser vencida pelo argumento dos benefícios de segurança (PANTANO *et al.*, 2020) que o uso de aplicativos venha significar no decorrer do tempo, já que o risco de exposição que os estabelecimentos supermercadistas podem oferecer (CHAUHAN; SHAH, 2020) são reduzidos.

Elms, Kervenoael e Hallsworth (2016) ressaltam em seu estudo o caráter complementar que a internet pode assumir após o seu uso por um longo período nas compras de supermercado, mas que não chegam a substituir as compras nos estabelecimentos físicos. No entanto, em um período de incertezas quanto a duração da pandemia aliado ao crescente espaço que o uso das tecnologias para compra online vem obtendo (LI; HALLSWORTH; COCA-STEFANIAK, 2020), é possível que esse impacto substancial no consumo (SHETH, 2020) perdure e encontre condições de efetiva corporificação no Brasil.

As realidades retratadas nestas práticas também revelam as performances em processo de adoção nesse contexto pandêmico, bem como as emoções envolvidas. Por conta do medo de contágio pela COVID-19, principal sentimento retratado, a forma como as compras

estão sendo praticadas se encontram em processo de mudança, aprendizado e incorporação (EVERTS; JACKSON, 2009) nas realidades retratadas.

Assim, temos registrado nos hábitos do consumidor novos padrões como a limitação da frequência de saídas até o supermercado, a redução do tempo de permanência nesses estabelecimentos, a observância à regra do distanciamento social, a adoção de táticas e rituais que visem eliminar o risco de contaminação pelo coronavírus, bem como o consumo excessivo do álcool em gel nesse processo. Por parte dos varejistas, verifiquei esforços para tentar se adaptar a esse contexto (PANTANO *et al.*, 2020) através de protocolos de entrega em domicílio e da estruturação dos estabelecimentos físicos de forma a estimular no consumidor comportamentos que propiciem segurança no enfrentamento à COVID-19.

Os achados provenientes desta seção apresentam uma compreensão de como as práticas de compras de supermercado estão sofrendo mudanças em decorrência da pandemia da COVID-19 por meio do exemplo ilustrativo de como consumidores brasileiros residentes no Brasil e na Alemanha podem se comportar nesse contexto.

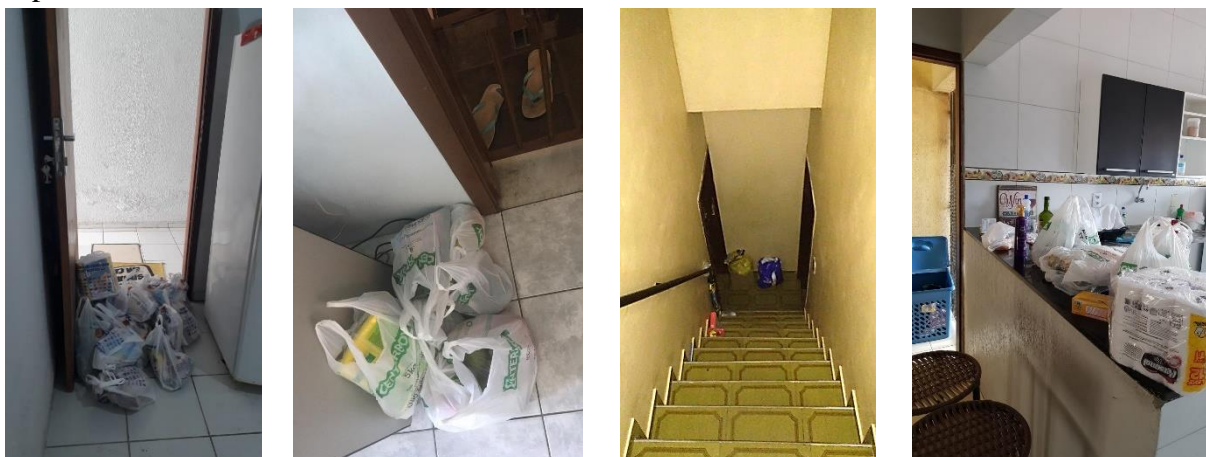
4.7 Práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado

As práticas de reuso de sacolas plásticas provenientes das compras de supermercado têm enfrentado novas barreiras em decorrência da pandemia da COVID-19. A partir dos relatos e registros obtidos junto aos informantes brasileiros, percebi uma maior tendência ao descarte desse tipo de embalagem e diferentes performances para a manutenção dessa prática. Para mapear algumas formas como essas práticas estão se comportando no período do isolamento, observei diferentes aspectos que remetessem aos elementos das práticas propostos por Shove, Pantzar e Watson (2012).

A princípio, os informantes relataram um maior critério quanto ao espaço da casa no qual inicialmente as sacolas plásticas com as compras devem ser deixadas (FIGURA 16). O que outrora não recebia devido cuidado, no contexto atual é alvo de atenção em decorrência do risco de contaminação pelo vírus SARS-CoV-2. Percebi pelos registros nos diários solicitados que locais próximos da porta de entrada e saída da residência são os mais visados, seja no chão, local preferido por grande parte dos entrevistados, ou bancadas e mesas dispostas o mais próximo possível da porta de acesso. Essas redefinições espaciais para execução das práticas em estudo se associam aos argumentos de Schatzki (2015) a respeito do componente espacial da prática, onde o autor menciona que os lugares se vinculam a entidades materiais para

viabilizar as ações humanas e, dessa forma, se integram a outros elementos para a execução das práticas.

Figura 16 – Fotos dos espaços nos quais os produtos dispostos nas sacolas plásticas de supermercado são deixados



Fonte: Dados da pesquisa.

Alguns informantes revelaram que passaram a dar preferência para espaços fora da casa, como jardim ou quintal, de forma impedir a entrada das sacolas no ambiente interno da residência, como exemplificados adiante:

E aí, quando eu chego em casa, [...] os produtos comprados [...] a gente colocou aqui fora na área [...] a gente tira todas as sacolas e aí depois que a gente limpa os produtos, a gente limpa as sacolas. (I08, Ceará, mulher, 26 anos).

Quando as coisas chegam, né, elas ficam aqui na porta, porque a porta já dá mesmo pra cozinha, né? Então as coisas já vem, a:: minha irmã faz a higienização na porta mesmo, né? Já tira a parte secundária [sacolas de supermercado, caixas] na porta (I22, Ceará, homem, 35 anos).

Após a retirada dos produtos adquiridos das sacolas, estas, muitas vezes passaram a ser descartadas logo em seguida (FIGURA 17), atividade que outrora não predominava nos lares dos entrevistados, mas que passou a ser executada prontamente, conforme apontam os seguintes relatos:

E a gente resolveu adotar o sistema de não entrar mais com as sacolas nem na cozinha, fica na área, a gente coloca, vai tirando as coisas do porta-malas, né, do carro [...] e já coloca numa outra caixa, numa caixa nossa daqui mesmo e ela que entra na cozinha, as sacolas não entram, elas ficam do lado de fora e [vão] direto pro lixo pra não ter nenhum perigo de contaminação. (I26, Minas Gerais, homem, 30 anos).

Quando as compras chegaram, a gente teve todo o cuidado, né? Pra higienizar tudo, tira primeiro todas as sacolas plásticas, joga logo tudo no lixo. (I03, Ceará, mulher, 21 anos).

As sacolas eu joga logo fora. (I31, Ceará, mulher, 41 anos).

Figura 17 – Fotos dos elementos materiais dos descartes de sacolas plásticas de supermercado



Fonte: Dados da pesquisa.

Esse aumento no descarte de resíduos plásticos é um dos muitos efeitos danosos decorrentes da pandemia da COVID-19 (KLEMEŠ *et al.*, 2020), onde a necessidade de prontamente lidar no combate ao vírus pode deixar a sustentabilidade em segundo plano (KLEMEŠ *et al.*, 2020; PATRÍCIO SILVA *et al.*, 2020), daí a carência de desenvolvimento e ajustes contínuos de planos de contingência para direcionamento do futuro do plástico, uma vez que, segundo Vanapalli *et al.* (2021), esse afrouxamento no uso de plástico descartável, apesar de momentâneo, pode ter como consequência uma modificação permanente no comportamento do consumidor.

O processo de descontaminação das sacolas plásticas de supermercado conta com uma variedade de competências e habilidades (FIGURA 18). Mesmo que as sacolas não sejam reutilizadas, elas inicialmente recebem álcool ou água sanitária diluída em água borrifados por toda a sua extensão externa antes da retirada dos produtos contidos nelas, conforme relata o seguinte informante: “Assim que entra em casa, né, tem a mesinha com álcool e aí eu borrifo álcool 70 nas sacolas [...] essa sacola de fora a gente joga fora no lixo.” (I04, Ceará, mulher, 21 anos).

Figura 18 – Fotos dos diferentes procedimentos adotados no manejo de sacolas plásticas de supermercado



Fonte: Dados da pesquisa.

A etapa seguinte segue uma das três opções: (i) descarte; (ii) acondicionamento em algum local para posterior reuso; (iii) ou mais um processo de higienização para sua reutilização. Esse segundo processo de limpeza conta com atividades como lavar com água e sabão ou deixar de molho numa solução de água sanitária diluída em água (FIGURA 18). As diferentes performances relatadas no processo de higienização das sacolas plásticas de supermercado para posterior reuso encontram-se ilustradas adiante:

A sacola de supermercado, eu utilizo pro lixo, né? É, então eu sempre utilizo pro lixo, mas quando elas chegam comigo das compras, eu higienizo elas com álcool, estendo um pouco pra, pra pegar um ventinho e secar, depois eu boto num puxa saco e aí do puxa saco eu utilizo pro lixo, do banheiro e da cozinha, né? (I25, Rio Grande do Sul, mulher, 35 anos).

As sacolas, é um pouco complicado lá em casa porque as sacolas a mãe quer usar pra jogar lixo, né, jogar o lixo fora, aí o que é que eu faço [...] eu pego, lavo a sacola, [...] a gente lava a sacola, deixa secar, deixa lá fora, que é pra quando quiser colocar o lixo. (I24, Piauí, mulher, 35 anos).

As embalagens normalmente eu boto todas dentro de um saco e ponho na na área de serviço, naquela parte na varanda da área de serviço, na verdade. Então, ali elas passam uma semana e sim, antes de fechar o saco com as embalagens com as outras sacolas dentro, eu borriro muito álcool, faço assim, uma melecada, e amarro e deixo lá. [...] Aí eu vou pegar uma sacola de lá que foi feito o supermercado uns dez, quinze dias atrás, aí aqui eu vou utilizar agora. (I33, Ceará, mulher, 48 anos).

Os resultados encontrados demonstram como as práticas de reuso encontram-se comprometidas por conta da preocupação com a possibilidade de transmissão do vírus SARS-CoV-2. Essas experiências podem ser exemplos tanto do que Ikiz *et al.* (2021) ressalta sobre implicações negativas nos fluxos de resíduos domiciliares, quanto no tocante à abordagem de

Vanapalli *et al.* (2021) sobre as complicações da gestão de resíduos plásticos no enfrentamento à pandemia.

Atividades mentais e sentimentos relacionados à lavagem das sacolas para o seu posterior reuso se manifestaram na preocupação com os possíveis impactos do descarte desse produto, além de emoções negativas por ter mais essa atividade a ser cumprida:

Tinha saído na... na tevê, eu lembro assim, não eram, não eram especialistas, mas eram recomendações e aí [eles falaram] ‘ah, descartem as sacolas’ e eu acho isso assim, muito errado, sabe? Porque é plástico, né? E você comprando um volume grande, vem muita sacola e aí a gente optou também por limpar as sacolas e colocá-las pra secar, pra depois poder reutilizar essas sacolas. (I08, Ceará, mulher, 26 anos).

Aí eu me sinto frustrada e chateada porque toda vida tem que gastar parte do nosso tempo, do nosso dia pra poder, é, higienizar fruta e sacola [...] (I29, Ceará, mulher, 37 anos).

Outras palavras / expressões que transpareceram a motivação dos informantes para que essa prática fosse performada foram: “evitar poluir o meio ambiente”, “sentir mais seguro”, “proteção”.

Ao analisar o impacto da pandemia da COVID-19 nas práticas de reuso de sacolas de supermercado por meio das lentes das práticas empregadas por Shove, Pantzar e Watson (2012), identifiquei um repentino aumento de sua pegada ambiental, seja por conta do aumento do seu descarte e conseqüente elevação da geração de resíduos, seja pela inserção de novos processos que possibilitem o seu reuso, cujo objetivo é a higienização em combate à contaminação pelo vírus. Esses novos procedimentos envolvem o aumento no consumo de produtos de limpeza, como a água sanitária e o sabão, acréscimo do álcool nessa rotina de desinfecção e elevação do consumo de água, o que sinaliza para grandes impactos no meio ambiente, através do uso de um recurso natural que se encontra em situação de ameaça de escassez e da liberação de substâncias poluidoras.

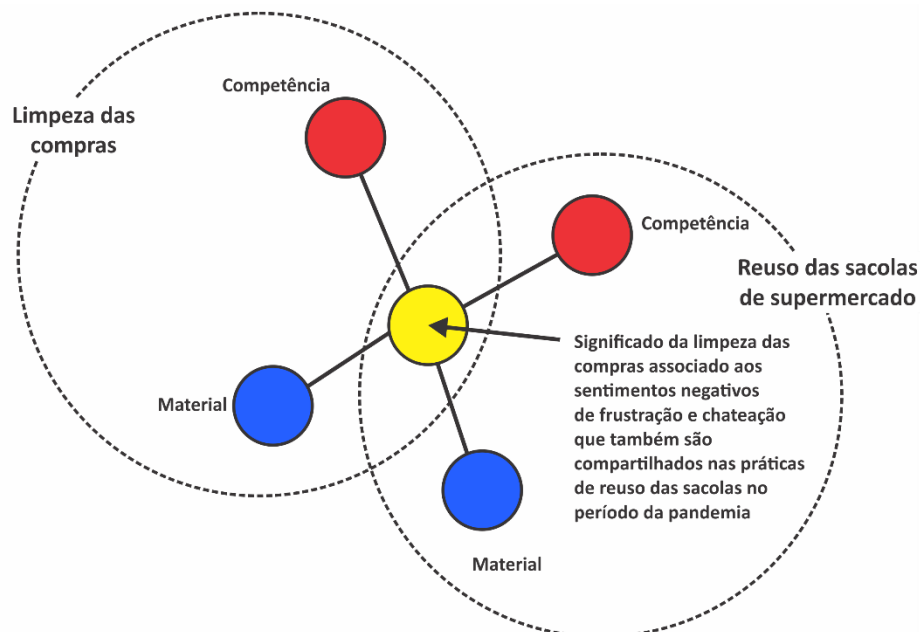
Frente às repercussões identificadas, esta seção evidencia as materialidades envolvidas nas tentativas de reuso das sacolas plásticas de supermercado, bem como suas performances e sentimentos, acendendo uma alerta para a possibilidade de incorporação de práticas de descarte por indivíduos que antes da pandemia tinham por hábito o reuso das sacolas. À vista disso, fica evidente a necessidade de incentivos regulatórios, legislações, investimentos em infraestrutura física e campanhas educativas que disseminem conhecimento e conscientização no tocante às práticas referentes à correta gestão dos resíduos domésticos no enfrentamento da pandemia da COVID-19 e já com vistas para o período pós-pandemia.

4.8 Nexos das práticas domésticas de consumo

Nesta seção busco discutir a respeito dos compartilhamentos de elementos identificados entre as práticas domésticas de consumo exploradas neste estudo. Ressalto que as possibilidades de conexões entre todas as práticas mencionadas não foram esgotadas nesta seção, haja vista que um nexo abriga numerosas possibilidades de conexões frente a dinâmica das práticas que o constitui (HUI; SCHATZKI; SHOVE, 2017; SCHATZKI, 2016).

Nas práticas de limpeza das compras e práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado, o significado negativo de chateação e frustração se comporta como um ponto conectivo entre as duas. Essas práticas passaram a fazer parte da rotina de combate à disseminação da COVID-19 e, além de ocuparem um tempo extra de seus praticantes, despertam sentimentos de carga negativa no momento pós-compra. Adiante, a Figura 19 ilustra o movimento duplo entre o elemento significado dessas práticas:

Figura 19 – Elementos entre as práticas de limpeza das compras e as práticas de reuso das sacolas de supermercado

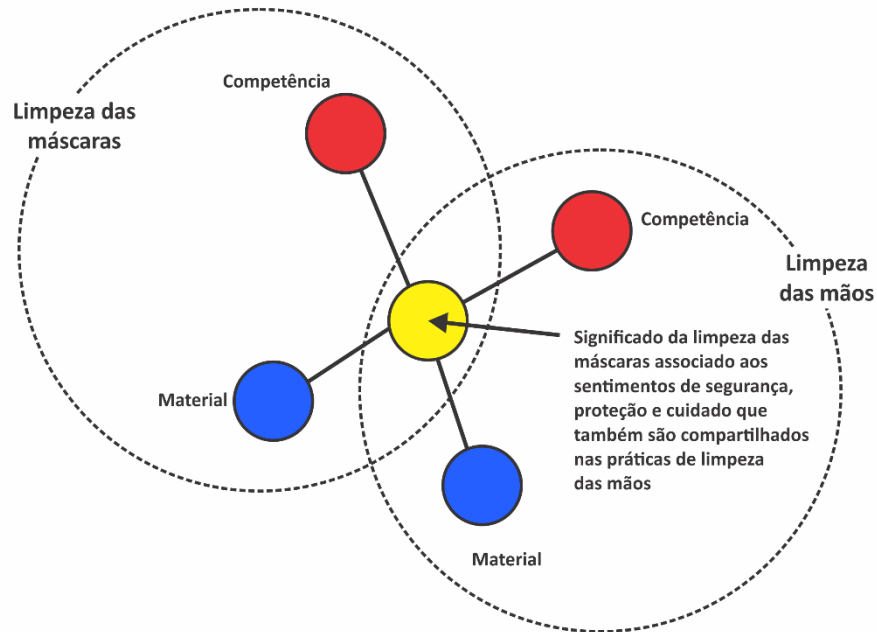


Fonte: Dados da pesquisa baseado em Shove, Pantzar e Watson (2012).

No caso da relação entre as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de limpeza das mãos (FIGURA 20), encontrei como fator associativo comum os significados de segurança, proteção e cuidado que o exercício dessas duas práticas desperta entre os informantes. Esses significados foram construídos a partir da disseminação das informações no tocante à importância da execução dessas duas práticas entre os seus praticantes. Os elos aqui

encontrados exemplificam que dentro de um mesmo conjunto de elementos, neste caso, o significado, é possível identificar mais de um ponto de conexão entre duas práticas, o que pode sinalizar para uma associação mais forte entre essas práticas, assim como também para uma relação mais dinâmica, já que apresenta mais chances também de desconexões.

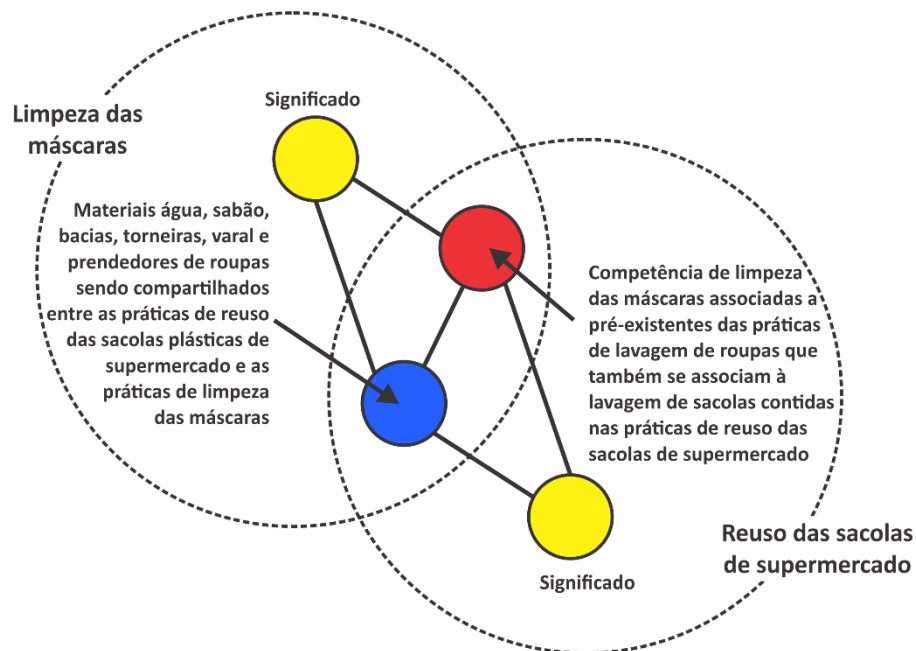
Figura 20 – Elementos entre as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de limpeza das mãos



Fonte: Dados da pesquisa baseado em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Diferentemente das duas ligações mencionadas anteriormente (FIGURA 19, FIGURA 20), a relação entre as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de reuso das sacolas de supermercado (FIGURA 21) apresentam pontos conectivos entre seus dois conjuntos de elementos: os materiais e as competências. A competência de lavar roupas, já existente entre os informantes em período anterior ao contexto pandêmico estudado, se comporta como um dos pontos em comum entre essas práticas. Já na materialidade, os artefatos que circulam entre essas duas práticas e conseqüentemente promovem suas conexões são a água, bacia, torneiras, varal e prendedores de roupas.

Figura 21 – Elementos entre as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de reuso das sacolas de supermercado

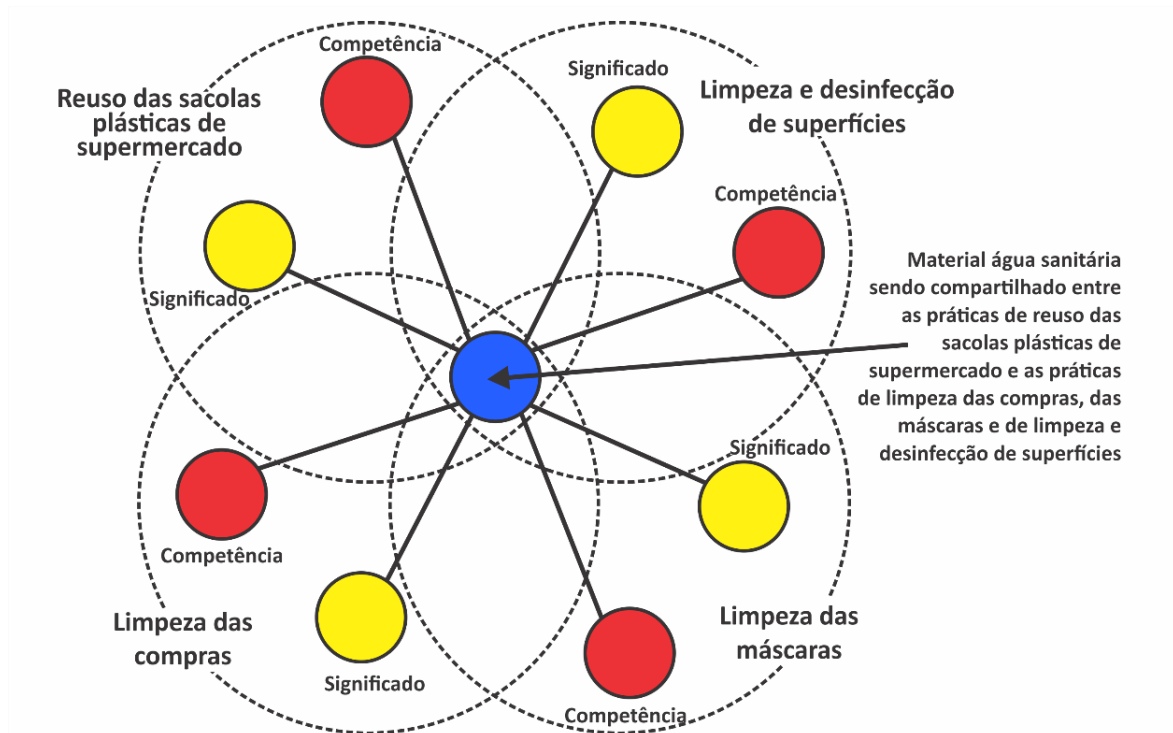


Fonte: Dados da pesquisa baseado em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Nas ligações apresentadas na Figura 21 aumentam as possibilidades de maior força na relação entre os elementos das práticas de limpeza das máscaras e das práticas de reuso das sacolas de supermercado, já que, além de apresentar diferentes pontos em comum quanto aos seus elementos materiais, também se conectam quanto à competência. Assim, conseqüentemente sua relação se apresenta relativamente mais complexa em vista das relações anteriores apresentadas (FIGURA 19, FIGURA 20).

As associações com o elemento material água sanitária são formadas com pelo menos quatro práticas ao mesmo tempo: entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza e desinfecção de superfícies, as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de limpeza das compras (FIGURA 22). A partir desta representação associativa entre práticas, o seu tecido conjuntivo passa a se apresentar de forma mais complexa em vistas das três associações anteriormente apresentadas (FIGURA 19, FIGURA 20, FIGURA 21), na qual um só elemento, no caso, o material, alimenta essa complexidade através do papel de elo entre quatro diferentes práticas, o que também pode implicar em um impacto de maior abrangência na dinâmica das práticas domésticas de consumo no contexto da pandemia da COVID-19 caso esse elemento mude ou deixe de existir. Ou seja, mudanças nesse elemento não se refletem somente na mudança ou quebra de ligações de uma prática, mas de quatro práticas simultaneamente.

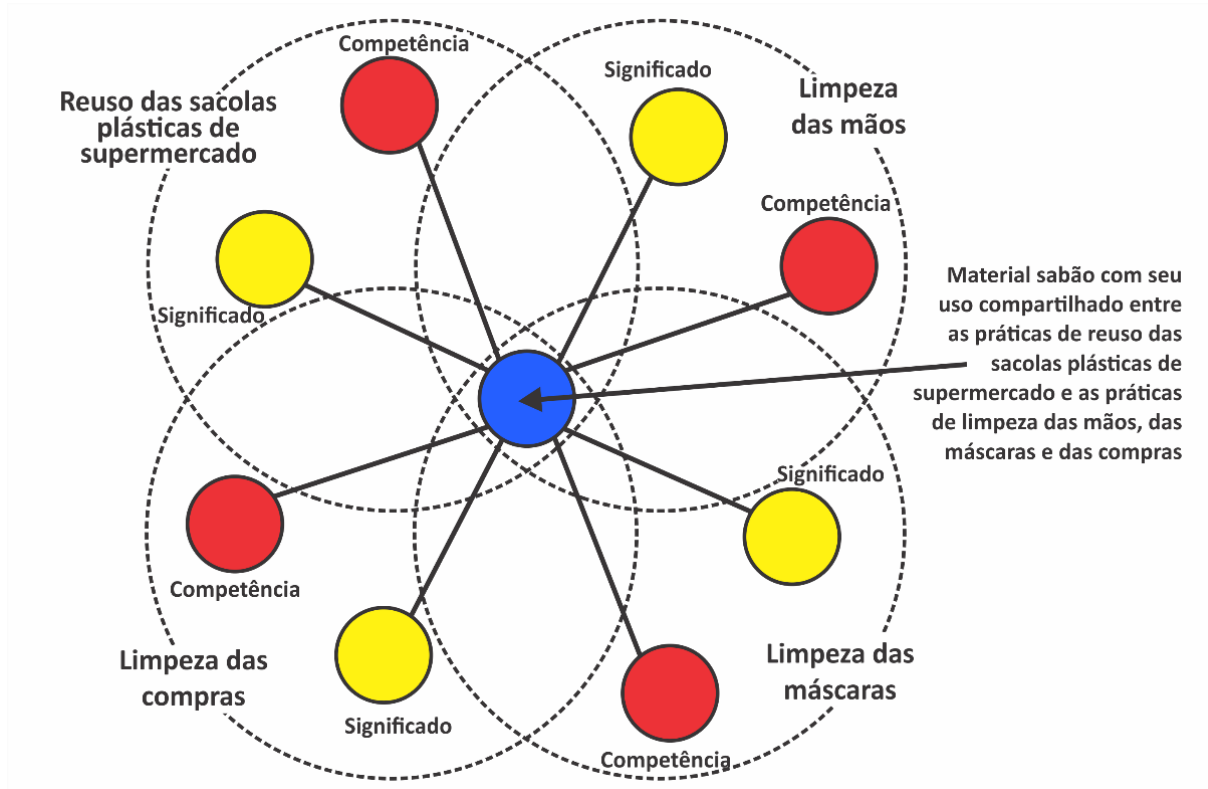
Figura 22 – Elementos entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza e desinfecção de superfícies, as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de limpeza das compras



Fonte: Dados da pesquisa baseado em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Na Figura 23 encontra-se a representação do elemento material sabão que, assim como a água sanitária, se comporta como ele entre quatro práticas: as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza das mãos, as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de limpeza das compras. Todas essas práticas, excetuando as práticas de limpeza das mãos, emergiram por ocasião da pandemia da COVID-19. Na associação representada por esta figura, a dinâmica do elemento sabão enquanto elo entre as práticas se assemelha às relações referentes às retratadas na relação anterior (FIGURA 22): a água sanitária enquanto elemento material que exerce papel conectivo entre múltiplas práticas pode exercer maior influência e representar maiores impactos na dinâmica dentro e entre as práticas de por ela interligadas.

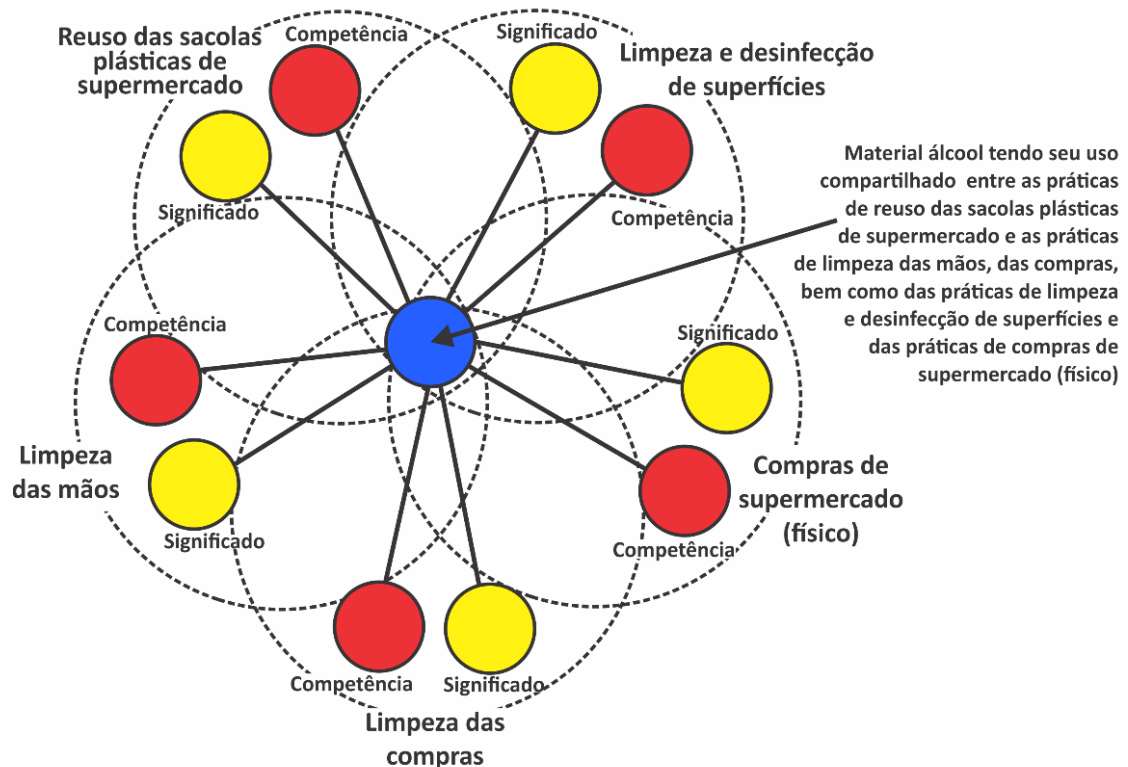
Figura 23 – Elementos entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza das mãos, as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de limpeza das compras



Fonte: Dados da pesquisa baseado em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza e desinfecção de superfícies, as práticas de compras de supermercado (físico), as práticas de limpeza das compras e as práticas de limpeza das mãos (FIGURA 24), figura o elemento material álcool. Isso demonstra a abrangência do uso desse artefato, que teve a sua utilização ampliada não somente dentro das práticas, conforme discutido nas seções que se dedicam a essas práticas mencionadas, como também entre pelo menos cinco práticas dentre o total investigado neste estudo. Ao se comparar com as associações mencionadas anteriormente (FIGURA 19, FIGURA 20, FIGURA 21, FIGURA 22, FIGURA 23), seu grau de complexidade aumenta, em vista de seu elo com maior número de práticas, o que por conseguinte também implica em maiores proporções do impacto de seu comportamento nas práticas exploradas neste estudo.

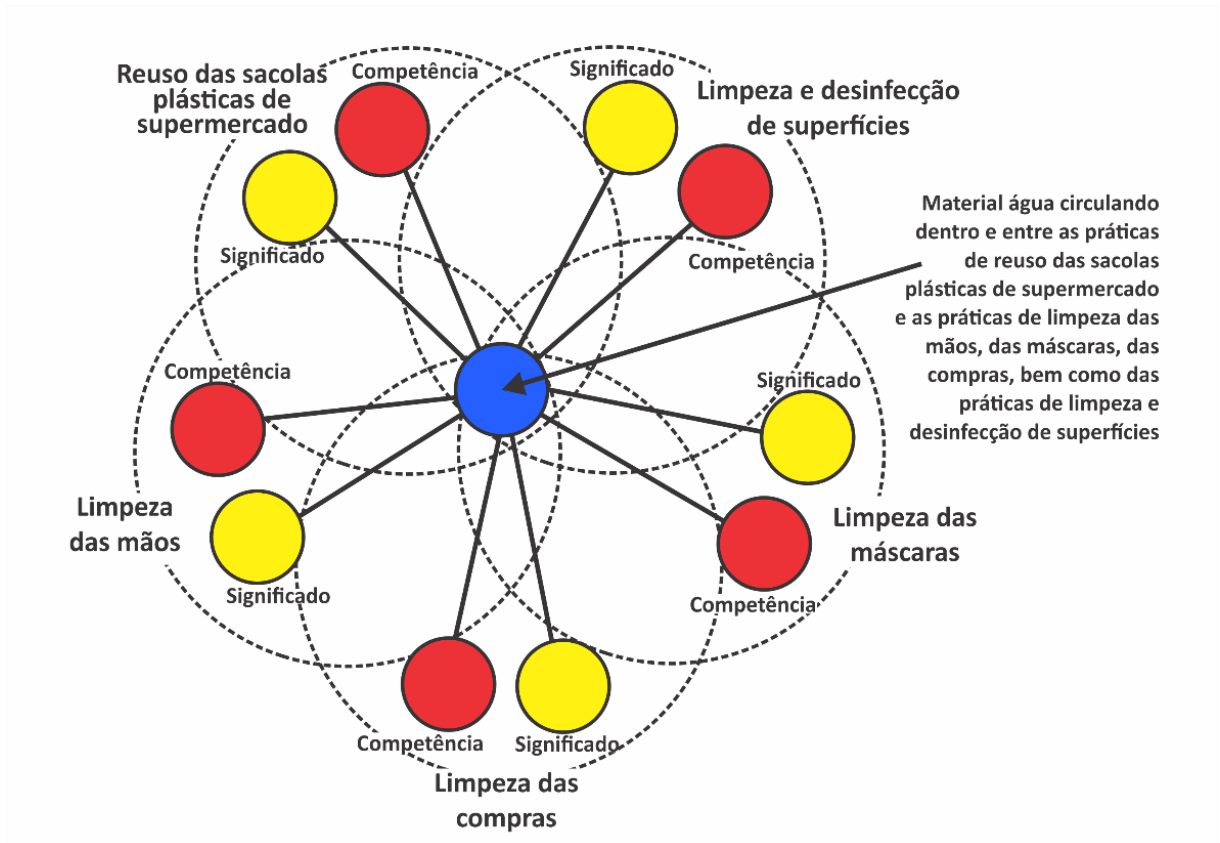
Figura 24 – Elementos entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza e desinfecção de superfícies, as práticas de compras de supermercado (físico), as práticas de limpeza das compras e as práticas de limpeza das mãos



Fonte: Dados da pesquisa baseado em Shove, Pantzar e Watson (2012).

Já nas práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza e desinfecção de superfícies, as práticas de compras de supermercado (físico), as práticas de limpeza das compras e as práticas de limpeza das mãos (FIGURA 25) circula em comum o elemento material água. A presença desse recurso nas práticas mencionadas não é novidade, excetuando as práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado, uma vez que a água é predominantemente presente nas práticas de limpeza, o que as qualifica como práticas de consumo ambientalmente significativas (SHOVE, 2003a, b). O comportamento desse elemento material enquanto conectivo dessas cinco práticas também se assemelha à função desempenhada pelo álcool mencionada anteriormente (FIGURA 24): nesse caso a água mantém arranjos sociais mais complexos em vista dos apresentados nas Figuras 19, 20, 21, 22 e 23. Em vista disso, ela, assim como o álcool, enquanto materialidade possui maior força de apego e desprendimento entre as práticas.

Figura 25 – Elementos entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza e desinfecção de superfícies, as práticas de compras de supermercado (físico), as práticas de limpeza das compras e as práticas de limpeza das mãos



Fonte: Dados da pesquisa baseado em Shove, Pantzar e Watson (2012).

O exame de como se dão as conexões dos elementos entre diferentes práticas na formação de nexos revelou diferentes relações entre as práticas domésticas referentes ao consumo investigadas neste estudo. O elemento significado se manifestou como conector que circula entre dois duplos movimentos: (i) entre as práticas de limpeza das compras e as práticas de reuso das sacolas plásticas de supermercado; e entre (ii) as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de limpeza das mãos. Já entre as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de reuso das sacolas de supermercado percebi a circulação de dois elementos em comum, quais sejam, o material e a competência.

Por fim, os elementos materiais figuraram em quatro movimentos múltiplos ao mesmo tempo, são eles: a) movimentos múltiplos entre quatro práticas (i) entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza e desinfecção de superfícies, as práticas de limpeza das máscaras e as práticas de limpeza das compras; (ii) entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza das mãos, as práticas de limpeza das

máscaras e as práticas de limpeza das compras; b) movimentos múltiplos entre cinco práticas: (i) entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza e desinfecção de superfícies, as práticas de supermercado (físico), as práticas de limpeza das compras e as práticas de limpeza das mãos; (ii) entre as práticas de reuso das sacolas de supermercado, as práticas de limpeza e desinfecção de superfícies, as práticas de supermercado (físico), as práticas de limpeza das compras e as práticas de limpeza das mãos.

Essas relações exemplificam como diferentes elementos circulam entre duas ou mais práticas diferentes, cuja força das relações encontram possibilidade de ser dada pelo quantitativo de elementos exercendo a função de conectivo entre as práticas. Isso demonstra a formação de relações que mantêm os arranjos sociais referentes ao consumo doméstico em um contexto de ruptura, oferecendo, dessa forma, um panorama da dinâmica entre as práticas identificadas neste estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo geral **examinar as mudanças decorrentes da pandemia da COVID-19 nas práticas domésticas de consumo de brasileiros**. Nesse intuito foi realizado um estudo qualitativo baseado nas teorias da prática. Após o acompanhamento do cotidiano de 34 informantes via ‘diários solicitados’ foram percebidas a emergência de práticas domésticas de consumo, bem como as mudanças sofridas nos seus hábitos de consumo perante o contexto de crise retratado.

A análise dos achados dessa dissertação permite observar quais práticas domésticas estão emergindo nas rotinas de consumo (limpeza das compras, limpeza das máscaras, uso de máscaras), quais práticas estão sendo impactadas e sofrendo mudanças em suas dinâmicas (limpeza e desinfecção de superfícies, limpeza das mãos, compras de supermercado, reuso das sacolas plásticas de supermercado), além da relação entre as práticas por meio das ligações entre seus elementos e dos impactos destas no atingimento da sustentabilidade.

As mudanças identificadas perpassam pelos dilemas entre as compras nos estabelecimentos físicos e online, surgimento de novos comportamentos de consumo insustentáveis como o tratamento dado às embalagens plásticas de supermercado para o seu reuso e a lavagem de compras, novos padrões de consumo na realização de práticas de limpeza e uso de produtos protetivos como as máscaras. Observa-se que o contexto pandêmico está impactando em diferentes níveis os processos de aquisição e uso de bens e serviços, bem como o descarte.

Essas alterações sofridas nas performances invariavelmente culminam em impactos ambientais, seja nas ocasiões de descarte de resíduos, seja no aumento do uso de recursos para a realização das práticas de consumo. Para essa constatação foram explorados os elementos materiais envolvidos na execução dessas práticas, os sentimentos que impulsionam esses comportamentos, bem como o conhecimento prático de seus praticantes que estão sendo desenvolvidos em meio a uma crise de saúde pública.

Foi identificado que as práticas domésticas de consumo no contexto da pandemia da COVID-19 requerem uma maior carga de artefatos materiais que levam ao aumento de sua pegada ambiental e, assim, demonstra diferentes formas pelas quais esse contexto tem impactado na produção de resíduos domiciliares, no uso do recurso água, na contaminação do meio ambiente, além da mudança para comportamentos menos sustentáveis em detrimento da preservação da saúde dos indivíduos.

Estes resultados alertam para os desafios os quais governos, instituições e indivíduos terão de enfrentar na tentativa de reverter os efeitos danosos da pandemia nas metas de sustentabilidade e também contribuem para a literatura do comportamento do consumidor em contexto de crise.

Seus achados buscam contribuir para uma compreensão da repercussão da pandemia no comportamento do consumidor e, dessa forma, acrescentar nesse debate a visão contributiva das lentes das teorias da prática que explora os ‘dizeres’ e ‘fazerem’ e elementos constituintes das práticas. Suas implicações gerenciais ressaltam a perspectiva de criação de derivações de produtos de limpeza, produção de embalagens que agridam menos o meio ambiente, também se destaca a necessidade de investimento do varejista em plataformas digitais especializadas em supermercados e em estratégias que visem minimizar os sentimentos negativos dos consumidores em sua experiência de compra, ou ainda desenvolver estratégias que possam amenizar os sentimentos negativos das práticas abordadas.

Como limitações do estudo tem-se a sua realização em apenas alguns estados brasileiros e considerando poucos que se encontram residentes em outro país, entretanto, uma possibilidade de pesquisa futura diante desse fator é a sua ampliação para os estados nos quais ela não foi realizada, além da expansão do estudo a consumidores de outros países de forma a expor questões culturais amplas das práticas. Outros itinerários de estudo sugeridos pode ser um comparativo da performance das práticas estudadas após o fim da pandemia, ou ainda a realização de um estudo longitudinal para verificação de quais práticas realmente foram incorporadas após o período da pandemia.

REFERÊNCIAS

ABRELPE. **Recomendações para a gestão de resíduos sólidos durante a pandemia de coronavírus (covid-19)**. [S. l.: s. n.], 2020.

AHAMED, A.; VALLAM, P.; IYER, N. S.; VEKSHA, A.; BOBACKA, J.; LISAK, G. Life cycle assessment of plastic grocery bags and their alternatives in cities with confined waste management structure: A Singapore case study. **Journal of Cleaner Production**, vol. 278, p. 123956, 2021. DOI 10.1016/j.jclepro.2020.123956. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2020.123956>.

ALASZEWSKI, A. **Using diaries for social research**. [S. l.]: Sage, 2006.

ALKEMEYER, T.; BUSCHMANN, N. Learning in and across practices. In: HUI, A.; SCHATZKI, T.; SHOVE, E. (eds.). **The nexus of practices - Connections, constellations, practitioners**. [S. l.]: Routledge, Taylor & Francis Group, 2017.

AMBRÓSIO, C.; NASCIMENTO, E.; RIBEIRO, M.; SANTANA, R. Informativo de práticas alimentares durante e após a COVID-19: das compras ao preparo. Vitória de Santo Antão, , p. 48, 2020. Available at: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/37450/6/INFORMATIVO.pdf>.

ANDERSON, R. M.; HEESTERBEEK, H.; KLINKENBERG, D.; HOLLINGSWORTH, T. D. How will country-based mitigation measures influence the course of the COVID-19 epidemic? **The Lancet**, vol. 395, no. 10228, p. 931–934, 2020. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30567-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30567-5).

BAKER, S. R.; FARROKHANIA, R. A.; MEYER, S.; PAGEL, M.; YANNELIS, C. How Does Household Spending Respond to an Epidemic? Consumption during the 2020 COVID-19 Pandemic. **The Review of Asset Pricing Studies**, vol. 10, no. 4, p. 834–862, 2020. <https://doi.org/10.1093/rapstu/raaa009>.

BALLANTINE, P. W.; ZAFAR, S.; PARSONS, A. G. Changes in retail shopping behaviour in the aftermath of an earthquake. **International Review of Retail, Distribution and Consumer Research**, vol. 24, no. 1, p. 1–13, 2014. DOI 10.1080/09593969.2013.821419. Available at: <http://dx.doi.org/10.1080/09593969.2013.821419>.

BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2004.

BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. (eds.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 204.

BARBOSA, L.; VELOSO, L. Consumption, domestic life and sustainability in Brazil. **Journal of Cleaner Production**, vol. 63, p. 166–172, 2014. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2013.09.020>.

BERG, J.; HENRIKSSON, M. In search of the ‘good life’: Understanding online grocery shopping and everyday mobility as social practices. **Journal of Transport Geography**, vol. 83, no. January, p. 102633, 2020. DOI 10.1016/j.jtrangeo.2020.102633. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.jtrangeo.2020.102633>.

BETSCH, C.; KORN, L.; SPRENGHOLZ, P.; FELGENDREFF, L.; EITZE, S.; SCHMID, P.;

BÖHM, R. Social and behavioral consequences of mask policies during the COVID-19 pandemic. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, vol. 117, no. 36, p. 21851–21853, 2020. <https://doi.org/10.1073/pnas.2011674117>.

BHATTACHARYA, S.; MAHBUB HOSSAIN, M.; SINGH, A. Addressing the shortage of personal protective equipment during the COVID-19 pandemic in India-A public health perspective. **AIMS Public Health**, vol. 7, no. 2, p. 223–227, 2020. <https://doi.org/10.3934/publichealth.2020019>.

BISWAS, A.; ROY, M. Green products: An exploratory study on the consumer behaviour in emerging economies of the East. **Journal of Cleaner Production**, vol. 87, no. 1, p. 463–468, 2015. DOI 10.1016/j.jclepro.2014.09.075. Available at: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2014.09.075>.

BLUE, S.; SPURLING, N. Qualities of connective tissue in hospital life - How complexes of practices change. *In*: HUI, A.; SCHATZKI, T.; SHOVE, E. (eds.). **The nexus of practices - Connections, constellations, practitioners**. [S. l.]: Routledge, Taylor & Francis Group, 2017.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 11^a. [S. l.: s. n.], 2011.

BREADSELL, J. K.; MORRISON, G. M. Changes to household practices pre- and post-occupancy in an Australian low-carbon development. **Sustainable Production and Consumption**, vol. 22, p. 147–161, 2020. DOI 10.1016/j.spc.2020.03.001. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.spc.2020.03.001>.

BUEGER, C. Pathways to practice: Praxiography and international politics. **European Political Science Review**, vol. 6, no. 3, p. 383–406, 2014. <https://doi.org/10.1017/S1755773913000167>.

BULMER, S.; ELMS, J.; MOORE, S. Exploring the adoption of self-service checkouts and the associated social obligations of shopping practices. **Journal of Retailing and Consumer Services**, vol. 42, no. November 2017, p. 107–116, 2018. DOI 10.1016/j.jretconser.2018.01.016. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.jretconser.2018.01.016>.

CEARÁ. **DECRETO Nº33.510, de 16 de março de 2020**. Brasil: [s. n.], 2020. Available at: <https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/DECRETO-Nº33.510-de-16-de-março-de-2020.pdf>.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Cleaning and Disinfection for Households**. [S. l.: s. n.], 2020a. Available at: https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/prevent-getting-sick/cleaning-disinfection.html?CDC_AA_refVal=https%3A%2F%2Fwww.cdc.gov%2Fcoronavirus%2F2019-ncov%2Fprepare%2Fcleaning-disinfection.html.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Show Me the Science - How to Wash Your Hands. 2020b. **CDC**. Available at: <https://www.cdc.gov/handwashing/show-me-the-science-handwashing.html>.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Storing and Washing Masks. 2020c. Available at: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/prevent-getting-sick/how-to-wash-cloth-face-coverings.html>.

CHAN, K. H.; PEIRIS, J. S. M.; LAM, S. Y.; POON, L. L. M.; YUEN, K. Y.; SETO, W. H. The effects of temperature and relative humidity on the viability of the SARS coronavirus. **Advances in Virology**, vol. 2011, 2011. <https://doi.org/10.1155/2011/734690>.

CHAUHAN, V.; SHAH, H. An empirical analysis into sentiments, media consumption habits, and consumer behaviour during the coronavirus (COVID-19) outbreak. **UGC Care Journal**, vol. 31, no. 20, 2020. .

CHENG, V. C. C.; WONG, S. C.; CHEN, J. H. K.; YIP, C. C. Y.; CHUANG, V. W. M.; TSANG, O. T. Y.; SRIDHAR, S.; CHAN, J. F. W.; HO, P. L.; YUEN, K. Y. Escalating infection control response to the rapidly evolving epidemiology of the coronavirus disease 2019 (COVID-19) due to SARS-CoV-2 in Hong Kong. **Infection Control and Hospital Epidemiology**, vol. 41, no. 5, p. 493–498, 2020. <https://doi.org/10.1017/ice.2020.58>.

CHINAZZI, M.; DAVIS, J. T.; AJELLI, M.; GIOANNINI, C.; LITVINOVA, M.; MERLER, S.; PIONTTI, A. P. y; MU, K.; ROSSI, L.; SUN, K.; VIBOUD, C.; XIONG, X.; YU, H.; HALLORAN, M. E.; LONGINI JR., I. M.; VESPIGNANI, A. The effect of travel restrictions on the spread of the 2019 novel coronavirus (COVID-19) outbreak. **Science**, vol. 400, no. April, p. 395–400, 2020. .

CHU, D. K.; AKL, E. A.; DUDA, S.; SOLO, K.; YAACOUB, S.; SCHÜNEMANN, H. J.; EL-HARAKEH, A.; BOGNANNI, A.; LOTFI, T.; LOEB, M.; HAJIZADEH, A.; BAK, A.; IZCOVICH, A.; CUELLO-GARCIA, C. A.; CHEN, C.; HARRIS, D. J.; BOROWIACK, E.; CHAMSEDDINE, F.; SCHÜNEMANN, F.; ... REINAP, M. Physical distancing, face masks, and eye protection to prevent person-to-person transmission of SARS-CoV-2 and COVID-19: a systematic review and meta-analysis. **The Lancet**, vol. 395, no. 10242, p. 1973–1987, 2020. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31142-9](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31142-9).

COTRIN, P.; BAHLS, A. C.; DA SILVA, D. de O.; PEREIRA GIRÃO, V. M.; MAIO PINZAN-VERCELINO, C. R.; DE OLIVEIRA, R. C. G.; OLIVEIRA, R. C.; DE BARROS CARVALHO, M. D.; PELLOSO, S. M.; VALARELLI, F. P.; FREITAS, K. M. S. The use of facemasks during the COVID-19 pandemic by the Brazilian population. **Journal of Multidisciplinary Healthcare**, vol. 13, p. 1169–1178, 2020. <https://doi.org/10.2147/JMDH.S281524>.

DANIELS, I. R.; REES, B. I. Handwashing: Simple, but effective. **Annals of the Royal College of Surgeons of England**, vol. 81, no. 2, p. 117–118, 1999. .

DE MOOIJ, M.; HOFSTEDDE, G. Cross-cultural consumer behavior: A review of research findings. **Journal of International Consumer Marketing**, vol. 23, no. 3–4, p. 181–192, 2011. <https://doi.org/10.1080/08961530.2011.578057>.

DONTHU, N.; GUSTAFSSON, A. Effects of COVID-19 on business and research. **Journal of Business Research**, vol. 117, no. January, p. 284–289, Sep. 2020. DOI 10.1016/j.jbusres.2020.06.008. Available at: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0148296320303830>.

DUARTE, P. M.; SANTANA, V. T. P. de. Disinfection measures and control of SARS-COV-2 transmission. **Global Biosecurity**, vol. 1, no. 3, 2020. <https://doi.org/10.3748/wjg.v9.i6.1139>.

DUNN, J.; CAPLAN, A. J.; BOSWORTH, R. Measuring the value of plastic and reusable grocery bags. **Journal of Environmental Economics and Policy**, vol. 3, no. 2, p. 125–147,

2014. DOI 10.1080/21606544.2013.870052. Available at:
<http://dx.doi.org/10.1080/21606544.2013.870052>.

ELLIOTT, R.; JANKEL-ELLIOTT, N. Using ethnography in strategic consumer research. **Qualitative Market Research: An International Journal**, vol. 6, no. 4, p. 215–223, 2003. <https://doi.org/10.1108/13522750310495300>.

ELMS, J.; KERVENOAEEL, R.; HALLSWORTH, A. Internet or store? An ethnographic study of consumers' internet and store-based grocery shopping practices. **Journal of Retailing and Consumer Services**, vol. 32, p. 234–243, 2016. DOI 10.1016/j.jretconser.2016.07.002. Available at:
<http://dx.doi.org/10.1016/j.jretconser.2016.07.002>.

EUROPEAN CENTRE FOR DISEASE PREVENTION AND CONTROL. COVID-19 pandemic. 2021. **ECDC**. Available at: <https://www.ecdc.europa.eu/en/covid-19-pandemic>. Accessed on: 6 Feb. 2021.

EVANS, D. M. What is consumption, where has it been going, and does it still matter? **Sociological Review**, vol. 67, no. 3, p. 1–19, 2018. <https://doi.org/10.1177/0038026118764028>.

EVERTS, J.; JACKSON, P. Modernisation and the practices of contemporary food shopping. **Environment and Planning D: Society and Space**, vol. 27, no. 1, p. 917–936, 2009. <https://doi.org/10.1068/d11908>.

FENG, S.; SHEN, C.; XIA, N.; SONG, W.; FAN, M.; COWLING, B. J. Rational use of face masks in the COVID-19 pandemic. **The Lancet Respiratory Medicine**, vol. 8, no. 5, p. 434–436, 2020. [https://doi.org/10.1016/S2213-2600\(20\)30134-X](https://doi.org/10.1016/S2213-2600(20)30134-X).

FILEP, C. V.; TURNER, S.; EIDSE, N.; THOMPSON-FAWCETT, M.; FITZSIMONS, S. Advancing rigour in solicited diary research. **Qualitative Research**, vol. 18, no. 4, p. 451–470, 2018. <https://doi.org/10.1177/1468794117728411>.

FISCHER, E. P.; FISCHER, M. C.; GRASS, D.; HENRION, I.; WARREN, W. S.; WESTMAN, E. Low-cost measurement of face mask efficacy for filtering expelled droplets during speech. **Science Advances**, vol. 6, no. 36, p. 2–6, 2020. <https://doi.org/10.1126/sciadv.abd3083>.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3rd ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLICK, U. **The SAGE Handbook of Qualitative Data Collection**. London: SAGE Publications Ltd, 2018.

GARCIA, L. P.; DUARTE, E. Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil. **Epidemiologia e serviços de saúde : revista do Sistema Unico de Saude do Brasil**, vol. 29, no. 2, p. e2020222, 2020. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000200009>.

GHERARDI, S. **How to conduct a practice-based study : problems and methods**. [S. l.]: Edward Elgar Publishing., 2019.

GIDDENS, A. **The constitution of society : outline of the theory of structuration**. Berkeley: University of California Press, 1984.

GLOBAL HANDWASHING PARTNERSHIP. **The Handwashing Handbook**. [S. l.]: Global Handwashing Partnership, 2020. Available at: http://globalhandwashing.org/wp-content/uploads/2020/10/GHP_Handwashing-Handbook_FINAL.pdf.

GLOBAL PREPAREDNESS MONITORING BOARD. **A world at risk: annual report on global preparedness for health emergencies**. [S. l.: s. n.], 2019. Available at: https://apps.who.int/gpmb/assets/annual_report/GPMB_annualreport_2019.pdf.

GOODMAN, D. J.; COHEN, M. **Consumer Culture - a reference handbook**. Santa Barbara: ABC-CLIO, Inc., 2004.

GORDON, R.; CARRIGAN, M.; HASTINGS, G. A framework for sustainable marketing. **Marketing Theory**, vol. 11, no. 2, p. 143–163, 2011. <https://doi.org/10.1177/1470593111403218>.

GRAEBER, D. Consumption. **Current Anthropology**, vol. 52, no. 4, p. 489–511, 2011. <https://doi.org/10.1086/660166>.

GRAM-HANSEN, K. Understanding change and continuity in residential energy consumption. **Journal of Consumer Culture**, vol. 11, no. 1, p. 61–78, 2011. <https://doi.org/10.1177/1469540510391725>.

GREENE, M.; RAU, H. Moving across the life course: A biographic approach to researching dynamics of everyday mobility practices. **Journal of Consumer Culture**, vol. 18, no. 1, p. 60–82, 2018. <https://doi.org/10.1177/1469540516634417>.

GÜNER, R.; HASANOĞLU, İ.; AKTAŞ, F. Covid-19: Prevention and control measures in community. **Turkish Journal of Medical Sciences**, vol. 50, no. SI-1, p. 571–577, 2020. <https://doi.org/10.3906/sag-2004-146>.

HAND, M.; SHOVE, E.; SOUTHERTON, D. Explaining Showering: A Discussion of the Material, Conventional, and Temporal Dimensions of Practice. **Sociological Research Online**, vol. 10, no. 2, p. 101–113, 2005. <https://doi.org/10.5153/sro.1100>.

HAO, N.; WANG, H. H.; ZHOU, Q. The impact of online grocery shopping on stockpile behavior in Covid-19. **China Agricultural Economic Review**, vol. 12, no. 3, p. 459–470, 2020. <https://doi.org/10.1108/CAER-04-2020-0064>.

HAQUE, M. Handwashing in averting infectious diseases: Relevance to COVID-19. **Journal of Population Therapeutics and Clinical Pharmacology**, vol. 27, no. Special Issues 1, p. e37–e52, 2020. <https://doi.org/10.15586/jptcp.v27SP1.711>.

HAQUE, M.; MCKIMM, J.; SARTELLI, M.; DHINGRA, S.; LABRICCIOSA, F. M.; ISLAM, S.; JAHAN, D.; NUSRAT, T.; CHOWDHURY, T. S.; COCCOLINI, F.; ISKANDAR, K.; CATENA, F.; CHARAN, J. Strategies to prevent healthcare-associated infections: A narrative overview. **Risk Management and Healthcare Policy**, vol. 13, p. 1765–1780, 2020. <https://doi.org/10.2147/RMHP.S269315>.

HARGREAVES, T. Practice-ing behaviour change: Applying social practice theory to pro-environmental behaviour change. **Journal of Consumer Culture**, vol. 11, no. 1, p. 79–99, Mar. 2011. <https://doi.org/10.1177/1469540510390500>.

HIGGINSON, S.; MCKENNA, E.; HARGREAVES, T.; CHILVERS, J.; THOMSON, M.

Diagramming social practice theory: An interdisciplinary experiment exploring practices as networks. **Indoor and Built Environment**, vol. 24, no. 7, p. 950–969, 2015. <https://doi.org/10.1177/1420326X15603439>.

HUANG, C.; WANG, Y.; LI, X.; REN, L.; ZHAO, J.; HU, Y.; ZHANG, L.; FAN, G.; XU, J.; GU, X. Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. **The Lancet**, vol. 395, no. 10223, p. 497–506, 2020. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30183-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30183-5).

HUI, A. Things in motion, things in practices: How mobile practice networks facilitate the travel and use of leisure objects. **Journal of Consumer Culture**, vol. 12, no. 2, p. 195–215, 2012. <https://doi.org/10.1177/1469540512446873>.

HUI, A. Variation and the intersection of practices. In: HUI, A.; SCHATZKI, T.; SHOVE, E. (eds.). **The nexus of practices - Connections, constellations, practitioners**. [S. l.]: Routledge, Taylor & Francis Group, 2017.

HUI, A.; SCHATZKI, T.; SHOVE, E. **The nexus of practices - Connections, constellations, practitioners**. New York: Routledge, 2017.

HUYNH, T. L. D. “If You Wear a Mask, Then You Must Know How to Use It and Dispose of It Properly!”: A Survey Study in Vietnam. **Review of Behavioral Economics**, vol. 7, no. 2, p. 145–158, 2020. <https://doi.org/10.1561/105.00000121>.

IKIZ, E.; MACLAREN, V. W.; ALFRED, E.; SIVANESAN, S. Impact of COVID-19 on household waste flows, diversion and reuse: The case of multi-residential buildings in Toronto, Canada. **Resources, Conservation and Recycling**, vol. 164, no. August 2020, p. 105111, 2021. DOI 10.1016/j.resconrec.2020.105111. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.resconrec.2020.105111>.

JACK, T. Representations – A critical look at media’s role in cleanliness conventions and inconspicuous consumption. **Journal of Consumer Culture**, vol. 20, no. 5, p. 324–346, 2020. <https://doi.org/10.1177/1469540518806958>.

JACKSON, T.; MICHAELIS, L. **Policies for Sustainable Consumption**. [S. l.: s. n.], 2003. Available at: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.322.6476&rep=rep1&type=pdf>.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU). 2021. **JHU**. Available at: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Accessed on: 6 Feb. 2021.

KAMPF, G.; TODT, D.; PFAENDER, S.; STEINMANN, E. Persistence of coronaviruses on inanimate surfaces and their inactivation with biocidal agents. **Journal of Hospital Infection**, vol. 104, no. 3, p. 246–251, 2020. DOI 10.1016/j.jhin.2020.01.022. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.jhin.2020.01.022>.

KIRK, C. P.; RIFKIN, L. S. I’ll trade you diamonds for toilet paper: Consumer reacting, coping and adapting behaviors in the COVID-19 pandemic. **Journal of Business Research**, vol. 117, no. May, p. 124–131, 2020. DOI 10.1016/j.jbusres.2020.05.028. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.05.028>.

KLEMEŠ, J. J.; FAN, Y. Van; TAN, R. R.; JIANG, P. Minimising the present and future

plastic waste, energy and environmental footprints related to COVID-19. **Renewable and Sustainable Energy Reviews**, vol. 127, no. April, 2020.

<https://doi.org/10.1016/j.rser.2020.109883>.

KLINE, R.; PINCH, T. Users as agents of technological change: The social construction of the automobile in the rural United States. **Technology and Culture**, vol. 37, no. 4, p. 763–795, 1996. <https://doi.org/10.2307/3107097>.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis: an introduction to its methodology**. 2nd ed. Thousand Oaks: SAGE PUBLICATIONS INC, 2004.

KUIJER, L.; JONG, A. D. E.; EIJK, D. V. A. N. Practices as a Unit of Design: An Exploration of Theoretical. **ACM Transactions on Computer-Human Interaction (TOCHI)**, vol. 20, no. 4, p. 1–22, 2013. .

KUMAR, J.; KATTO, M. S.; SIDDIQUI, A. A.; SAHITO, B.; JAMIL, M.; RASHEED, N.; ALI, M. Knowledge, Attitude, and Practices of Healthcare Workers Regarding the Use of Face Mask to Limit the Spread of the New Coronavirus Disease (COVID-19). **Cureus**, vol. 12, no. 4, 2020. <https://doi.org/10.7759/cureus.7737>.

LI, J.; HALLSWORTH, A. G.; COCA-STEFANIAK, J. A. CHANGING GROCERY SHOPPING BEHAVIOURS AMONG CHINESE CONSUMERS AT THE OUTSET OF THE COVID-19 OUTBREAK. vol. 0, no. 0, p. 1–10, 2020. <https://doi.org/10.1111/tesg.12420>.

LIM, W. M. Inside the sustainable consumption theoretical toolbox: Critical concepts for sustainability, consumption, and marketing. **Journal of Business Research**, vol. 78, no. April, p. 69–80, 2017. DOI 10.1016/j.jbusres.2017.05.001. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2017.05.001>.

LINDELL, M. K.; PRATER, C. S. Assessing Community Impacts of Natural Disasters. **Natural Hazards Review**, vol. 4, no. 4, p. 176–185, 2003. [https://doi.org/10.1061/\(asce\)1527-6988\(2003\)4:4\(176\)](https://doi.org/10.1061/(asce)1527-6988(2003)4:4(176)).

LIU, C.; DIAB, R.; NAVEED, H.; LEUNG, V. Universal public mask wear during COVID-19 pandemic: Rationale, design and acceptability. **Respirology**, vol. 25, no. 8, p. 895–897, 2020. <https://doi.org/10.1111/resp.13892>.

MACLNTYRE, C. R.; CAUCHEMEZ, S.; DWYER, D. E.; SEALE, H.; CHEUNG, P.; BROWNE, G.; FASHER, M.; WOOD, J.; GAO, Z.; BOOY, R.; FERGUSON, N. Face mask use and control of respiratory virus transmission in households. **Emerging Infectious Diseases**, vol. 15, no. 2, p. 233–241, 2009. <https://doi.org/10.3201/eid1502.081167>.

MALHOTRA, N.; NUNAN, D.; BIRKS, D. **Marketing Research: An Applied Approach**. 6th ed. [S. l.]: Pearson Prentice Hall, 2017.

MANSVELT, J. Consumption. **International Encyclopedia of Geography: People, the Earth, Environment and Technology**. Oxford, UK: John Wiley & Sons, Ltd, 2017. p. 1–6. DOI 10.1002/9781118786352.wbieg0234. Available at: <http://doi.wiley.com/10.1002/9781118786352.wbieg0234>.

MARTENS, L. Practice “in talk” and talk “as practice”: Dish washing and the reach of language. **Sociological Research Online**, vol. 17, no. 3, 2012.

<https://doi.org/10.5153/sro.2681>.

MARTIN-NEUNINGER, R.; RUBY, M. B. What Does Food Retail Research Tell Us About the Implications of Coronavirus (COVID-19) for Grocery Purchasing Habits? **Frontiers in Psychology**, vol. 11, no. June, p. 1–4, 2020. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01448>.

MATHUR, P. Hand hygiene: Back to the basics of infection control. **Indian Journal of Medical Research**, vol. 134, no. 11, p. 611–620, 2011. <https://doi.org/10.4103/0971-5916.90985>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Nota Informativa Nº 3/2020-CGGAP/DESF/SAPS/MS**. [S. l.: s. n.], 2020. Available at:

<https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/Abril/04/1586014047102-Nota-Informativa.pdf>.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Curso de capacitação: sustentabilidade na administração pública**. Brasília, DF: [s. n.], 2017. Available at: <http://a3p.mma.gov.br/wp-content/uploads/Biblioteca/Documentos/Cartilha-formato-Web.pdf>. Accessed on: 8 Jan. 2020.

MINISTRY OF ENVIRONMENT NORWAY. **Report of the Sustainable Consumption Symposium**. Oslo: [s. n.], 1994. Available at: <https://enb.iisd.org/consume/oslo004.html#top>.

MORLEY, J. Technologies within and beyond practices. *In*: HUI, A.; SCHATZKI, T.; SHOVE, E. (eds.). **The nexus of practices - Connections, constellations, practitioners**. [S. l.]: Routledge, Taylor & Francis Group, 2017.

MYLAN, J. Understanding the diffusion of Sustainable Product-Service Systems: Insights from the sociology of consumption and practice theory. **Journal of Cleaner Production**, vol. 97, p. 13–20, 2015. DOI 10.1016/j.jclepro.2014.01.065. Available at: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jclepro.2014.01.065>.

NICOLINI, D. Articulating practice through the interview to the double. **Management Learning**, vol. 40, no. 2, p. 195–212, 2009. <https://doi.org/10.1177/1350507608101230>.

NICOLINI, D. **Practice Theory, Work, and Organization: An Introduction**. [S. l.]: OUP Oxford, 2012.

NICOLINI, D. Practice theory as a package of theory, method and vocabulary: Affordances and limitations. **Methodological Reflections on Practice Oriented Theories**. [S. l.]: Springer International Publishing, 2017. p. 19–34. https://doi.org/10.1007/978-3-319-52897-7_2.

NOY, C. Sampling knowledge: The hermeneutics of snowball sampling in qualitative research. **International Journal of social research methodology**, vol. 11, no. 4, p. 327–344, 2008. <https://doi.org/10.1080/13645570701401305>.

OLIVEIRA, A. C. de; LUCAS, T. C.; IQUIAPAZA, R. A. What has the covid-19 pandemic taught us about adopting preventive measures? **Texto e Contexto Enfermagem**, vol. 29, p. 1–15, 2020. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0106>.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT.

Education and learning for sustainable consumption. Paris: [s. n.], 1999. Available at:

[http://www.oecd.org/officialdocuments/publicdisplaydocumentpdf/?doclanguage=en&cote=com/env/cei\(99\)64](http://www.oecd.org/officialdocuments/publicdisplaydocumentpdf/?doclanguage=en&cote=com/env/cei(99)64).

ORTNER, S. B. Theory in anthropology since the sixties. **Comparative Studies in Society and History**, vol. 26, no. 1, p. 126–66, 1984. Available at: <http://www.jstor.org/stable/178524>.

OUHSINE, O.; OUIGMANE, A.; LAYATI, E.; ABA, B.; ISAIFAN, R.; BERKANI, M. Impact of COVID-19 on the qualitative and quantitative aspect of household solid waste. **Global Journal of Environmental Science and Management**, vol. 6, p. 41–52, 2020. DOI 10.22034/GJESM.2019.06.SI.05. Available at: <https://www.gjesm.net/>.

PALUDAN-MÜLLER AS, BOESEN K, KLERINGS I, JØRGENSEN KJ, M. K. Hand cleaning with ash for reducing the spread of viral and bacterial infections : a rapid review (Review). **Cochrane Database of Systematic Reviews 2020**, no. 4, 2020. DOI 10.1002/14651858.CD013597. Copyright. Available at: <https://www.cochranelibrary.com/es/cdsr/doi/10.1002/14651858.CD013597/epdf/full>.

PANTANO, E.; PIZZI, G.; SCARPI, D.; DENNIS, C. Competing during a pandemic? Retailers' ups and downs during the COVID-19 outbreak. **Journal of Business Research**, vol. 116, no. May, p. 209–213, 2020. DOI 10.1016/j.jbusres.2020.05.036. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.05.036>.

PATERSON, M. **Consumption and everyday life**. [S. l.]: Routledge, Taylor & Francis Group, 2006.

PATRÍCIO SILVA, A. L.; PRATA, J. C.; WALKER, T. R.; CAMPOS, D.; DUARTE, A. C.; SOARES, A. M. V. M.; BARCELÒ, D.; ROCHA-SANTOS, T. Rethinking and optimising plastic waste management under COVID-19 pandemic: Policy solutions based on redesign and reduction of single-use plastics and personal protective equipment. **Science of The Total Environment**, vol. 742, p. 140565, 2020. DOI 10.1016/j.scitotenv.2020.140565. Available at: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0048969720340870>.

PATTON, M. Q. **Qualitative research & evaluation methods: integrating theory and practice**. 4th ed. [S. l.]: Sage, 2015.

PICKERILL, J. Cold Comfort? Reconciling the Practices of Bathing in British Self-Build Eco-Homes. **Annals of the Association of American Geographers**, vol. 105, no. 5, p. 1061–1077, 2015. <https://doi.org/10.1080/00045608.2015.1060880>.

PINK, S. Dirty laundry Everyday practice, sensory engagement and the constitution of identity. **Social Anthropology**, vol. 13, p. 275–290, 2005. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1469-8676.2005.tb00391.x>.

POUPART, J.; DESLAURIERS, J.-P.; GROULX, L.-H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, Á. **A pesquisa qualitativa: Enfoque epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

PROTHERO, A.; DOBSCHA, S.; FREUND, J.; KILBOURNE, W. E.; LUCHS, M. G.; OZANNE, L. K.; THØGERSEN, J. Sustainable consumption: Opportunities for consumer research and public policy. **Journal of Public Policy and Marketing**, vol. 30, no. 1, p. 31–38, 2011. <https://doi.org/10.1509/jppm.30.1.31>.

QUALLS, N.; LEVITT, A.; KANADE, N.; WRIGHT-JEGEDE, N.; DOPSON, S.; BIGGERSTAFF, M.; REED, C.; UZICANIN, A. **Community Mitigation Guidelines to Prevent Pandemic Influenza — United States, 2017**. [S. l.: s. n.], 2017.

QUOQUAB, F.; MOHAMMAD, J. A Review of Sustainable Consumption (2000 to 2020): What We Know and What We Need to Know. **Journal of Global Marketing**, vol. 33, no. 5, p. 305–334, 2020. DOI 10.1080/08911762.2020.1811441. Available at: <https://doi.org/10.1080/08911762.2020.1811441>.

RECKWITZ, A. Toward a Theory of Social Practices: A Development in Culturalist Theorizing. **European Journal of Social Theory**, vol. 5, no. 2, p. 243–263, 2002. <https://doi.org/10.1177/13684310222225432>.

RITCH, E.; BRENNAN, C.; MACLEOD, C. Plastic bag politics: Modifying consumer behaviour for sustainable development. **International Journal of Consumer Studies**, vol. 33, no. 2, p. 168–174, 2009. <https://doi.org/10.1111/j.1470-6431.2009.00749.x>.

ROOKE, J. Handwashing and Plant Based Nutrition: Recurring Themes in Health Education. **American Journal of Health Studies**, vol. 35, no. 2, p. 174–181, 2020. Available at: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=asn&AN=145529443&site=ehost-live>.

RØPKE, I. Theories of practice — New inspiration for ecological economic studies on consumption. **Ecological Economics**, vol. 68, no. 10, p. 2490–2497, 2009. DOI 10.1016/j.ecolecon.2009.05.015 Y3 - 19/05/2019 M4 - Citavi. Available at: file:///C:/Users/lazar_c/AppData/Local/Swiss Academic Software/Citavi/6/ProjectCache/h1nsx8c1hp6w1sut0xhxvgiiqtzhh74dnoq4yxg2ns7nyg/Citavi/Attachments/cda2c778-f9dc-490a-9e5f-808a96faf70b.pdf TS - CrossRef.

RUBIO-ROMERO, J. C.; PARDO-FERREIRA, M. del C.; TORRECILLA-GARCÍA, J. A.; CALERO-CASTRO, S. Disposable masks: Disinfection and sterilization for reuse, and non-certified manufacturing, in the face of shortages during the COVID-19 pandemic. **Safety Science**, vol. 129, no. May, p. 104830, 2020. DOI 10.1016/j.ssci.2020.104830. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.ssci.2020.104830>.

RUNDLE, C. W.; PRESLEY, C. L.; MILITELLO, M.; BARBER, C.; POWELL, D. L.; JACOB, S. E.; ATWATER, A. R.; WATSKY, K. L.; YU, J.; DUNNICK, C. A. Hand hygiene during COVID-19: Recommendations from the American Contact Dermatitis Society. **Journal of the American Academy of Dermatology**, vol. 83, no. 6, p. 1730–1737, 2020. DOI 10.1016/j.jaad.2020.07.057. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.jaad.2020.07.057>.

SALDAÑA, J. **The coding manual for qualitative researchers**. 3rd ed. Los Angeles: SAGE, 2016.

SCHÄFER, M.; HIELSCHER, S.; HAAS, W.; HAUSKNOST, D.; LEITNER, M.; KUNZE, I.; MANDL, S. Facilitating low-carbon living? A comparison of intervention measures in different community-based initiatives. **Sustainability (Switzerland)**, vol. 10, no. 4, 2 Apr. 2018. <https://doi.org/10.3390/su10041047>.

SCHATZKI, T. Crises and adjustments in ongoing life. **Osterreichische Zeitschrift für Soziologie**, vol. 41, p. 17–33, 2016. <https://doi.org/10.1007/s11614-016-0204-z>.

SCHATZKI, T. Introduction : Practice Theory. *In*: T. SCHATZKI; K. CETINA; & E. VON SAVIGNY. (eds.). **The Practice Turn in Contemporary Theory**. London: Taylor and Francis, 2005a.

SCHATZKI, T. Practice mind-ed orders. *In*: T. SCHATZKI; K. CETINA; & E. VON

SAVIGNY (eds.). **The Practice Turn in Contemporary Theory**. London: Routledge, 2005b. p. 50–63. <https://doi.org/10.4324/9780203977453-11>.

SCHATZKI, T. **Social Practices : A Wittgensteinian Approach to Human Activity and the Social**. [S. l.]: Cambridge University Press, 1996.

SCHATZKI, T. Spaces of Practices and of Large Social Phenomena. **Espacestemp.net**, no. 1, p. 1–16, 2015. Available at: <https://www.espacestemp.net/en/articles/spaces-of-practices-and-of-large-social-phenomena/?output=pdf>.

SCHATZKI, T. **The site of the social: A philosophical account of the constitution of social life and change**. University Park: Penn State Press, 2002.

SCHATZKI, T. The sites of organizations. **Organization Studies**, vol. 26, no. 3, p. 465–484, 2005c. DOI 10.1177/0170840605050876. Available at: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0170840605050876>. Accessed on: 8 Jan. 2020.

SESINI, G.; CASTIGLIONI, C.; LOZZA, E. New trends and patterns in sustainable consumption: A systematic review and research agenda. **Sustainability (Switzerland)**, vol. 12, no. 15, 2020. <https://doi.org/10.3390/SU12155935>.

SEVERO, E. A.; DE GUIMARÃES, J. C. F.; DELLARMELIN, M. L. Impact of the COVID-19 pandemic on environmental awareness, sustainable consumption and social responsibility: Evidence from generations in Brazil and Portugal. **Journal of Cleaner Production**, vol. 286, 2021. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2020.124947>.

SHETH, J. Impact of Covid-19 on consumer behavior: Will the old habits return or die? **Journal of Business Research**, vol. 117, p. 280–283, 2020. DOI 10.1016/j.jbusres.2020.05.059. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2020.05.059>.

SHOVE, E. **Comfort, Cleanliness and Convenience: The Social Organization of Normality**. Oxford; New York: Berg, 2003a.

SHOVE, E. Converging Conventions of Comfort, Cleanliness and Convenience. **Journal of Consumer Policy**, vol. 26, p. 395–418, 2003b. Available at: <https://link-springer-com.ez11.periodicos.capes.gov.br/article/10.1023/A:1026362829781>.

SHOVE, E.; PANTZAR, M.; WATSON, M. **The dynamics of social practice: Everyday life and how it changes**. California: Sage, 2012.

SHOVE, E.; TRENTMANN, F.; WILK, R. (Eds.). **Time, Consumption and Everyday Life**. Oxford; New York: Berg, 2009.

SIM, S. W.; MOEY, K. S. P.; TAN, N. C. The use of facemasks to prevent respiratory infection: A literature review in the context of the Health Belief Model. **Singapore Medical Journal**, vol. 55, no. 3, p. 160–167, 2014. <https://doi.org/10.11622/smedj.2014037>.

SLATER, D. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SPURLING, N.; MCMEEKIN, A.; SHOVE, E.; SOUTHERTON, D.; WELCH, D. **Interventions in practice: re-framing policy approaches to consumer behaviour**. [S. l.: s. n.], 2013. Available at: <http://eprints.lancs.ac.uk/id/eprint/85608>. Accessed on: 8 Jan. 2020.

STUTT, R. O. J. H.; RETKUTE, R.; BRADLEY, M.; GILLIGAN, C. A.; COLVIN, J. A

modelling framework to assess the likely effectiveness of facemasks in combination with ‘lock-down’ in managing the covid-19 pandemic. **Proceedings of the Royal Society A: Mathematical, Physical and Engineering Sciences**, vol. 476, no. 2238, 2020.
<https://doi.org/10.1098/rspa.2020.0376>.

SÜSSBAUER, E.; SCHÄFER, M. Greening the workplace: conceptualising workplaces as settings for enabling sustainable consumption. **International Journal of Innovation and Sustainable Development**, vol. 12, no. 3, p. 327–349, 2018. .

TAO, Z.; TIAN, J.; PEI, Y.; YUAN, M.; ZHANG, Y.; DAI, F. A new coronavirus associated with human respiratory disease in China. vol. 579, no. January, 2020.
<https://doi.org/10.1038/s41586-020-2008-3>.

THOMAS, G. O.; SAUTKINA, E.; POORTINGA, W.; WOLSTENHOLME, E.; WHITMARSH, L. The english plastic bag charge changed behavior and increased support for other charges to reduce plastic waste. **Frontiers in Psychology**, vol. 10, no. FEB, p. 1–12, 2019. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00266>.

TOMES, N. “Destroyer and teacher”: Managing the masses during the 1918–1919 influenza pandemic. **Public Health Reports**, vol. 125, no. SUPPL. 3, p. 48–62, 2010.
<https://doi.org/10.1177/00333549101250s308>.

TRAMPUZ, A.; WIDMER, A. F. Hand Hygiene: A Frequently Missed Lifesaving Opportunity During Patient Care. **Mayo Clin Proc.**, vol. 79, p. 109–116, 2004. Available at: <http://repositorio.unan.edu.ni/2986/1/5624.pdf>.

TRENTMANN, F. Disruption is Normal: Blackouts, Breakdowns and the Elasticity of Everyday Life. *In*: SHOVE, E.; TRENTMANN, F.; WILK, R. (eds.). **Time, Consumption and Everyday Life**. Oxford; New York: [s. n.], 2009.
<https://doi.org/10.5040/9781474215862-ch-004>.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME. **Sustainable Consumption and Production: A Handbook for Policymakers - Global edition**. [S. l.: s. n.], 2015.

VANAPALLI, K. R.; SHARMA, H. B.; RANJAN, V. P.; SAMAL, B.; BHATTACHARYA, J.; DUBEY, B. K.; GOEL, S. Challenges and strategies for effective plastic waste management during and post COVID-19 pandemic. **Science of the Total Environment**, vol. 750, p. 141514, 2021. DOI 10.1016/j.scitotenv.2020.141514. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.scitotenv.2020.141514>.

VARALLYAY, C.; LI, N.; CASE, B.; WOLF, B. Material Suitability Testing for Non-Medical Grade Community Face Masks to Decrease Viral Transmission during a Pandemic. **Disaster Medicine and Public Health Preparedness**, , p. 1–7, 2020.
<https://doi.org/10.1017/dmp.2020.262>.

VOLTI, R. A Century of Automobility. **Technology and Culture**, vol. 37, no. 4, p. 663–685, Oct. 1996. DOI 10.2307/3107094. Available at: <https://www.jstor.org/stable/3107094?origin=crossref>.

WARDE, A. After taste: Culture, consumption and theories of practice. **Journal of Consumer Culture**, vol. 14, no. 3, p. 279–303, 13 Nov. 2014.
<https://doi.org/10.1177/1469540514547828>.

WARDE, A. Consumption and theories of practice. **Journal of Consumer Culture**, vol. 5, no. 2, p. 131–153, 13 Jul. 2005. DOI 10.1177/1469540505053090. Available at: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1469540505053090>. Accessed on: 8 Jan. 2020.

WARDE, A. The Sociology of Consumption: Its Recent Development. **Annual Review of Sociology**, vol. 41, no. 1, p. 117–134, 14 Aug. 2015. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-071913-043208>.

WARDE, A.; WELCH, D.; PADDOCK, J. Studying consumption through the lens of practice. **Routledge Handbook on Consumption**. [S. l.]: Taylor & Francis Group, 2017. p. 25–35.

WATSON, M. How theories of practice can inform transition to a decarbonised transport system. **Journal of Transport Geography**, vol. 24, p. 488–496, 2012. DOI 10.1016/j.jtrangeo.2012.04.002. Available at: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jtrangeo.2012.04.002>.

WEST, R.; MICHIE, S.; RUBIN, G. J.; AMLÔT, R. Applying principles of behaviour change to reduce SARS-CoV-2 transmission. **Nature Human Behaviour**, vol. 4, no. May, p. 451–459, 2020. DOI 10.1038/s41562-020-0887-9. Available at: <http://dx.doi.org/10.1038/s41562-020-0887-9>.

WESTROM, M. Bathing in Japan: Applying a practice theory vocabulary to energy use through ethnography. **Energy Research & Social Science**, vol. 44, p. 232–241, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.erss.2018.05.018>.

WIT, W. de; HAMILTON, A.; SCHEER, R.; STAKES, T.; ALLAN, S. Solucionar a poluição plástica: Transparência e responsabilização. **WWF: Fundo Mundial para a Natureza**, Gland, Suíça, , p. 50, 2019. Available at: https://jornalismosocioambiental.files.wordpress.com/2019/03/plastic_report_02-2019.pdf.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Cleaning and disinfection of environmental surfaces in the context of COVID-19**. [S. l.: s. n.], 2020a. Available at: <https://www.who.int/publications-detail/cleaning-and-disinfection-of-environmental-surfaces-inthe-context-of-covid-19>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Coronavirus disease (COVID-19) advice for the public. 2020b. Available at: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>. Accessed on: 21 Mar. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Five keys to safer food manual**. [S. l.: s. n.], 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Infection prevention and control of epidemic-and pandemic-prone acute respiratory infections in health care**. Geneva: World Health Organization, 2014.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mask use in the context of COVID-19**. [S. l.: s. n.], 2020c. Available at: [https://www.who.int/publications/i/item/advice-on-the-use-of-masks-in-the-community-during-home-care-and-in-healthcare-settings-in-the-context-of-the-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)-outbreak](https://www.who.int/publications/i/item/advice-on-the-use-of-masks-in-the-community-during-home-care-and-in-healthcare-settings-in-the-context-of-the-novel-coronavirus-(2019-ncov)-outbreak).

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Recommendations to Member States to improve hand hygiene practices to help prevent the transmission of the COVID-19 virus**. [S. l.: s.

n.], 2020d.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Shortage of personal protective equipment endangering health workers worldwide. 2020e. Available at: <https://www.who.int/news/item/03-03-2020-shortage-of-personal-protective-equipment-endangering-health-workers-worldwide>. Accessed on: 30 Mar. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Water, sanitation, hygiene, and waste management for SARS-CoV-2, the virus that causes COVID-19**. [S. l.: s. n.], 2020f. Available at: <https://www.who.int/publications/i/item/water-sanitation-hygiene-and-waste-management-for-the-covid-19-virus-interim-guidance>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard. 2021. **WHO**. Available at: <https://covid19.who.int/>. Accessed on: 6 Feb. 2021.

XUE, X.; BALL, J. K.; ALEXANDER, C.; ALEXANDER, M. R. All Surfaces Are Not Equal in Contact Transmission of SARS-CoV-2. **Matter**, vol. 3, no. 5, p. 1433–1441, 2020. DOI 10.1016/j.matt.2020.10.006. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.matt.2020.10.006>.

YIN, R. K. **Case study research: design and methods**. 5th ed. California: Sage, 2014.

YUEN, K. F.; WANG, X.; MA, F.; LI, K. X. The psychological causes of panic buying following a health crisis. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, vol. 17, no. 10, 2020. <https://doi.org/10.3390/ijerph17103513>.

ZIMMERMAN, D.; WIEDER, D. The diary: diary-interview method. **Urban life**, vol. 5, no. 4, p. 479–498, 1977. .

APÊNDICE A – ETAPAS DE ORIENTAÇÕES AOS INFORMANTES

1. Conversa inicial

Primeiramente, agradecemos a sua colaboração em nossa pesquisa. Ela visa contribuir para uma melhor compreensão do comportamento de consumo de produtos higiênicos/de limpeza no período da quarentena.

As informações que serão coletadas são confidenciais e a sua identidade será mantida sob TOTAL SIGILO e será preservado o ANONIMATO no momento da divulgação dos resultados para fins acadêmicos, de forma a assegurar a privacidade do entrevistado.

A sua participação se dará por meio de DIÁRIO DE CAMPO ELETRÔNICO, com depoimentos dados diariamente através de telegram/whatsapp sobre as perguntas que levantaremos. Serão solicitados comentários sobre seus hábitos/práticas, bem como fotos e vídeos de situações/práticas caseiras (sem a identificação da pessoa), como das pias de suas casas, materiais de limpeza e desinfecção – as fotos/vídeos devem ser as mais espontâneas possíveis, sem preocupação de estar nada arrumado.

Também serão realizadas ENTREVISTAS por mídia digital (via google meet / hangout / skype / etc.) a serem agendadas previamente.

Esclarecemos que não existe certo ou errado nas informações a serem dadas.

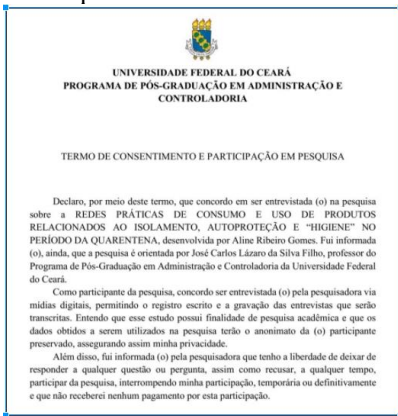
A qualquer momento você tem a liberdade de deixar de responder qualquer questão ou pergunta e não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela sua participação.

Para iniciarmos a pesquisa, precisamos que você concorde com o termo de acordo para participação na pesquisa e preencha um breve questionário sobre seus dados pessoais que se encontra nesse link:

<https://forms.gle/N56MSEtLEmzHUGm2A>

Assim que tivermos sua anuência CRIAREMOS UM GRUPO [VOCÊ, José Carlos (meu orientador) e eu (Aline)] com o Nome "Diário de _____", lá passaremos mais instruções.

2. Questionário constante no link publicado na plataforma “Google forms”

SEÇÃO 1
<p>Prezado(a),</p> <p>Este é um convite para participar de um estudo que irá subsidiar o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará – PPAC/UFC, realizada pelo grupo de pesquisa INOS (Inovação e Sustentabilidade).</p> <p>Este trabalho será realizado pela mestrandia Aline Ribeiro e pelo orientador Prof. José Carlos Lázaro num período de 7 a 15 dias.</p> <p>Buscaremos fazer uma pequena entrevista virtual ao final deste período e eventualmente entraremos em contato após este período de crise para algumas questões de longo termo</p> <p>A pesquisa visa contribuir para uma melhor compreensão das práticas de consumo e uso de produtos relacionados ao isolamento, a autoproteção e à higiene no período da quarentena.</p> <p>As informações que serão coletadas são confidenciais e a sua identidade será mantida sob TOTAL SIGILO e será preservado o ANONIMATO no momento da divulgação dos resultados para fins acadêmicos, de forma a assegurar a privacidade do entrevistado.</p> <p>A qualquer momento o participante tem a liberdade de deixar de responder qualquer questão ou pergunta e não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira pela sua participação.</p> <p>Qualquer dúvida sobre a pesquisa ou interesse nos resultados poderá ser esclarecido através dos seguintes contatos:</p> <p>Aline Ribeiro - e-mail: alinearg@gmail.com; whatsapp/telegram: (85) XXXXX-XXXX</p> <p>José Carlos Lázaro - e-mail: lazaro@ufc.br; whatsapp/telegram: (85) XXXXX-XXXX</p> <p>Desde já agradecemos a sua participação.</p>
<p><input type="checkbox"/> Concordo em participar da pesquisa.</p> <p><input type="checkbox"/> Não concordo em participar da pesquisa.</p>
SEÇÃO 2 - Consentimento
<p>Como elemento central nos procedimentos éticos da área de Administração e estudos Organizacionais o consentimento de participação na pesquisa é uma formalidade e uma solicitação, de forma alguma uma imposição.</p>
<p>Para darmos início ao estudo, é necessário que você aceite o termo de anuência para participação na pesquisa.</p>
 <p>The image shows a document titled 'TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA' from the 'UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E CONTROLADORIA'. It contains a declaration of consent to participate in a research project about digital media practices, isolation, and hygiene during quarantine. The document also states that the researcher will ensure the participant's privacy and that participation is voluntary and unpaid.</p>
<p><input type="checkbox"/> Declaro que li e concordo com o "Termo de consentimento e participação em pesquisa".</p>
SEÇÃO 3 - Dados e Informações
<p>Número do telegram e/ou whatsapp</p> <p>E-mail</p> <p>Nome (simplificado de contato)</p>
SEÇÃO 4 - Dados sociodemográficos
<p>Idade</p> <p>Sexo: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Prefiro não responder <input type="checkbox"/> Outros:</p> <p>Escolaridade</p> <p><input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto ou em curso</p> <p><input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo</p> <p><input type="checkbox"/> Ensino médio ou técnico incompleto ou em curso</p> <p><input type="checkbox"/> Ensino médio ou técnico completo</p> <p><input type="checkbox"/> Ensino superior incompleto ou em curso</p>

<input type="checkbox"/> Ensino superior completo <input type="checkbox"/> Pós-graduação incompleta ou em curso <input type="checkbox"/> Pós-graduação completa <input type="checkbox"/> Nenhuma das anteriores Qual o seu atual estado civil? <input type="checkbox"/> Casada (o) <input type="checkbox"/> União estável <input type="checkbox"/> Solteira (o) <input type="checkbox"/> Viúva (o) <input type="checkbox"/> Separada (o) / divorciada (o) <input type="checkbox"/> Outros Cidade e Estado (e país, caso não more no Brasil):
SEÇÃO 5 - Sobre o trabalho
Atualmente você está: <input type="checkbox"/> Trabalhando em casa (home office) <input type="checkbox"/> Trabalhando normalmente (me desloco até a empresa todos os dias) <input type="checkbox"/> Estou sem trabalhar no momento <input type="checkbox"/> Trabalho parcialmente em casa e parcialmente na empresa Caso esteja trabalhando, qual a sua atividade? (caso não esteja trabalhando, pode responder: não trabalho) Quantas pessoas estão morando com você atualmente? Renda familiar <input type="checkbox"/> Até 2 salários mínimos (até R\$ 2.090,00) <input type="checkbox"/> Acima de 2 até 4 salários mínimos (entre R\$ 2.090,01 a R\$ 4.180,00) <input type="checkbox"/> Acima de 4 até 10 salários mínimos (entre R\$ 4.180,01 a R\$ 10.450,00) <input type="checkbox"/> Acima de 10 até 20 salários mínimos (entre R\$ 10.450,01 e R\$ 20.900,00) <input type="checkbox"/> Acima de 20 salários mínimos (R\$ 20.900,01 ou mais)
SEÇÃO 6 – Encerramento xxxxxx
Xxxxxx

3. Instruções pós confirmação

Agora com a sua confirmação de participação, seguem as próximas orientações:

Aqui neste grupo/diário utilizaremos dois métodos de estudo:

1 - DIÁRIO DE CAMPO ELETRÔNICO: para postagens diárias sobre as perguntas que levantaremos.

Serão solicitados comentários diários sobre seus hábitos/práticas, bem como fotos e vídeos de situações/práticas caseiras (sem a identificação da pessoa), como das pias de suas casas, materiais de limpeza e desinfecção - as fotos devem ser mais espontâneas possíveis, sem preocupação de estar nada arrumado.

2 - ENTREVISTAS POR MÍDIA DIGITAL (via Google Meet / Hangout / Skype / etc.) que serão agendadas previamente.

Você pode ir registrando no decorrer do dia quais dessas opções você praticou (através de fotos, vídeos, escritos e/ou áudios) e pode postar aqui no grupo:

1. Informar-se sobre o COVID19
2. Compras de supermercado / limpeza das compras
3. Compra e uso de produtos de desinfecção
5. Limpeza de produtos
6. Uso das máscaras / limpeza das máscaras
7. Limpeza das mãos
8. Limpeza e desinfecção de superfícies

Lembre-se que este é um diário. Tente colocar fotos/vídeos (evite colocar os rostos) e comentários (pode ser escrito ou áudio) diariamente sobre os tópicos acima.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E
CONTROLADORIA****TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA**

Declaro, por meio deste termo, que concordo em ser entrevistada (o) na pesquisa sobre a COMPORTAMENTO DE CONSUMO DE PRODUTOS HIGIÊNICOS NO PERÍODO DA QUARENTENA desenvolvida por Aline Ribeiro Gomes. Fui informada (o), ainda, que a pesquisa é orientada por José Carlos Lázaro da Silva Filho, professor do Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Universidade Federal do Ceará.

Como participante da pesquisa, concordo ser entrevistada (o) pelos pesquisadores via mídias digitais, permitindo o registro escrito e a gravação das entrevistas que serão transcritas. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e que os dados obtidos a serem utilizados na pesquisa terão o anonimato da (o) participante preservado, assegurando assim minha privacidade.

Além disso, fui informada (o) pelos pesquisadores que tenho a liberdade de deixar de responder a qualquer questão ou pergunta, assim como recusar, a qualquer tempo, participar da pesquisa, interrompendo minha participação, temporária ou definitivamente e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Fortaleza, _____ de _____ de 2020.